FON FON
ANNO XXIV — N.º 7
15 de Fevereiro de 1930
PREÇO:
OROZIO BELEM

A machina humana

Toda gente sabida e prudente deve, periodicamente, proceder ao expurgo do organismo, submettendo-o a um certo regimen de desintoxicação. As pessôas que não podem sujeitar-se a tal limpeza periodica, obterão optimos resultados, sobretudo no verão, tomando alguns comprimidos Bayer de Helmitol durante o dia.

O Helmitol faz uma verdadeira lavagem, circulante, do organismo.

HELMITOL

ESTADOS DE DEPRESSÃO

Muitas vezes sentimos forte sensação de cansaço ou repentina depressão nervosa, sem que atinemos com a causa destas perturbações. Em muitos casos são ellas devidas a perdas de phosphoro e calcio, que os alimentos quotidianos não contêm em quantidade sufficiente para abastecer o organismo. A Candiolina é um producto da Casa Bayer, mundialmente conhecido, e que suppre magnificamente o organismo daquellas substancias, que se apresentam sob uma forma agradavel de tomar e facilmente assimilaveis. Em casos, pois, de fraqueza physica ou de depressão nervosa, devemos aconselhar, sempre, o uso da Candiolina.

UM DENTIFRICIO IDEAL.

DISSOLVA E EXPERIMENTE

Acaba de apparecer um novo dentifricio que está fazendo grande successo. Trata-se do Ortizon Bayer, para uso diario, dentifricio ideal porque perfuma e desinfecta a bocca, protegendo os dentes da carie. Além dessa vantagem accresce que o Ortizon tem a propriedade de branquear os dentes, mesmo dos fumantes.

O Ortizon Bayer, dissolvido em agua, forma uma especie de agua ozonizada, perfumada, muito agradavel para a desinfecção geral da bocca.

E' o mais moderno e util dos dentifricios para uso diario.

O conto brasileiro

João Quilombóla

Conto de EUGENIO RIO

Em criança, eu ouvira falar muitas vezes em João Quilombóla, personagem quasi phantastico, que fizera tremer as aldeias e cujo renome, aureolado de sangue, chegára ás cidades, trazido pelos escravos.

Eu ouvira muitas vezes as historias, as narrativas horripilantes dos actos nefandos praticados por um negro, escravo fugido, que, no seu quilombo, conseguira fazer-se o chefe temido de um bando de parceiros, todos como elle, atirados á senda do roubo e do assassinato na conquista de uma liberdade impossivel de ser obtida de outra maneira.

O meu cerebro de criança guardou as impressões dessas narrativas e o nome de João Quilombóla, como tambem o do theatro das suas façanhas nunca se apagaram da minha memória.

Fiz-me homem e, um dia, as necessidades da vida jogaram-me justamente no lugar em que, outróra, João Quilombóla exercêra o seu imperio de sangue e rapinagem.

Todas as scenas tenebrosas e hediondas que eu ouvira, contadas pelos ex-escravos, reavivaram-se no meu cerebro e eu revi a imagem que meu cerebro phantasiára outr'ora, deante de mim, descendo das montanhas á frente do seu bando assassino, o horrivel e legendario negro, tendo á dextra um trabuco mortifero, á cinta uma longa e acerada faca de matto, os olhos injectados de sangue, a camisa vermelha tecida como a lã dos carneiros e as carnes mal cobertas por andrajos!

Um arrepio de horror correu-me pelo corpo.

Mas... essa historia do João Quilombóla seria veridica?

Não teria nascido do cerebro empolgado dos negros escravos, tão accessiveis ás lendas inverosimeis e ás phantasias mais estupendas?

Teria mesmo existido esse famigerado e temivel Quilombóla?

Eu me achava justamente no lugar onde, diziam, elle tinha tido o seu campo de acção; cumpria-me investigar a verdade, procurando-a no meio da gente pacata da pequena e florescente villa que nascera da aldeia pobre de outras eras.

Foi o que fiz.

Procurei na villa as pessoas de idade avançada que deviam conhecer, pelo menos por tradição, o celebre bandoleiro negro.

Procurei ouvir de preferencia as pessoas de raça branca, temendo justamente que os pretos contassem aquellas lendas que eu já ouvira.

De dois velhos, um ex-feitor de escravos e outro uma velha senhora de fazenda, ouvi, com pequenas variantes e sem as phantasmagorias dos pretos, as mesmas narrativas e obtive a certeza de que João Quilombóla existira de facto.

Vivêra fazendo tropelias, assaltando e roubando as fazendas, e sempre que a trópa dos "capitães do matto" o perseguia, elle voltava, depois de escaramuças mais ou menos sangrentas, virando o seu odio contra os fazendeiros que haviam denunciado a sua presença.

Então, o crime de saque culminava no massacre da gente da fazenda, arcabuzada ou cozida á ponta de faca e muitas vezes o céo puro e azul bistrava-se com a fumarada do incendio que destruia a casa da fazenda, as senzalas e as plantações.

Muitos dos asseclas de João Quilombóla pagáram na forca ou na bocca do bacamarte os assassinatos que o bando praticava; mas o chefe, o feroz capitão da quadrilha africana, esse jamais fôra pegado.

Um dia, sem que ninguem soubesse como, desapparecêra, como por encanto o bando de João Quilombóla e ninguem sabia dizer onde se mettêra elle com os seus bronzeos e famigerados comparsas.

Pouco mais conseguira eu saber com as investigações que fizéra e a noticia do fim da éra das tropelias do bando sinistro, desapparecido por encanto, deixára insatisfeita a minha curiosidade.

Deante disso, achei que devia continuar a investigar até que chegasse á conclusão perfeita, verificando si o bando éra ou não o producto de uma fabula ou como tivéra fim.

Todos aquelles que sabiam das façanhas do negro salteador contaram-me sempre a mesma cousa.

Uma velhinha, porém, disse-me que havia alguem que talvez pudesse dar mais alguns esclarecimentos; era um preto octogenario, uma especie de eremita negro, que vivia na montanha a seis ou sete kilometros do fim da villa, á beira de um regato, em uma tosca cabana. Esse homem era uma especie de curandeiro da gente pobre; assistia os doentes, fazia quarto aos moribundos, rezava nas sepulturas acabadas de fechar e voltava para a montanha, onde ficava até que soubesse que alguem, na villa, estava soffrendo ou moribundo.

Ninguem lhe sabia o nome, e o cognome que lhe deram tinha qualquer cousa de mystico e suave; chamavam-no Beato do Monte.

Resolvi ver o Beato do Monte.

Cheguei a uma choupana construida sob a capa frondosa de uma carrapeteira gigante, simples tapéra construida de folhas e coberta de palmas de coqueiro; ao lado um regato de agua pura ru-

morejava descendo a caminho da villa.

— O' de casa! — disse eu, apeiando e amarrando a um páo o meu cavallo.

Uma fórma branca appareceu á porta da choupana; uma cabelleira branca coroava uma face tisnada, na qual os annos e os soffrimentos haviam desenhado um labyrintho de rugas, as mãos negras, tremulas e descarnadas emergiam de largas mangas de uma ampla blusa de algodão alvejado que, por sua vez, cahia sobre umas calças da mesma fazenda.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo! — disse o solitario, com voz sumida e lenta.

— Para sempre seja louvado! — respondi, consoante a praxe.

— Tem alguem soffrendo lá em baixo? — inquiriu.

— Não, meu velho; eu é que preciso conversar com você.

— Commigo? Conversar? Que?

— Alguma cousa que o meu velho poderá me informar...

Elle empurrou para mim um banco desconjuntado, esperou que eu me sentasse e depois, emquanto se abaixava para sentar-se no sólo, disse:

— Se o pobre velho puder servir a seu nhônhô, terá muita satisfação.

Os seus olhos, amortecidos e já esbranquiçados, fitavam-me com curiosidade.

Contei-lhe, então, tudo quanto sabia a respeito de João Quilombóla e disse-lhe o meu desejo de saber mais alguma cousa.

A' proporção que eu falava, elle saccudia affirmativamente a cabeça branca e no fim, quando eu terminei, elle disse:

— E *depois?*

— E' o que eu desejo saber.

— P'ra que?

— Para saber tudo.

— Pois então eu lhe vou contar.

O velhinho passou a mão pelos olhos e pela testa, como para avivar recordações remotas, e começou:

— O meu nhônhô já sabe muito, muito de João Quilombóla; eu lhe vou contar o fim. João, assim que fugiu da casa do seu senhor, formou um quilombo no matto e com elle mais dez negros fugidos resolveram roubar para viver a vida livre. Assim fizeram.

Um dia, o senhor de João deu caça aos quilombólas, acompanhado de um capitão do matto, matou oito dos seus companheiros e levou para o tronco da sua fazenda os

O CONTO BRASILEIRO

(Continuação)

* * *

tres restantes. Os troncos se tingiram diariamente do sangue dos tres desgraçados, que iam morrer alli, com o sangue arrancado dia a dia á ponta de chicote.

"Deante da maldade, deante dos supplicios dos tres parceiros, os quarenta negros da fazenda, uma noite, revoltaram-se, soltaram os presos e, matando os feitores, invadiram a casa da fazenda. A familia do fazendeiro foi massacrada e João foi quem, na ponta da faca, mandou para o outro mundo o seu senhor. Quando elle ia sahir da casa a que os seus companheiros já haviam ateiado fogo, João viu a um canto, pallida de mêdo, a sua "sinhá-moça", a filha mais nova do seu senhor. Segurou-a pelos cabellos e o seu facão ia cortar-lhe o pescoço, quando ella juntou as mãos e murmurou:

"— Sou innocente: não me mate!

"Então João pensou em uma perversidade; com a ponta da faca traçou na testa da menina uma cruz, desfigurando aquelle rosto lindo.

Ergueu-a nos braços, pulou uma janella, cahindo no terreiro. Nesse momento, sem se saber por que, se estabeleceu o panico na horda assaltante e os negros fugiram para todos os lados. João atirou a menina ao chão e tambem fugiu.

"Divididos os negros, João tornou a formar o seu quilombo, então augmentado para tres dezenas de negros.

"Foi então que começou a phase de terror das fazendas e das aldeias. Muitos dos companheiros de João Quilombóla morreram ou foram aprisionados, mas outros vinham preencher suas faltas no quilombo. Durante quinze annos, essa horda saqueou, matou e incendiou.

"Um dia, em uma escaramuça com a policia João foi atravessado

por uma bala e levado moribundo para um hospital.

"Alli, pela primeira vez, ouviu palavras meigas, recebeu carinhoso tratamento e muitas vezes uma irmã de caridade vinha para a beira da sua cama repetir-lhe orações, que elle decorava, ou então com suas mãos brancas e finas curava a ferida do peito negro, dando-lhe allivio. Uma vez, essa irmã trazendo-lhe uma chicara de caldo, suspendeu-lhe o busto para que elle se sentasse na cama.

"Elle olhou para aquelle rosto macerado mas bello, e suffocou um grito! Na testa da irmã de caridade havia uma cicatriz vermelha formando uma cruz!

"João, horrorizado, juntou as mãos, supplicantes:

"— Perdão, perdão, minha sinhá-moça!

"A irmã sorriu tristemente e disse:

— Meu irmão, Deus já o perdoou; aqui não está sua sinhá-moça, mas sim a sua irmã em Jesus. Tome o caldo, não tenha medo de mim.

"Elle, porém, pegou-lhe as mãos e, cobrindo-as de beijos, rompeu a chorar como nunca chorára em sua vida.

"Desde então, João Quilombóla esperava tranquillamente o dia em que, curado, fosse levado a expiar seus crimes na forca ou nas galés.

"O seu odio ao branco se dissipára e a sua ex-sinhá-moça, agora sorôr Maria da Cruz, levava para o seio da religião, completamente arrependido e contricto, o famigerado João Quilombóla.

"E na vespera do dia em que João devia partir para a presiganga, a irmã Maria da Cruz abriu-lhe a porta para a fuga e lhe disse:

"Foge; vae purgar teus peccados, vae fazer o bem, vae ver se ganhas o céo...

"— E a minha sinhá-moça?...

"— A tua irmã já te perdoou, vae.

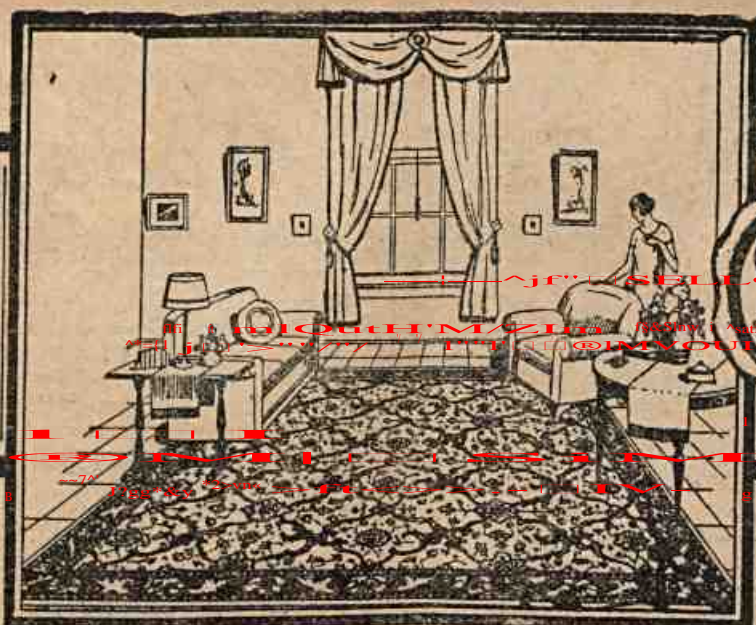
"João partiu.

"Sua vida foi, então, mortificada pelas penitencias e pelo jejum, e elle começou a praticar todo o bem que podia e a evitar o mal."

Olhei para o velho, que tremia, e vi que elle enxugava lagrimas.

Ergui-me, suspendi-o, obrigando-o a erguer-se nas pernas tremulas e, commovido, quasi certo da resposta que ia ouvir, disse:

— Então, esse João Quilombóla, esse phantasma dos fazendeiros...

— E' sim, meu senhor! Será que Deus já me perdoou?

O "Sello de Ouro" reproduzido acima identifica os productos Congoleum legitimos.

Agora todos podem ter um lar attrahente e confortavel!

E isto sem um sensivel dispendio de dinheiro, pois os famosos Tapetes Artisticos Congoleum Sello de Ouro — indispensaveis em todo o lar moderno — estão ao alcance de todas as bolsas.

Para provar a superioridade destes inegualaveis tapetes basta mencionar que, no paiz onde mais tapetes se usam — nos Estados Unidos da America — ha muito maior numero de Tapetes Artisticos Congoleum Sello de Ouro em uso do que qualquer outro.

As fabricas do Congoleum são as maiores do mundo. Dahi, o reduzido custo da sua fabricação e o modico preço por que é vendido.

Lindos desenhos para cada quarto

Os padrões do Congoleum são sempre creações especiaes — recentissimas — dos mais celebres desenhistas de tapeçarias de Paris, Londres e Nova York. As suas côres são uma verdadeira maravilha.

Com um Tapete Artistico Congoleum Sello de Ouro no chão, ser-lhe-á facilissimo ter o soalho sempre limpo e sanitario.

Limpa-se o Congoleum num instante, com um simples panno molhado em agua — nada de poeira e trabalho fatigante! O Congoleum adapta-se ao soalho sem ser pregado de forma alguma.

Note os preços baixos

1m83 x 2m75	87$000	2m75 x 3m20	155$000
2m20 x 2m75	111$000	2m75 x 3m66	173$000
2m75 x 2m75	133$000	2m75 x 4m58	210$000

Nos Estados accresce o frete.

Outras Formas de Congoleum

O Congoleum Sello de Ouro vem tambem em peças de 1m83 e 2m75 de largura. Ha tambem *Passadeiras* e *Guarnições* Congoleum com encantadores desenhos.

TAPETES ARTISTICOS CONGOLEUM *Sello de Ouro*

À venda em todas as boas casas

Vendas por atacado:

Congoleum Co. of Delaware

Caixa Postal 1805
Rio de Janeiro
Rua José Bonifacio 13
São Paulo

Mande-nos este "coupon" com o seu nome e endereço e lhe enviaremos um Folheto Colorido, com reproducções dos bellissimos padrões destes formosos tapetes.

GRATIS — Lindo Folheto Colorido

Congoleum Company of Delaware, Caixa Postal 1805, Rio de Janeiro

Nome ____________________

Rua e No. ____________________

Cidade e Estado ____________________ ESCREVA CLARAMENTE

S. Ex. a Móda

ARTISTA por indole e por educação, vejo-me sempre forçado a andar criticando os desmandos de sua Magestade a Moda, essa entidade despotica como um dictador e por vezes estupida como um "nouveau-riche".

Aquelles que me conhecem o physico sabem que eu nada tenho de elegante; não sou um Brumell suburbano, nem um Principe de Galles de fancaria; sou um pobre diabo, um "terre-a-terre" que passa e repassa pelas ruas sem chamar a attenção de ninguem.

Acho, porém, que, para criticar alguma cousa, e principalmente a Moda, não é imprescindivel que o critico use a cousa, tome parte directa nella; bastam o bom senso e a logica.

Para que se possa dizer do valor de um livro, de uma estatua ou de um quadro, não é necessario que se seja escriptor, esculptor, pintor.

Muitas vezes, o facto do critico ser artista da arte que critica, impede que elle julgue com frieza e sem imparcialidade, porque está, naturalmente, preso a uma determinada maneira de ver, que é muito sua e que, portanto, o torna um tanto parcial.

Não venho para aqui dictar modas, porque reconheço que não daria conta do meu recado; venho simplesmente criticar aquillo que, na falta de originalidade a Moda lançou ultimamente, com o unico fim de desfazer o que anteriormente conseguira.

Não se poderá negar que o anno de 1929 foi todo elle empregado, pelos lançadores da Moda, para destruir a silhueta moderna, simples, esthetica, que a Moda conseguio até 1928 para as mulheres.

Depois de uma luta insana, em que paes, maridos, noivos e irmãos se bateram pela conservação das tranças e *côques* das mulheres, ellas conseguiram, depois de tragedias, lagrimas, rompimentos e desgostos, implantar a Moda dos cabellos cortados.

A cabeça da mulher deixou de ser o "mundéo" de travéssas, grampos, fitas, etc., para ser, afinal, apresentada como um lindo capitel, artistico, hygienico e moderno.

Os esthetas exaltaram, os hygienistas sorriram satisfeitos como quando viram abolido o espartilho secular; ellas, as mulheres, sentiram-se mais leves, as cabeças mais frescas cobertas por chapéos mais leves e menores.

Mas... de um cerebro qualquer surgiu uma idéa: u'a mulher qualquer que tinha o pescoço, a nuca marcada por cicatrizes indisfarçaveis inventou a Moda dos cabellos cobrindo o pescoço, porque não podia, sem mostrar o seu defeito physico, usar a Moda que empolgava.

Submissas, sem procurar saber a quem aproveitava tal moda, as outras mulheres, aquellas que eram perfeitas e que podiam mostrar á luz luz do dia, pescoços limpos, nucas adoraveis e orelhas perfeitas, em um momento igualaram-se ás outras, ás defeituosas e esconderam os encantos que possuem...

Ahi estão as cabelleiras feias e antiquadas que usaram as nossas tetravós, isso depois do apparecimento do perfil mais lindo que a mulher em todos os tempos já obteve.

Como se não bastasse isso para destruir a silhueta gracil das elegantes de 1928, foram lançados os vestidos que ahi estão, cheios de pontas ou mais compridos na parte posterior, lembrando a silhueta das damas da Côrte portugueza em 1820.

Dos vestidos simples e bonitos que vinham dando á mulher um ar moderno e distincto, voltamos ás antiquadas cinturas curtas, ás capinhas tapando as costas, e não será difficil ver-se reapparecerem as celebres caudas e, quem sabe?, o estupido collete-espartilho que durante tantos annos anemisou e destruiu pela tuberculose tantas moças e senhoras!

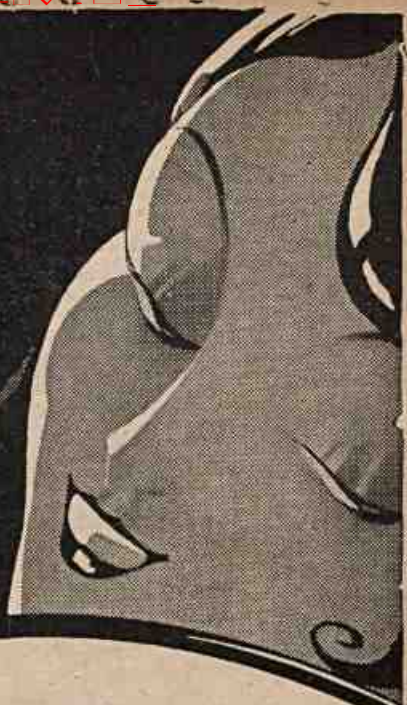
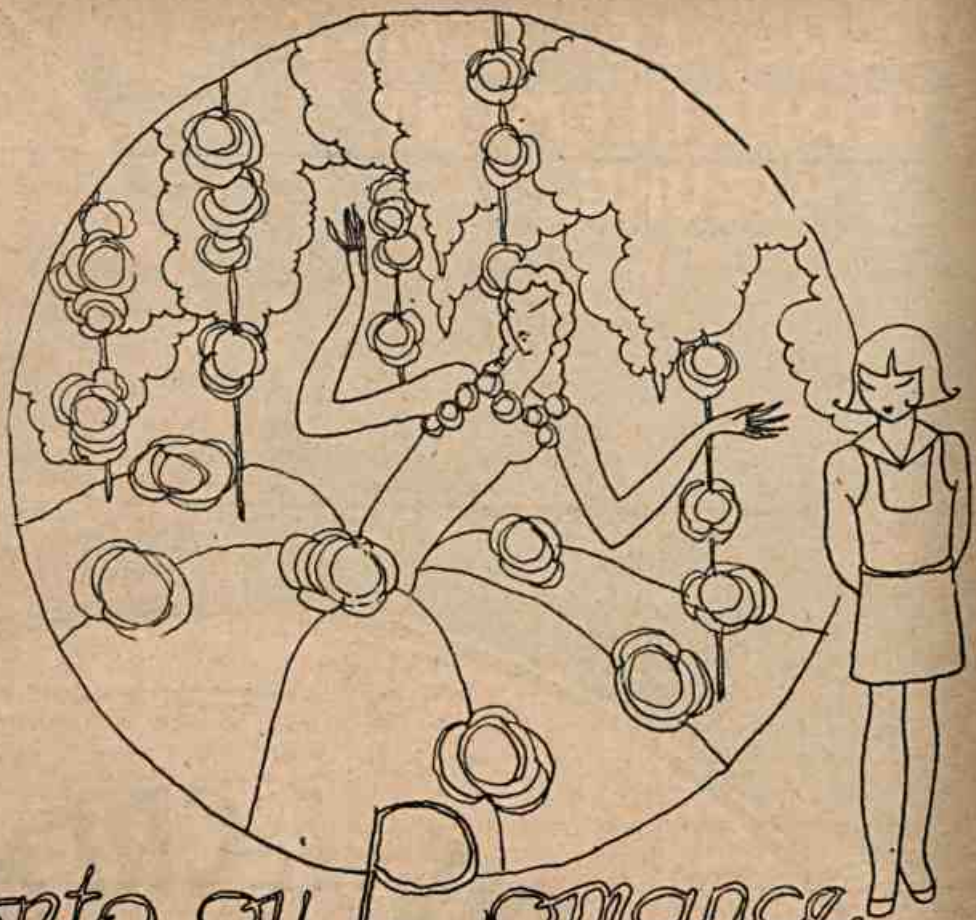
As modas que ahi estão nada têm de novo e a sua acceitação verifica-se apenas nas camadas elegantes mais sensiveis ás injuncções de Paris e de Hollywood; felizmente, as pessoas sensatas procuram oppôr-lhes uma resistencia capaz de destruil-as, o que fatalmente se dará.

Dentro de um paiz onde não ha inverno e no qual o verão faz subir os thermometros á casa dos 38 gráos, os cabellos cahidos na nuca, os vestidos compridos e as capinhas nas costas são, além de tudo, um supplicio que as mulheres serão obrigadas a supportar sacrificando á Moda o bem estar e talvez a saude.

Quando chegará o dia em que as mulheres modernas, tão sedentas de liberdade, de igualdade e de direitos, possam quebrar os grilhões que as acorrentam á Moda?

A previsão difficil de fazer não tenta aos prophetas e eu apenas tenho a certeza de que esse dia eu não verei...

ASTAROTH

MALGRÉ LE TEMPS
ÉTERNELLEMENT
JEUNE
30 ANS
40 ANS
20 ANS
10 ANS
LA REINE DES CRÈMES
FORMULE J. LESQUENDIEU
EN PERPÉTUERA LE CHARME
Idéale pour la beauté du teint
protège le visage contre le hale et les rougeurs
maintient parfaitement la poudre
Em venda em todas as boas casas
do Brazil
S. A. la Reine des Crèmes PARIS (France)

Conto ou Romance

Jacques Christophe

ELLA tinha lido um conto onde uma princeza ia, á noite, por um jardim fechado — em tudo semelhante aos de seu pae — mas que era maravilhoso porque ella não entrava nelle senão só, e em segredo.

Amava tambem o romance do rapaz que possuia um cão — o mais feio de todos os cães — mas que voava, desde que o açulassem com uma palavra magica.

Em sonho, ella seguia os passeios da princeza e, toda noite, pensava no cão voador. Elle desejaria um refugio, não importa qual, uma caverna, mas que todo mundo o ignorasse. Ella procurava reunir syllabas as mais estranhas, á procura de uma palavra que pudesse, um dia, leval-a até muito longe.

No emtanto, Lucette estava na pensão Dalbe, mettida num vestido azul escuro, de collarinho, obrigada a cumprir os seus deveres de grammatica que, á aproximação dos verbos irregulares, se tornavam cada vez mais insupportaveis. Tinha de aprender lições de historia, cujo texto, de anno para anno, estava mais sobrecarregado de datas.

Acordava e deitava-se sempre á mesma hora. Os seus paes vinham vel-a no primeiro domingo do mez e lhe traziam sempre os mesmos bonbons.

Ah, como a vida lhe parecia longa!

Joven demais, ella tinha um outro recurso: ser notada por um principe, á sahida da missa. Era ainda necessario que ella fosse dona de uma grande belleza. Ella se mirava ao espelho. Sacudia a cabeça. Tinha olhos castanhos, cabellos do mesmo tom, lisos e compridos.

Certa vez, ella se apercebeu de que a brancura de seu pescoço se harmonizava, singularmente, com o seu rosto. Vestiu uma "toilette" branca e viu que essa côr a metamorphoseava. Um pouco mais tarde, notou que o azul punha reflexos nos seus olhos, que o rosa

...ava a sua tez. Depois todas as flores se accenderam para si mesmas... Então, comprehendeu que não tinha necessidade de romance nem de conto, que ella se tornava linda.

* * *

Foi nessa época que ella percebeu, na grande missa, o joven cuja belleza excedia tudo quanto ella se havia promettido em sonhos. [illegible] o officio, o pensionato desappareciam diante da cadeira do desconhecido. Mas os seus olhos seguiam com attenção o desenho da abside. Lucette passou perto delle. E, por acaso, elle a fitou.

Ella ficou pallida de emoção, de felicidade. Comprehendeu que elle alli estava por causa della, que a amava e a conhecia, sem que ella o soubesse. Por um milagre, do qual, mais tarde, ell ateria a explicação.

Todas as tardes o som da campainha fazia-a estremecer.

As ferias chegaram.

Durante a viagem ella se manteve firme, com linha, e não dançou no banco, fazendo perguntas idiotas. E, como estava certa de que iria encontral-o á beira-mar, não quiz mais vestir o maillot de banho.

Não o encontrou em parte alguma — si bem que o encontrasse a cada passo: ora era um jogador de tennis, que passava tão depressa que ella suppunha vel-o de perfil, ora, á janella de uma villa, um joven, erguendo perto dos seus olhos uma machina photographica, escondia o seu rosto, o tempo de lhe dar uma esperança.

Essa ausência desorientava um pouco a joven; mas ella estava tão convencida de que o rapaz pensava nella, que não se incommodava muito.

* * *

Depois, ella voltou ao collegio. Vieram os livros novos, a neve, que não cessa mesmo á hora do recreio, os "marrons vernis" que os sapatos enterram na areia, a ventania, a noite, o fogão acceso. Veiu a grande missa, na qual não faltavam aquelles que Lucette não esperava: as tres velhas de *manteaux*, o filho do medico, que agora trazia oculos, o cantor e o seu "cache-nez", e o santo cirio que rodava na sua mão, durante o sermão...

Todos, menos "elle".

Pensou que elle era muito importante para tomar parte naquella assembléa vulgar; que o não reveria senão na festa de Santa Catharina, em casa da condessa de Vélins.

E' porque ella estava com um infimo chapéo, naquelle domingo em que elle chegou á hora do Evangelho, e se collocou tão perto do pensionato, que ella não reconheceu mais as letras do seu missal. No momento em que os fieis, agrupados e aos empurrões, se aproximavam da grade que separa a nave do altar-mór, Lucette sentiu que o joven lhe queria falar. Ella se voltou, interrogando-o com o olhar. Elle teve um bello sorriso para designar Mme. Saint-Martin, a vigilante. Lucette murmurou:

— Então nas *Vesperas?*

Elle inclinou a cabeça.

* * *

Durante o almoço, os pensionistas falavam, uma vez que era domingo.

O assumpto era, sobretudo, a antiga companheira Simone, a filha do notario, noiva de um parisiense, que tinha vindo vel-a.

Lucette repetia: "O parisiense... A filha do notario..." Isso divertia-a. Um parisiense como "elle" vir ver Simone. E Simone, como era, noiva de um parisiense.

Uma alumna ajuntou:

— Sim, um parisiense. O homem mais cynico da terra. Elle se conduz de um modo deploravel e se gaba disso. Simone bem o sabe. Os seus paes tambem. E' preciso que sejam loucos.

Lucette não escutava mais, preparando-se para a missa. Poucas alumnas iam á egreja, devido ás visitas dos paes.

Uma velha devota conduzia para a missa apenas outras devotas — aquellas que punham, á noite, um rosario em volta do pescoço e falavam baixinho do Carmelo.

O pequeno grupo permanecia ajoelhado, e de tal modo recolhido que uma conversação discreta podia se elevar não muito longe dellas.

E mesmo, si elle quizesse levar Lucette, hoje, seria facil demais partir com ella durante a benção.

Os meninos do côro cantavam a plenos pulmões, tendo a illusão de que, gritando, iam mais depressa. O rapaz já lá estava — sentado sobre a ultima cadeira. As collegiaes folheavam os breviarios, a cabeça recurvada, sem ver o que se passava em torno. Lucette, desdenhando a lithurgia, parecia abadonar-se a uma prece mental. Por traz della, ele cochichava:

— Onde p o d e r e i vel-a? Onde mora?

— Em Paris.

— Muito bem, eu a verei em Paris.

— Ah, o senhor não me vae levar comsigo?

Elle se calou, mastigando o labio, o ar aborrecido.

— Não nos podemos falar aqui — disse elle. — Mas, domingo, procure fugir antes do fim da missa...

* * *

Ao subir, para endireitar as luvas e o seu chapéo, Lucette deixou cair o seu missal, com as suas imagens, petalas de rosa, e olhou Jacquelina, com um olhar perturbado, emquanto esta dizia:

— Não havia ninguem na egreja. Felizmente. Porque eu vi Lucette conversar baixinho com Jeuta, o noivo da filha do notario.

UMA esconsa barraquinha de suburbio, prestes a desabar sobre a miseria que encobre. Na salinha sombria, uns bancos desconjuntados; no quartinho, duas rêdes remendadissimas e uma caixa de kerozene, á guisa de mala; na varandinha, uma mesa tósca com alguns pratos de folha e talheres gastissimos, e a um canto um fogareiro inactivo, não obstante ser quasi seis horas da tarde. Numa das rêdes do quartinho, acha-se assentada uma mulher velha, céga, cadaverica. Parece dormir com a cabeça pendida para o peito. De momento a momento, levanta a cabeça embranquecida e fica, olhos abertos, porém baços, inexpressivos, como a contemplar a rêde vazia.

Ah! era ali!... Sim, ali naquella rêde vazia que ella vê com os olhos da alma, que todas as noites, após um dia exhaustivo de trabalho na lucta insana do ganha pão, que quasi nada lhes mitigava a fome, a sua Charmaine, risonha e sonhadora nas suas vinte primaveras, se deitava para entretel-a, ora palestrando animadamente, ora cantando modinhas lindas e alegres. Era o seu unico prazer, o unico conforto que a vida lhe permittia gozar. Amava-a, adorava-a, e affagava-a carinhosamente quando, ás cinco da madrugada, ella partia rumo da fabrica, e quando, ás sete da noite, regressava.

Tudo isso — hontem!

Hoje? Ah! foi-se Charmaine, o seu prazer, a sua vida! Que lhe resta, então, a fazer na existencia? Por que não morre? Infeliz filha da desgraça, abnegada monja da dôr, que resignadamente sorve o conteúdo amargo do calix do soffrimento, sem uma blasphemia, sem um gesto de revolta!

Ha quatro dias Charmaine partiu para o trabalho e não retornou mais. Por que? não lhe vêm dizer alguma cousa sobre ella?

Nada comprehende, nem deduz...

Espera... espera... Tem no peito uma tenue esperança de que ella ainda ha de voltar...

Subito ouve passos que se approximam. Ella? Não! Aquelles não são os seus passos. Quem será, então?

Um perfume acre invade o quartinho, estonteando-lhe o sentido enfraquecido. No mesmo instante, os passos, um farfalhar de seda, e a seguir uma voz:

— Mãezinha, venho te pedir perdão!

CONSCIENCIA

— Tu?! Quem és?! Não conheço esses passos, esse perfume, esse farfalhar, essa voz...

— Apalpa-me. Reconhecerás quem sou.

Ajoelha-se ante a céga. E' o typo ideal da belleza, da graça e da seducção: morena, de olhos e cabellos negros, labios pequenos e roseos, e corpo esguio, porem de fórmas impeccaveis. Os dedos tremulos da velha põem-se a apalpar-lhe receiosamente os cabellos, a testa, o nariz, a bocca, as faces, o queixo, o pescoço, o collo, as orelhas. Doloridamente, a velha soluça:

— Charmaine... Charmaine...

— Sim, sim, Charmaine, a tua filha...

A velha repentinamente exalta-se:

— Não! Nunca! Charmaine era pura! Tu és impúra! Essas joias, essa sêda, esse luxo...

— Perdôa, mãezinha. Foi preciso. A miseria era demasiada sobre nós. E agora nada nos faltará! Não sentiremos mais fome, nem sêde, nem tiritaremos mais de frio, com os corpos semi-nús.

— Perdoar-te, eu?! Não, nunca! Tu não podes ser mais a minha Charmaine tão pura, tão angelica!

Com grande esforço levanta-se, tremula, colerica, e estende um braço apontando a porta de sahida:

— Vae-te! E que para sempre sejas amaldiçoada!

A filha põe-se de pé, contempla-a, submissa, humilde, quasi succumbida á profunda dôr. Chora em silencio.

A velha, altiva, permanece inabalavel:

— Não me affrontes, amaldiçoada! Vae-te, repito pela ultima vez!

A filha sahe a caminhar rumo da rua. Chorando amargamente, lança da porta do quarto um ultimo olhar para a céga, murmurando:

— Ah! mãezinha, não comprehendes o sacrificio da tua filha...

A velha permanece no mesmo... Sobresalta-se. O braço ainda estendido, cae. A cabeça pende para o peito.

— Amaldiçoada, disse-lhe eu. Por que? Porque se vendeu para dar-me o conforto que a sua alminha ambicionava dar-me e o destino frustava... Bemdito sacrificio! E no emtanto, eu...

Recorda: era tão linda, tão formosa e joven como a filha. Seus paes, ricos, adoravam-n'a, e, como fosse filha unica, lhe satisfaziam a todos os desejos e caprichos, ainda os mais absurdos. Amou e peccou. Perdoada do erro, esqueceu a lama que atirou nos rostos paternaes e enveredou pelo caminho do lôdo. Abnegação? Amor? Não! Luxuria! Os paes succumbiram ao peso de suas vergonhas. Rica e só no mundo, culminou no peccado. Após, o desmoronamento, a ruina total, e no final, a expiação rude e cruel.

E expulsára aquella que era a cicatriz do seu mal, a recordação do seu amor, unicamente porque ella, num sacrificio sublime se vendêra!

Raciocina: qual a mais peccadora, a verdadeira amaldiçoada? Arrepende-se. Entre soluços chama meigamente:

— Filhinha... Filhinha!...

Tem a impressão da volta da filha... Vê a sua Charmaine no humbral da porta, de braços estendidos para ella, rindo e chorando. Tremula, com os braços tambem estendidos, meio curvada, avança a passos vacillantes. Tem a impressão de estreitar soffregamente a filha adorada, de beijal-a. Realidade? Não. Febre, allucinação... Cambaleia. Tenta amparar-se. [illegible]cta por suster-se de pé. Finalmente, faltando-lhe a energia, tomba fragorosamente ao solo. Tenta erguer-se, chegar-se de rastos até a rêde. Nada consegue. Ainda murmura, apenas, nos labios:

— Charmaine...

Treme da cabeça aos pés, respira profundamente e torna a expirar. Depois silencia, quieta, pallida, esfriando... Dir-se-ia que dorme para nunca mais acordar.

No terreiro, uma cigarra canta saudando a hora crepuscular...

JESUS YTÉGAS

(JÉGAS)

Curiosidade...

SAHINDO da estação, Felippe logo reconheceu o velho tilbury, o velho cavallo e o velho cocheiro, que o esperavam. Sua avó não quizera ainda utilizar o automovel, não só por amor do passado, como tambem por prudencia: corria com muita velocidade aquillo.

— Bom dia, Julião.

— Bom dia, sr. Felippe. A senhora baroneza não poude vir. Está atacada pelo seu rheumatismo.

Carregadas as bagagens, o carro foi rodando, ao trote pacifico do cavallo, um bello animal muito gordo. Felippe accommodou-se sobre as almofadas e accendeu um cigarro. Fumava pouco, não só porque habitualmente isso nem sempre lhe fosse possivel, como por hygiene sportiva. Mas sentiu um grande prazer naquelle gesto de liberdade, ao iniciar suas ferias.

Olhava a cidade, a velha cidade banhada pela luz quebrada da tarde, e de que elle conhecia cada rua, cada casa. Internado num gymnasio de Paris, elle vinha ahi passar os mezes de verão junto de sua avó, a senhora des Mazis, o unico parente mais proximo que lhe restava desde que, com a edade de 10 annos, perdeu seu pae e sua mãe, ambos mortos num accidente.

Depois, ficou a pensar em sua avó, que, despotica, rigida e sempre zangada para todos, transformava-se, magicamente, para elle, a quem ella adorava, em indulgente e boa. Como iriam ser aprazíveis as longas semanas de relativa independencia que iria viver, entregue aos encantos da vida campesina e ás leituras durante a noite!...

E Carlota, que elle ia rever! Ella estava com quasi dezeseis annos, agora, um anno menos do que elle. Seus paes, o senhor e senhora Saulieu, moravam numa propriedade confinante com a de sua avó. O pae, archeologo apaixonado, erudito e sectario, apenas dava a impressão de que vivia, tanto o passado o tornava estranho ao presente; a mãe, sempre doente, pouco sahia, não recebia e passava dias a fio, deitada, a ler. Por isso, Felippe admirava-se, vendo Carlota tão linda, tão graciosa e tão vivida, que ella fosse filha dessas creaturas, que pareciam empalhadas. De anno para anno elle a encontrava mais crescida e tambem mais attrahente. E era por causa della que elle supportava com alegria essas ferias um tanto monotonas. Desde criança ainda, ella já lhe parecia encantadora. Afastado, durante os mezes escolares, elle pensava nella enternecidamente... Era a imagem fresca, candida, deliciosa, das horas de verão, de prazeres que elle não comprehendia bem... Se esse enternecimento, depois da ultima ausencia, tomava maior vulto, elle não tinha bem uma idéa disso.

A carruagem atravessou a ponte de pedra, na extremidade da cidade, sobre o pequeno rio, e, logo, appareceu o portão da propriedade de madame des Mazis.

No rez-do-chão, no grande e solemne salão, Felippe encontrou sua avó, assentada numa poltrona junto a uma das janellas. Correu a abraçal-a.

— Bom dia, meu filhinho; chegaste, enfim! Deixa-me olhar-te...

Sob os cabellos côr de cinza, cobertos por uma mantilha, a physionomia severa e pallida da velha senhora illuminava-se de um sorriso.

— Como tu cresceste! Estás realmente um bello rapaz. Quanto a teus estudos, sei que vaes bem. Agora — hein, filhinho? — o repouso, o ar livre, a boa alimen-

Frederico Boutet

...o, afim de teres força para o ultimo anno! O ex... de estudo cança, esgota...

— Oh! mas como tu sabes, avósinha, temos os ...tos...

— Sei; uma invenção nova... que não tem impor... ...ta. Está bem: vae ao teu quarto e desce logo de... para o jantar, que está muito bom; vaes ver...

Durante o jantar, que foi, de facto, excellente, a se... ...a des Mazis passou a seu neto as noticias locaes ...interessantes, fazendo, ás vezes, criticas acerbas ...relação a algumas pessoas de quem ella não ...ava. Felippe pediu noticias de Carlota.

— ...vae bem. Ainda hoje veiu perguntar-me quando ...has. Está ansiosa para reiniciar as partidas de ...is, os passeios... Ah! Esquecia-me de dizer-te ou... ...cousa: vamos ter uma visita dentro de poucos dias. ...nhora Bernége... Já não te falei della?... E' ...uma de minhas velhas amigas, casada com ...colonial. Ella volta de lá, da colonia... Ha muitos ...que não a vejo, mas gostava muito della quando ...solteira. Passará oito dias commosco, e, depois, irá ...com o marido, em Vichy.

...noticia dessa visita deixou Felippe indifferente. ...pensava em ver Carlota.

...inho ainda — porque madrugou — Felippe, met... ...um folgado traje de sport, cabeça descoberta, ...se para o fim do parque. Uma parte cahida do ...muro estabelecia facil communicação com a ...iedade dos paes de Carlota.

...ella, sabendo de sua chegada, viria até ali, elle ...a certeza... Mas, ella já o esperava... Como ...linda! — cem vezes mais linda do que no anno ...— tão esbelta, tão vaporosa, no seu vesti... ...branco, com aquelle sorriso esquisito, estranho, ...minar seu rostinho delicado, quasi infantil, entre ...negros e sedosos! E que olhar alegre, caricioso ...o seu!

...ida deliciosa recomeçou, diariamente.

...dois, deixados em completa liberdade pelas suas ...tornaram a encontrar todos os encantos das ...com o tennis, as excursões em canôa, os longos ...pelos campos.

...avam confidencias. Carlota queixava-se de sua ...monotona quando elle não estava ahi; fa... ...de sua tristeza, de seu quasi abandono em casa ...paes, não porque fossem propriamente indif... para ella, mas porque viviam distante, absor... ...um pela sua paixão do passado, a outra pela ...mais ou menos chimerica, pelas suas in... ...veis leituras. Felippe contava sua vida no ...seus exitos nos estudos, seus triumphos spor... ...e falava, ás vezes, de seus projectos de fu...

...escutava, fitando-o attentamente... e elle ...nos seus olhos uma curiosidade que ella ...

...chegada da senhora Bernége perturbou um pouco ...intimidade. Era uma bella mulher de olhos ne... ...cabellos de um loiro talvez artificial, mas har... ...o, e que se penteava, se pintava e vestia se... ...as mais recentes leis da moda. Expansiva, cor... ...envolta mesmo, ella encheu a casa de movi... ...de vida, e tornou-se logo muito camarada de ...Permaneceu ahi oito dias, durante os quaes ...não se poude entregar inteiramente á sua ami... ...Elle a havia apresentado á visitante, que se

(Continúa na pag. 14)

CURIOSIDADE . . . (Conclusão)

mostrou encantadora para Carlota, tomando parte nas suas diversões sportivas e campestres. Não os abandonava durante a tarde e, á noite, depois do jantar, cantava, tocava, para grande prazer da velha senhora de Mazis e de Felippe.

Ella partiu, emfim. Felippe acompanhou-a, uma manhã, á estação, onde se occupou de sua bagagem. Viu-a subir ao vagão, e, depois de um ultimo "até logo", e um aceno de mão, quando o comboio partiu, voltou no velho tilbury para casa.

Carlota esperava-o no pateo.

— Então, acabou-se, ella se foi, emfim? — disse-lhe, num tom um tanto sarcastico.

— Mas, sim; acabo de leval-a á estação, tu bem o sabes.

— E tu não lamentarás muito a sua ausencia?...

Elle olhou-a, espantado.

— Eu, não! Por que, então?

— Oh, peço-te: não te faças desentendido. E' ridiculo. Pensarás que eu não vi como lhe fazias a côrte, ou melhor, como ella o fazia?... E tu te mostravas bem contente! Pudera não! Ella não é má, apesar de sua edade e de sua "maquillage"...

Felippe hesitava em comprehender... Carlota enciumada, com ciume delle... Experimentava uma satisfação, uma alegria confusa, e lamentava, ao mesmo tempo, que sua amiguinha tivesse um soffrimento injustificado.

— Estás louca? — disse-lhe, — Nunca...

— Cala-te, oh, cala-te! Então eu não via seus modos comtigo, a maneira por que te olhava, como te apertava a mão, como se apoiava em ti para subir para a canôa... E, á noite — heim? — quando eu não estava lá, ella te fazia musica, tu lhe dizias versos... E, depois — heim? — tu ias ao encontro della no seu quarto...

Felippe sobresaltou-se, cheio de indignação, tomado de pasmo: então era aquella a candida Carlota que estava a dizer-lhe tudo aquillo, a suppôr todas aquellas coisas? Elle corou violentamente e quiz responder, mas ella, que não corara, cortou-lhe a palavra e continuou:

— Tu, certamente, me tomas por alguma "Patinha"? Pensarás talvez que, porque vivo todo o anno dentro deste buraco de provincia, não estou ao correr das coisas? Li romances, tu sabes, e tenho amigas que me contam as aventuras de seus irmãos! Por exemplo, Alice, que tu conheces, disse-me que o irmão della tem uma amante. E elle é da tua edade: dezoito annos...

— Eu não tenho ainda dezoito annos e, depois, não... não comprehendo por que me falas assim — concluiu elle, dizendo o verdadeiro motivo de sua perturbação.

— E's ridiculo! Tomas-me por uma tola e... Farias melhor dizendo-me a verdade... Não estou enciumada, garanto-te; o que me aborrece é que tu me negues... Por que não tens confiança em mim? Sei que em Paris terás, naturalmente, tuas aventuras...

— Mas, estou internado no collegio...

— Mas tens sahido nos domingos, nos dias de festa... Teu correspondente deixa-te livre e sei que encontras mulheres em casa delle... Em casa delle ou em outra qual quer parte... Ou pensarás que eu me aborreceria se me contasses tudo isso?... Tenho tanta vontade, uma vontade louca de saber tudo isso! Devem ser tão divertidas as aventuras de um rapaz!...

Ella fitava-o com seus olhos cheios da mais ardente curiosidade.

Horrivelmente perturbado, Felippe não sabia que dizer. Elle não era ingenuo, posto que suas preoccupações de sport e de estudos lhe tomassem todo o tempo. O que, porém, mais o perturbava é que fosse ella, Carlota, quem falasse dessas coisas. A seus olhos ella se transtornava, fazia-se mulher, tornava-se nova, inquietadora e mais attrahente na sua seducção nova, differente da outra...

E elle lamentava, apesar de tudo, a candida camaradinha das horas de verão, de seus prazeres tão quietos... na qual elle pensava sempre com ternura, sem sentir nenhuma perturbação...

Pae João

Pae João olhou o ceu. A noite constellada,
Empoeirada de estrellas...
Recordou a pujança antiga dos seus braços
quando ao cabo da enxada
cantava canções singelas
marcando o compasso
batendo com o aço
no ventre do chão...
E depois, as colheitas muito verdes,
viçosas como o talhe de João...

Agora
elle é como o bagaço da canna moida,
um destroço qualquer no mar da vida,
um espantalho do que fôra outrora...

"— Pae João,
que é daquelle teu cabello pixaim,
pretinho como a aza do anum,
escuro como a alma de Caim?..."

"— Ah, sinhozinho! Nhônhou velhice
na cabeça pretinha de Pae João..."
E eu julguei, vendo o chão
beber aquellas lagrimas brilhantes,
que ellas seriam um dia diamantes
grandes como as pupillas de Pae João...

* * *

Pae João, o velho escravo, succumbio.
Tudo chorou em derredor num pranto
amargurado de saudade intensa...
Viram-no um dia inerte, lá num canto
da casinha de taipa onde morava,
fitando o ceu num sorriso
vermelho dos labios grossos...

E quando naquelle Domingo de feira
passava o enterro do velho Pae João,
todos se descobriam com respeito
como se todos sentissem
no imo do coração
que no tosco ataúde de madeira
ia cousa maior do que um escravo;
— ia ser enterrado ali bem perto
um pedaço da Patria Brasileira!...

Osorio de Andrade

O Marquez e o Collar

NAQUELLA manhã, Léon Puizard, estabelecido á rua de la Paix, viu entrar em sua casa, acompanhado de um criado, um velho de porte digno, que trazia o braço direito em tipoia e ia comprar um collar de perolas.

O commerciante offereceu ao freguez uma commoda poltrona.

— Muito cuidado com o braço, senhor marquez — disse o criado a seu patrão, ajudando-o a sentar-se.

— Quebrei estupidamente o braço, ha um mez — explicou o velho.

E sentou-se com precaução. O criado collocou-se correctamente atraz do cavalheiro.

— De que preço deseja o collar, senhor marquez? — perguntou Puizard.

— Pouco importa o preço. O essencial é que a joia corresponda ao objecto a que vae ser destinada. Desejo offerecel-a a minha filha, cujos esponsaes celebraremos amanhã.

— Então é necessario que seja um bello trabalho — concluiu Puizard, apresentando ao freguez um collar cujas perolas eram grossas como avelãs.

Mas o velho meneou a cabeça.

— Muito apparatoso. A marqueza e eu detestamos os excessos de luxo. Criamos nossa filha com muita simplicidade, mas sem rigorismo. Que ella se mostre feiticeira para agradar a seu marido, comprehendemol-o. Mas nós nos mantemos onde sempre estivemos: o collar que desejamos offerecer-lhe deve ser de uma elegancia discreta. Comprehende-me o senhor?

— Perfeitamente, senhor marquez — respondeu o joalheiro.

E, guardando o apparatoso collar, indicou uma vitrina:

— Tenho ahi um artigo de alta fantasia.

Mas o marquez o deteve com o braço esquerdo:

— Não, por favor. Queremos nada de fantasias. Uma joia é um objecto classico. Uma joia que se deposita na corbeille de uma noiva deve ser, a um tempo, o adorno dos tempos felizes e o recurso dos tempos difficeis... Sem duvida — acrescentou, sorrindo — não é de crer que minha filha chegue a soffrer privações, mas um pae deve prever tudo.

— Certamente — approvou Puizard, respeitosamente. — Já sei o que o senhor deseja. Uma joia que conserve sempre seu valor e da qual seja facil se desfazer em caso de necessidade.

— Exactamente.

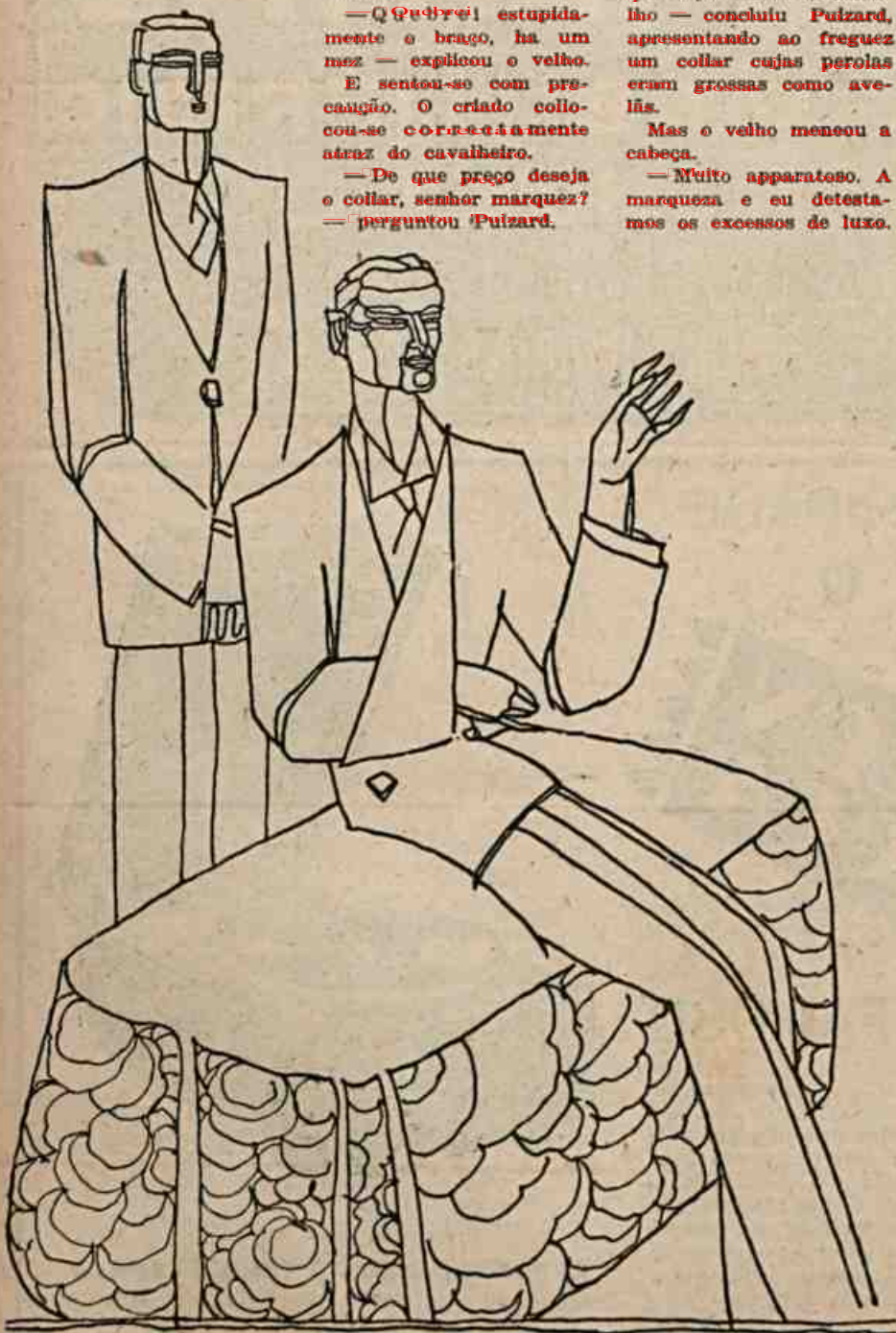
Depois de chegar-se a outra vitrina, o joalheiro voltou, risonho:

— Aqui está o que o senhor deseja.

Em um estojo riquissimo de velludo azul apparecia um collar de perolas médias e de uma admiravel regularidade. Para seduzir o comprador, Puizard contemplou amorosamente a joia, monstrando que lhe custaria muito desprender-se della. E acrescentou:

— E' exactamente o artigo que o senhor deseja: rico e serio.

Depois de examinar at-

Conto de GABRIEL TIMMORY

...ntamente o collar em mão vállida, o marquez disse ao joalheiro:

— Felicito-o. O senhor comprehendeu bem o que eu queria. Quanto custa?

Pulzard ia responder ... mil *francos*, mas as solicitações que acabava de receber o fizeram reflectir. Acaso o valor profissional do vendedor não augmentava o da mercadoria? E, sem vacillar, annunciou:

— Quinze mil francos. E' um preço de occasião.

— Com effeito — concordou o marquez. — Compro-o.

E, introduzindo a mão esquerda no bolso direito da americana, puxou a carteira. Em seguida abriu-a e, como quem de repente se lembra de alguma cousa, disse:

— Onde tenho a cabeça? Esqueci-me de trazer dinheiro. Será necessario que mande pedil-o a minha mulher.

Pulzard ia apresentar-lhe o telephone, mas o marquez lhe declarou, sorrindo, que nunca usava aquelle detestavel apparelho.

— Não se incommode — disse o velho. — Desejo mandar um bilhete por intermedio de meu criado. Apenas — ajuntou, mostrando o braço enfermo — será preciso que o senhor me faça o favor de escrever por mim.

— Com muito prazer, senhor marquez.

Este dictou:

"Acabo de encontrar um collar de perolas e de realizar com elle um negocio vantajoso. Queres remetter-me pelo portador quinze mil francos?"

— Posso abusar ainda da sua bondade pedindo-lhe que assigne por mim? — disse o velho. Mas é preciso considerar meu nome de familia.

E, tirando da carteira um cartão de visita, o marquez o apresentou ao commerciante. Pulzard leu: "Léon Mazeville". Em seguida observou:

— Pois veja o senhor: nem siquer se poderá dizer que a assignatura é falsa. Seu nome de familia é igual ao meu.

— Feliz coincidencia! — exclamou o marquez, sempre risonho.

Collocou o bilhete em um enveloppe e o entregou ao criado, recommendando-lhe que fosse depressa. Um quarto de hora depois, regressava o criado com quinze notas de mil francos. Pulzard contou-as e entregou a factura ao illustre freguez. Depois, acompanhando até á porta o marquez, que parecia encantado com a acquisição, lhe manifestou a esperança de incluil-o no numero de seus freguezes habituaes.

Pulzard entrou de novo no estabelecimento, satisfeito, e, pondo o chapéo, sahiu para almoçar, pois não residia nas dependencias de sua casa commercial. Resolvera-o assim, primeiramente por prudencia, afim de não deixar na casa, á noite, todos os valores expostos ás surpresas dos ladrões, depois por hygiene, desejoso de evitar os inconvenientes de uma vida sedentaria. Fazia-lhe bem, com effeito, o passeio a pé, quatro vezes ao dia, entre as ruas de la Paix e Boissy d'Anglas, onde residia.

Muito contente atravessou a praça de Vendôme e a praça da Concordia, banhadas por um timido sol de primavera. Nunca Paris lhe havia apresentado um espectaculo tão encantador. Quando chegou em casa sua esposa terminava a *toilette*. Pulzard sentou-se á mesa e esperou.

— Boa manhã? — interrogou a mulher, entrando.

Elle piscou um olho, com ar satisfeito.

— E então — proseguiu a senhora Pulzard — esse negocio do collar te resultou bom?

O joalheiro contemplou a esposa com espanto.

— E quem t'o disse?

— Quem poderia ser senão tu? — respondeu ella, admirada por sua vez.

— Eu!? Mas si eu não disse nada a ninguem! Como adivinhaste que vendi um collar?

— Talvez queiras dizer que o compraste.

— Eu não comprei nada!

— Ora! Queres divertir-te á minha custa... Mas, que idéa foi a tua mandando pedir-me o dinheiro por um criado a quem eu não conhecia?

— Mas eu te mandei pedir dinheiro?

— E os quinze mil francos? Terás perdido a cabeça, que não te lembres do que fazes? Felizmente, guardei a carta.

E, apresentando-a a seu marido, a senhora Pulzard acrescentou:

— Meu Deus! Mas, não; não deve ter havido erro. Isto foi escripto por ti.

Pulzard quasi desmaiou com a revelação de seu infortunio. O veneravel marquez não passava de um habil ladrão, que, conhecendo os habitos do joalheiro, não se limitára a roubar-lhe o collar: fizera-o pagal-o...

M. C.

(Illustração de Marcello Roberto)

ESPIRITO ALHEIO

O senhor é um homem honesto. Mas a carteira que perdi na praça continha uma nota de duzentos mil réis, e aqui ha vinte de dez mil réis...
— Mas é que julguei prudente trocar a nota, antes de vir, para que o senhor pudesse dar-me uma recompensa.

Romantismo...

— Escuta, Pedro!
— Que ha?
— E' que acaba de morrer o ministro X. De maneira que precisas descer um pouco e pôr-te a meio páo...

— Quantos annos tem você, pequeno?
— Não sei ao certo. Mas, quando eu nasci, mamãe tinha vinte e seis annos, e agora tem vinte e dois.

— Amanhã voltarei para minha terra. Não o sentes, Paulinho?
— Sim, tio... porque suppunha que fosse hoje.

Elle. — O homem que não consegue fazer-se comprehender com palavras é um idiota. Comprehende a senhora?
Ella. — Não.

Representantes — S. A. B. Industrial e Commercial — Quitanda, 66—sobrado

MISS BOULU-LES-BAINS

De

ANDRÉ BIRABEAU

O anno passado, em Boulu-les-Bains, a familia Cavalier passou por uma grande contrariedade: a senhorita Salange Grivoin foi acclamada rainha da praia. Existe, de facto, entre as familias Cavalier e Grivoin uma dessas boas amizades, a base de inveja, que são o sal da vida. Os paes são adversarios politicos, as mães cortam a pelle uma á outra amavelmente, e as filhas detestam-se mas beijam-se alegremente. A eleição de Salange Grivoin para rainha da praia, foi, assim, recebida como uma offensa pelos Cavaliers, inclusive o senhor Cavalier, que viu nisso uma manobra de Gringoire, pae, que, não conseguindo batel-o no terreno politico, servia-se, miseravelmente de sua filha para obter, por outro modo, um successo ephemero.

— Ah! é assim? Pois seja! disse elle, a bater com o punho sobre a mesa — Em taes condições, Henriqueta, vaes dar-me o prazer de levantar o premio de belleza na proxima estação!...

— Por que não fazer qualquer cousa, immedia[illegible] sur-Mer como em toda a parte. Henrique Cavalier não viu nenhum inconveniente nisso.

A senhora Cavalier, mãe, desejava que ella já tivesse, porque era desagradavel esperar ainda pelo anno proximo para tomar uma desforra dos Grivoin.

— Porque não fazer qualquer cousa, immediatamente? — disse. Ha o concurso de cães dentro de quinze dias. Henriqueta poderia obter a medalha de honra.

O sr. Cavalier deu de hombros.

— Apresentando Miraud? — disse entre dentes. Se, ao menos, fosse um bastardo, poder-se-ia fazel-o passar como um cão de uma raça extraordinaria. Mas Miraud é um simples cão de caça o que ha de mais cachorro em materia de cão de caça. E não vale a pena gastarmos três ou quatro notas de mil francos para comprar um chow-chow ou um fox de pello duro.... Não! Henriqueta levantará o premio de belleza no anno proximo — eis tudo. E' mais simples mais pratico e nada custará.

Muito bem. Um espirito superficial poderia dizer que havia nessa pretensão um impecilho: é que Henriqueta não era bella. Ella tem realmente o rosto chato, o nariz comprido, a bocca rasgada demais, o collo rebarbativo e os ossos muito pouco cobertos de carne. Mas é preciso nunca ter visto as photographias das victoriosas nesses torneios para suppor que a belleza é necessaria para um premio de belleza. Nessa especie de competições a belleza é uma carta, mas uma só, e o jogo é jogado entre diversas.

Ora, o sr. Cavalier é um homem sufficientemente importante para sua filha poder ganhar um premio de belleza. E' conselheiro municipal; possue o maior commercio de quinquilharia da cidade; é camarada de collegio de um deputado que, neste momento, é ministro; tem consideravel influencia nos operarios (quando quizer fará rebentar uma greve); o clero tambem muito o considera e, enfim, o homem sabe fallar grosso...

Assim sendo, Henriqueta Cavalier podia, confiantemente, esperar pelo seu titulo de "Miss Boulu-les Bains 1929." E espera-o. E foi isso que lhe permittiu, durante todo o verão de 1928, assistir, sem empallidecer de inveja e de raiva, aos triumphos de sua amiguinha Solange de Grivoire, rainha da praia, dizendo, intimamente: "Trata de te pavonear, que isso não durará muito!"

ROTINA

Peças humanas de uma grande machina. Nenhuma opportunidade de lidar com outras pessôas; de viajar; de fazer experiencias interessantes. Uma estrada longa, morosa e fatigante, que não conduz a nenhum logar

HORAS LONGAS . . .

O relogio do ponto: — distinctivo da rotina e fiscalisação argiana. Lembrete diuturno de que não passa de um simples nome na folha de pagamento.

REMUNERAÇÃO EXIGUA

Sempre em difficuldades sempre procurando economisar aqui e ali, privando-se até do conforto e divertimento, aos quaes cada homem, e a sua familia, deve fazer jús.

NENHUM FUTURO

Sempre pensando nas incertezas da vida: na hypothese de vir a ficar desempregado. Nenhuma opportunidade de demonstrar suas habilitações; de externar suas idéas; de progredir, emfim.

Eu disse «ADEUS» a tudo isto e, após a leitura deste estupendo livrinho, augmentei em 700% os meus proventos.

GRATIS!

Para onde quer que lhe enviemos um exemplar?

Quando um homem que já mourejou bastante preso a um emprego medíocre e de diminuta remuneração, desliga-se subitamente desse emprego e começa a ganhar dinheiro de verdade — 20, 30, 40 50 contos por anno — provoca, geralmente, perplexidade e assombro entre os seus amigos e antigos companheiros. Custa-lhes acreditar que este é o mesmo homem que elles conheceram antes. Exemplos como este, no emtanto, acontecem com mais frequencia do que commummente se suppõe. Não apenas um, ou alguns, mas centenas de homens têm mudado o curso da sua vida, depois da leitura do folheto, do qual estampamos aqui uma gravura.

Na verdade, é apenas um folheto, — algumas paginas de papel impresso, — mas que contém vivida e inspiradora mensagem aos homens ambiciosos. Desvenda factos e segredos, apontando aos desejosos de progredir o caminho que conduz ao almejado exito, do mesmo modo que já tem levado ao successo e á independencia financeira innumeros outros homens.

Depois de algumas semanas de treino já se avolumam os proventos.

Nada, comtudo, differenciava taes homens dos demais, quando abraçaram a nova carreira. Sabiam por alto que, de facto, a profissão offerece mais vultosos proventos que a quasi totalidade das demais profissões. A exemplo, porém, da maioria dos homens, estavam sob a errônea impressão de que os bem succedidos nascem com uma especie de «dom magico». O nosso folheto mostrou-lhes que absolutamente não é esta a verdade. Esta profissão tem, como qualquer outra, certas regras e leis fundamentaes, mas que se podem aprender como se aprende o ABC.

Procure averiguar porque o nosso folheto tem influido tão poderosamente na carreira de tantos homens que, hoje em dia, estão ganhando amplamente. Trate de saber a verdade, sem o menor compromisso da sua parte e sem que isto lhe acarrete a minima despeza. Sabendo que a sua leitura póde vir a significar, tambem para o senhor, futuro successo e independencia financeira, vale bem a pena dar-se ao trabalho de preencher o coupon abaixo e nol-o remetter immediatamente.

Peço enviar-me sem compromisso, um exemplar do folheto «COMO SE GANHA DINHEIRO E PRESTIGIO SOCIAL».

RIO - C. POSTAL 1946

Nome ....

Rua ....

Cidade .... Estado ....

FON-FON

A Eclectica

MISS BOULU-LES-BAINS!

(Conclusão)

Salange para ella já estava morta, porque sob a carne da alegria de sua amiga, ella já não via senão o esqueleto.

Sim. Ella estava mais do que morta porque iria assistir, dentro de pouco tempo, ao successo de outra. Em julho de 1929 o sceptro da belleza ser-lhe-ia cassado e passaria para ella, Henriqueta Cavalier!

Pelo menos, assim deveria esperar. Porque, realmente, não era muito certo isso. O jury, como no anno passado, seria constituido pelo maire, pelo director do jornal local, o presidente do *comité* das festas, o administrador do Casino e duas celebridades apresentadas que haviam erguido em Boulu a casa de seus velhos dias: um pintor e um romancista.

O sr. Cavalier manobrava do melhor modo, mas, como em toda eleição, havia certos e duvidosos. O mais perigoso era o velho pintor. Emprestavam-lhe esta phrase cruel: "Este anno é preciso eleger-se uma pequena verdadeiramente gentil e bella." Isso era de inquietar...

— E' um velho muito enjoado e caturra, esse! — dizia a senhora Cavalier.

E a *cabala* começou logo cedo. O sr. Cavalier era todo actividade. O voto do gerente do Casino a principio pareceu garantido, depois tornou-se incerto e, por fim, foi promettido. Surgiu, porem, uma candidatura de levantar panico: a da empregadinha do escriptorio de tabaco, uma garota de 17 annos, encantadora aliás, e de uma desenvoltura, de um desembaraço capaz de seduzir um jury! O sr. Cavalier poz em acção todos os seus expedientes e recursos: o sr. ministro, que elle tratava por *tu*, sua influencia nos meios operarios, o clero e sua voz grossa, autoritaria e solenne. E a candidatura da pequena da charutaria foi retirada. Ao mesmo tempo, conseguiu por diversos processos que o velho pintor fizesse referencias muito amaveis á Henriqueta...

Apezar de tudo eram muitas as emoções. Approximando-se o grande dia, o sr. Cavalier estava tão commovido como se se fosse submetter a uma intervenção medica. A senhora Cavalier movia-se em todos os sentidos, e a pobre Henriqueta, perturbadissima, dia a dia ficava mais feia: estava pallida, de olhos fundos, covados, litteralmente doente.

Os banhistas começavam a apparecer, depois affluiram. Principiaram as danças ao redor do corêto da musica. Nas paredes viam-se placards com estes dizeres: "Domingo, 11 de Agosto, concurso de belleza."

Chegaram os vestidos encommendados em Paris para Henriqueta. Seu coração batia tanto ao abrir o pacote de modo que ella chegou a sentir-se mal.

E' preciso, porem, ensaial-a. E Henriqueta passou para seu quarto, afim de vestir-se, para apresentar-se, depois, no salão perante o jury constituido pelo sr. e a senhora Cavalier. O concurso teria, assim, duas provas — ah, mas, como em Deauville ou em Galveston — vestido de noite e "maillot" de banho!

Perante seus pais Henriqueta apresentou-se primeiro no vestido para a noite — um vestido realmente lindo...

— Em roupa de banho, agora!

E ella foi preparar-se, no quarto. Mas d'ahi não sahia.

Demoraria tanto mudar de roupa? Que fazia ella? Chamaram-n'a. Não respondeu. Por que? Que haveria? Penetraram no quarto e viram, então, o que havia...

Henriqueta tinha vestido o "maillot" de banho — um lindo "maillot" verde e amarello — que poz á mostra, indiscreta e cruelmente, um pequeno ventre redondo, pulado, cheio, bem maior do que o, que deve possuir uma moça ajuizada...

Desgraçada! — gritou o sr. Cavalier.

— Ah! papá, murmurou ella entre soluços, desejava tão ardentemente ter o premio... foi o velho pintor...

O premio? Poderia ella apresentar-se naquelle estado? E Henriqueta accrescentou:

— O que é peor é que elle, o velho pintor, é tão f e i o, tão feio... que não posso se quer esperar o primeiro premio do concurso de bebés do anno proximo!

O que distingue a casa A. DORET das outras casas de cabelleireiros — a clientela escolhida que frequenta ha vinte annos seus salões.

Os penteados A. DORET são sempre originaes e elegantes.

Os cabellos tintos ou descoloridos nunca são resequidos; são sempre lustrosos e macios, nunca perdem a ondulação natural.

A pessôa que trata sua cutis na casa A. DORET nunca tem espinhas, poros dilatados, cravos, etc.

Usem sempre os productos A. DORET, quer para os cabellos, quer para o rosto.

Seguindo os conselhos de A. DORET nunca vos arrependereis.

A Casa Doret é e será sempre a primeira e a melhor casa de cabelleireiro do Brasil. —5, rua Alcino Guanabara, —5, Tel. 2—2431

RIO DE JANEIRO

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

ARISTIDES LOBO, 115
Telephone 3957 Villa

DIARIAS DESDE 15$000

A TODA A PRESSA!

De HORMINO LYRA

QUANDO eleito presidente da Republica e antes de entrar no exercicio da alta investidura politico-administrativa, realiza o saudoso conselheiro Affonso Penna uma viagem em visita aos Estados da União.

Chega sua excellencia fatigadissimo a certa cidade sulina, onde não póde demorar-se muito tempo, e é levado em seguida ao edificio da Intendencia Municipal. Ahi não tem quasi tempo de respirar: discursos, discursos, discursos, a ponto do governador do municipio mandar queimar girandolas de foguetes e tocar todas as bandas, afim de se interromper a falação interminavel de um perola impenitente.

Dali sae sua excellencia, graças á discreta providencia do chefe do executivo municipal, e vae á Associação dos Empregados do Commercio. Ao chegar ao edificio da sociedade, é conduzido ao salão nobre. Cercam-no os senhores da directoria. Discursa um director, discursa outro. Até ahi, não ha nada de mais! Quando, porém, depara sua excellencia com certo individuo sobraçando quasi uma resma de almasso, espavorido, indaga de um dos directores:

— Que é aquillo?

— Um discurso, excellencia.

— Aquillo tudo é um discurso?!

— Sim. E' o discurso do secretario geral, historiando a vida da Associação.

O bom homem fica gelado... mas, depois, tem uma idéa: dirige-se ao secretario, pede-lhe os papeis, guarda-os no bolso do sobretudo e diz-lhe, com um sorriso victorioso:

— O tempo é pouco. Desculpe. Eu leio a bordo.

E retira-se a toda a pressa!

Leiam todas as quartas-feiras

NOSTRADAMUS

Romance historico de Michel Zevaco

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Neste seculo grandioso,
Descobriu-se mais um sól:
O poder maravilhoso,
Do sabonete EUCALOL.

Maria José

Rua Santa Ephigenia 173A — S. Paulo.

CARNAVAL DE 1930
Columbia
VIVA TONAL SEM CHIADO
Peçam para ouvir os successos em
Discos COLUMBIA
5161-B FOI SEM QUERER — Marcha (M. Amaral e M. Aguiar) — Januario Oliveira, com orchestra.
TEU QUEBRANTO — Samba — Januario Oliveira, com orchestra.
5168-B E' ASSIM — Samba — (R. Bergmann) — Ildefonso Norat e seu conjuncto.
A CASINHA QUE EU FIZ CAHIU — Samba — Ildefonso Norat e seu cojuncto.
5152-B QUE SERA' DE MIM — Samba — (H. Prazeres) — Januario Oliveira, com acompanhamento.
OLHA O PINGO — Embolada — (H. Tavares) — Januario Oliveira, com acompanhamento.
5151-B COMTIGO EU NÃO VOU — Samba — João da Gente) — J. Oliveira, com Jazz Columbia.
GOSTO — Samba — (J. M. Abreu) — Januario Oliveira, com Jazz Columbia.
5150-B MARICOTA — Marcha — (J. F. Freitas) — Januario Oliveira, com Jazz Columbia.
DA'-ME A AMNISTIA DO TEU AMOR — Marcha (F. Cabral — J. Oliveira, com Jazz Columbia.
5139-B DANSA DE CABOCLO — Embolada — (H. Tavares) — J. Oliveira, com acompanhamento.
O CARREIRO — Canção — (H. Tavares e O. Mariano) — J. Oliveira, com acompanhamento.
5167-B MISSANGA — Marcha — (Sinhô) — Januario Oliveira, com Jazz Columbia.
WALLY — Valsa — Januario Oliveira, com orchestra.
Á VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO RAMO
Distribuidores Geraes
BYINGTON & Co.
Rua General Camara, 65 — Rio de Janeiro
S. Paulo — Santos — Curityba — Porto Alegre — Rio Grande — Recife
A MARCA PREFERIDA
Columbia
Rangel

ANNO XXIV

FON FON

NUMERO 7

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1930

Exorcismo

Os cannibaes estão convencidos de que adquirem as qualidades e as virtudes de alguem, desde que lhe devorem certos membros e orgãos: o coração, os olhos...

Algumas tribus da Nova Guiné costumam beber no craneo dos inimigos, ao qual attribuem excellentes propriedades curativas.

Conta Maurice Dekobra, no seu livro "Les Tigres parfumés", que os hindús adoram a vacca. Para elles, esse animal é sagrado. E, como é sagrado, aproveitam os seus productos, dos quaes se utilizam para evitar certos males. Os seus liquidos, sem distincção, servem para lhes humedecer as faces e preserval-os dos espiritos maus.

Crendices? Superstições? Mas isso só se nota entre os povos barbaros.

E os gregos, os hellenos illustres? Acaso terá havido povo mais supersticioso? Elles chegaram mesmo ao maior fanatismo. Em tudo viam uma manifestação sobrenatural — o que os levava a depositarem uma crença absoluta em coisas vãs e sem a menor importancia.

Basta dizer que, mesmo depois de morto, o homem, para elles, proseguia a sua existencia material: comia e bebia.

Não é isso o que se lê em Lucrecio?

No seu livro *Grecia*, commentando esse espirito de superstição do grego, Gomez Carrillo escreve: "O culto dos mortos não é um sentimento vago, como entre os modernos, mas sim um rito estricto e tyrannico."

Esse temor por coisas que a razão não explica, e parecem ter influencia sobre o destino dos mortaes, é inherente ao genero humano. Isso a despeito mesmo da grande civilização dos povos e dos individuos.

Em todos nós ha um fundo supersticioso, que sempre encontra a sua justificação.

Que havia, pois, de extraordinario, em que eu me impressionasse, como de facto me impressionei, com o azar que o meu companheiro de redacção Gustavo Barroso descobriu no meu humilde nome, a guiar-se pela numerologia?

A numerologia é uma sciencia esoterica. Por ella se consegue provar que um nome, com certo numero de letras, póde dar bôa sorte ou se tornar azarento áquelle que o traz.

O meu nome, sommadas as suas letras, pelo processo da numerologia, — ou de Gustavo Barroso — dá um resultado fatidico: 4!

Fujam deste numero — 4.

— Para exorcismal-o e bafejal-o de auras leves e beneficas, é imprescindivel que supprima um *l* de Portella — sentenciou o estylista de *Terra de Sol*.

— Será verdade isso, Gustavo? Olhe que sou mais supersticioso do que um mago persa...

Feita a experiencia, — ha uma semana, si tanto — verifico que se operou na minha vida uma transformação radical.

Sinto-me desopprimido. Os maus poetas já não me perseguem tanto. As pequenas que dão trote pelo telephone, me têm deixado mais á vontade. Recebi uns quatro livros de presente... Um delles é luxuoso e ironico: *Una Rosa*, de Guido da Verona, da senhorita Nuage Blanche. E já agora tenho em perspectiva uns tres ou quatro negocios lucrativos, para realizar. De novo, um sorriso de boneca, que se apagara de repente, como si fosse esta lampada côr de rosa, que tenho sobre a mesa onde escrevo, — illuminou a minha vida obscura...

E' verdade que ajudei tudo isso com a força do signal da cruz e das orações do *Adoremus!* Mas não quero ser ingrato ao meu illustre confrade Gustavo Barroso. E aqui fica a minha revelação...

BASTOS PORTELA

MISS GURYA

Ainda o outro dia, você andava brincando com bonecas e, no meio dellas, era uma bonequinha tambem...

Depois, você foi crescendo, crescendo, sem a gente sentir...

E, hoje, você tem um arzinho petulante, usa "lorgnon" e exige o tratamento de "mademoiselle"...

Mas você continúa a ser, gurya, uma bonequinha dentro do brinquedo da vida...

Mais um palmo de altura. Mais uma pitada de pó de arroz. Mais uma pincelada de "baton". Uma polegada de menos na saia e um pouco mais de atrevimento.

Você, quando escreve para os namorados, gurya, colloca mal os pronomes. Mas você sabe dançar muito bem o tango argentino...

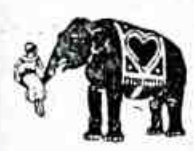
Você não aprende as lições de piano, gurya. Mas conhece o nome de todos os Rod La Rocque e John Barrymore do cinema moderno.

Você tem nojo de moscas, horror ás aranhas, medo de maribondos mas é louca por *baratas*, gurya...

Seus olhos andam piscando, piscando, mas eu sei que não cahiu areia dentro delles, gurya...

Talvez mesmo por tudo isso é que eu gosto de você, gurya...

Organizado pela senhora Mello Mattos, esposa do Juiz de menores, que obteve o concurso de um grupo de damas da nossa alta sociedade, realizou-se, domingo á tarde, no campo annexo ao Tunnel Novo, no Leme, um lindo festival em beneficio da meritoria obra de protecção aos menores abandonados. Um programma attrahente foi executado, nelle tomando parte gentis figurinhas da nossa «élite»: tombola, canções e violão, chiromancia, cartomancia e outras artes e outras sciencias... galantes. As barraquinhas que se espalhavam pelo campo em festa, floridas de sorrisos magnificos, eram um chamariz irresistivel... Isso, alliado á finalidade philanthropica do festival, concorreu para o exito brilhante da louvavel iniciativa da senhora Mello Mattos.

O illustre Juiz Mello Mattos na festa em beneficio dos menores abandonados. Um grupo de senhoritas que prestaram o seu concurso á mesma, e das barraquinhas de artes e... sorrisos alegres. .

Que seria de você, gurya, sem as frivolidades, essa pintura, o "lorgnon" que não chega a ser impertinente, porque é apenas menino, sem o uso da gyria que encantadora se torna na sua bocca?

Você não seria mais você. Você seria nada, gurya...

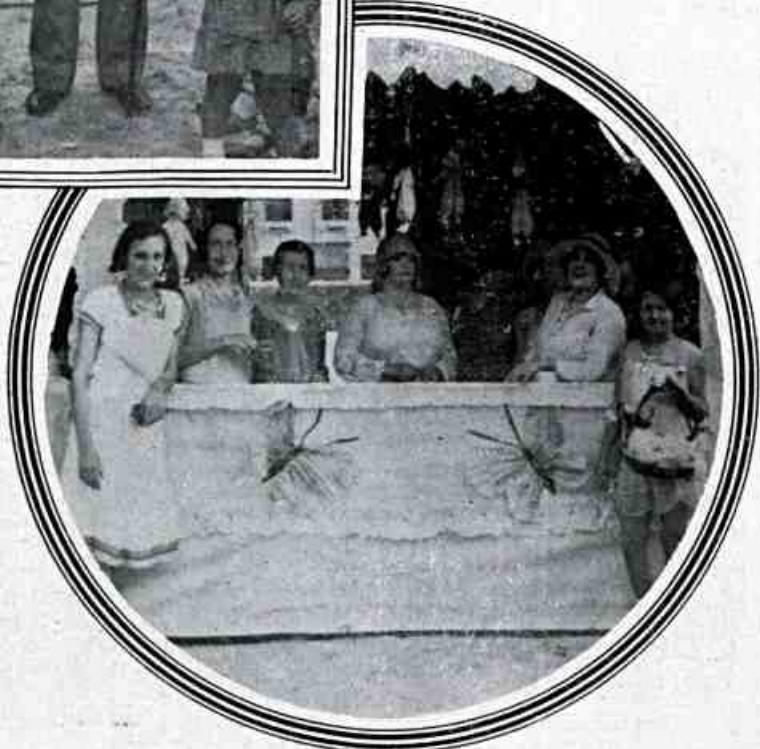
Talvez por causa de tudo isso é que a gente acaba gostando de você e tomando a serio a tarefa de apagar, com um beijo bem com carinho, cada tolice que sáe do coraçãozinho de "rouge" dos seus labios, — o unico coração que você tem, gurya...

R. Magalhães Junior

SANTA

Eu não era religioso. Só de longe em longe ia á missa, depois de muitos ralhos de minha mãe. Não achava nenhuma poesia nas cerimonias do altar; e os instantes que alli passava me pareciam eternos.

Um dia (como não hei de lembrar-me daquelle dia!) eu te vi de joelhos, no pavimento sagrado do templo. Em ares de santa, lias, no livrinho dourado, lindas orações. Entrelaçado em teus dedos, alvos e rosados, tinhas o tercinho de contas de prata. Teus labios, esses teus labios! moviam-se muito de leve, como duas petalas encarnadas, cedendo á brisa.

Tu me pareceste sobrenatural, visão do céo. Senti no coração uma felicidade que até alli não havia experimentado. Meu coração como que se derretia numa felicidade doce... Como é bom a gente ser feliz assim! Mais tarde, alguem me disse que era o amor.

O juiz dr. Edgard Costa, ao deixar o cargo de presidente do Tribunal do Jury, que durante seis annos exerceu com rara probidade, recebeu carinhosa homenagem dos seus collegas e amigos, os quaes fizeram inaugurar o retrato daquelle magistrado na galeria de seus antecessores.

Tu irradiavas attractivo suave, qual um perfume, que me embalsamava a alma; que me prendia, captivo, a ti. Disseram-me que era a tua sympathia.

Mas, naquelle primeiro dia, o povo sahiu da egreja e eu fiquei porque tu ficaste. Os fieis tinham outra santa. Tu eras a santa do meu destino. Quando sahiste, sahi tambem, sem saber o que fazia.

Minha mãe me disse, certa vez:

— Agora sim, és religioso; vaes sempre á egreja.

— Sou devoto de uma santa, respondi.

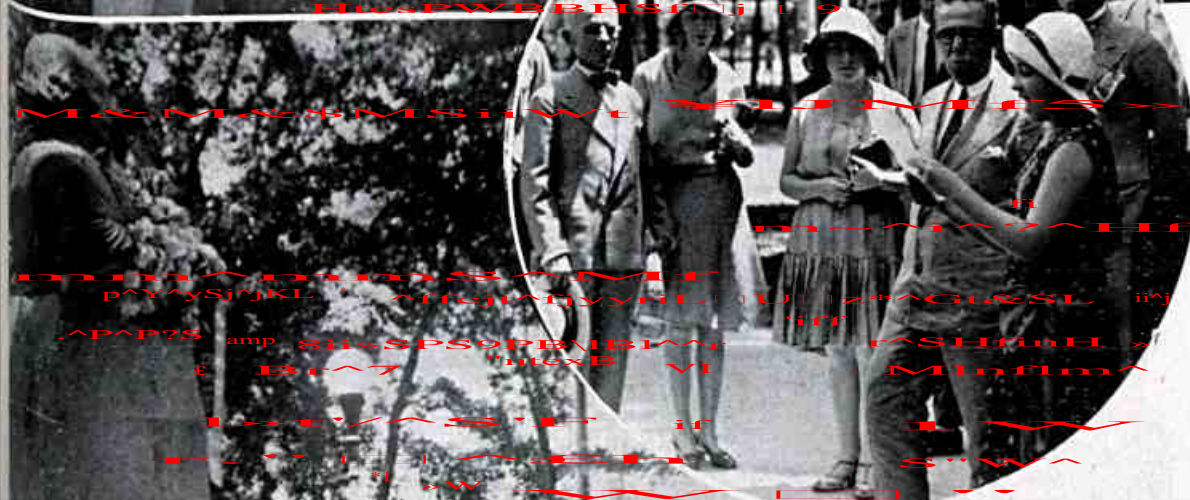
— Não deixes nunca de orar, então, á tua santa, para que ella te guie por caminho recto, e te faça ditoso. Não a esqueças nunca, e serás feliz.

Eu sorri.

Entretanto, tinha razão a minha mãe.

Quantas e quantas vezes, isolando-me do mundo, de tudo, te vejo deante de mim, num altar illuminado pela luz de teus olhos lindos. E ahi fico, tempo esquecido, esfeliz, a contemplar-te; orando, em silencio, a oração da saudade...

JOSÉ BENEDICTO CURSINO

Grupo tomado por occasião da homenagem ao juiz dr. Edgard Costa, ex-presidente do Tribunal do Jury, vendo-se o illustre magistrado entre os manifestantes e pessoas de sua exma. familia.

O Centro Carioca promoveu, na penultima quinta-feira, uma tocante homenagem á memoria do pintor brasileiro Victor Meirelles, morto ha vinte e sete annos, mas ainda vivo na admiração dos seus patricios. Junto á herma do autor de «A Batalha de Guararapes» e «A Passagem de Humaytá», reuniram-se, na manhã daquelle dia, directores do Centro Carioca, artistas, professores e alumnos da Escola de Bellas Artes, intellectuaes e algumas familias, que ouviram e applaudiram a palavra doce e eloquente da senhorita Nadyr de Mello Couto, relembrando a obra de Victor Meirelles. A cerimonia foi simples, mas expressiva, porque festejou a gloria de um dos nossos maiores pintores. Esta pagina focaliza tres detalhes photographicos da commemoração do 27.º anniversario da morte de Victor Meirelles.

Faianças

Ave Maria...

Uma voz de mulher me chama ao telephone, e pergunta si desejo ouvir um trecho de musica. Um fox? Um samba? penso eu. Imagino uma victrola banal, do outro lado, trabalhada pela mão de uma melindrosa, talvez nada bonita, sem graça, pobre de espirito — a roubar-me o tempo tão escasso para as minhas lutas permanentes...

E, então, n'uma ironia que ella não comprehende, declaro com a pressa de quem se não pode deter ao apparelho:

— Perdão! Não entendo de musica...

— Não gosta de musica, sr. Y...?

— Não. Gosto de dinheiro. E para adquiril-o é necessario tempo e trabalho. Dê-me licença...

E desligo.

Depois, fico a pensar na decepção que essa desconhecida da victrola (ou pianola?) tivera com o seu fox e o seu samba.

Não gostar de musica! Mal sabe ella que está aqui um homem, que já chorou, sinceramente, ouvindo a "Reverie", de Schumann e uma rhapsodia hungara, soluçadas n'um violino magico...

Ah, si eu contasse a historia desse violino!... Mas, para que? Nunca poderia transmittir a impressão daquella musica dolorosa e recordativa de todas as emoções sentimentaes.

Do chôro fino, triste, angustiado, do violino tremente se diffundia uma névoa de melancolia, feita de soluços e perfumes. Os soluços tremiam nesse véo branco de espiritualidade, e os perfumes eram como os que fugissem de corollas de rosas, de magnolias brancas como labios de estatuas, ou como si tivessem florescido nos alvos jardins estellares...

Sob as arcadas longas, as cordas gemiam, gritavam, ora estridentes e *smorzando*, ora exaltadas e doloridas, como si fossem feitas de nervos humanos, de dôres intelligentes, vivas e sangrentas. Oh, uma dôr sangrenta! Só se pode conceber essa dôr, ouvindo, como ouvi, certa vez, esse violino chorar, nas mãos fidalgas de uma mulher linda e perversa que encheu a minha vida de belleza e desappareceu dos meus olhos, para sempre...

Na dôr sangrenta, que nascia dos soluços daquelle violino, que era uma honra para Cremone, havia uma evocação de todas as vozes humanas, — vindas, por um atavismo musical, através dos seculos demorados, lentos, e deslisantes, numa revoada sem fim, incançavel... E dessas vozes se filtravam todas as manifestações do sentir. Desde o chôro ingenuo, da magua que nascia de uma renuncia forçada, da saudade que se resigna a ser infortunada, da dôr irremediavel e constante, ás paixões violentas, ao odio infernal, ao ciume othelico, ao desespero dos condemnados de Dante, ás Paulupias tragicas dos Paulos e Francescas, ás atrocidades das hyenas humanas, em cujo coração nunca o amor brotou. Nunca!

* * *

Ah, si eu contasse a historia desse violino suggestivo, angustiado, que me fez chorar, certa vez, nos dedos de uma mulher bonita que amei e passou!...

Ah, violino triste! Triste, que começas gemendo, gemendo, mediunicamente, como si estivesses longe, muito longe, adormentando as almas e, depois, que as despertas, depois, sob rajadas de paixões intraduziveis, como os bravios gritos do oceano nas amplas costas scandinavas! — por que é que torturas? Por que? Porque fazes padecer? Porque nos dás, simultaneamente, a sensação da grandeza das almas e a mesquinhez dos seus sentimentos subalternos?

* * *

— Não gosta de musica?

— Não. Gosto de dinheiro...

Oh, as mulheres não comprehendem as grandes ironias dolorosas!

* * *

Violino triste! Violino angustiado! que ouvi chorar entre os dedos de uma mulher bonita, é em teu louvor que escrevo esta *Ave Maria*, de Gounod...

LETRAS FEMININAS

«Grinalda de Violetas» é o nome do novo livro de Carmen Cinira, a poetisa de rythmos enleiantes, de arroubado lyrismo e de romantica ternura. Floresce neste volume uma sensibilidade encantadora. A poesia de Carmen Cinira tem o perfume subtil das suas flores predilectas. Em «Grinalda de Violetas» as emoções entreteceram o ramo delicado, de que se volatiliza a inspiração, como se nasces e das fontes profundas da alma. Muito enternecimento, muita doçura, um esquisito e insoffrido amor da renuncia, uma ardente devoção á belleza irradiante da vida, — eis o novo livro desta poetisa, de tanta sensibilidade e de tanto talento.

Extase

Abri o livro. *La Sultane de l'amour*. Abri-o e li:

"Les glycines ont fleuri pour que tu sois entourée de parfum, lorsque tu sommeilles sur la terrasse du Figuier..."

Adeante li este outro trecho:

"Tu es la Sultane du Printemps. Les roses que tu as regardées ne se flétrissent jamais. Celles que tu as respirées, les abeilles les choisissent d'abord".

Os senhores, que sonham com essas coisas lindas do espirito e do coração, já se sentiram surprehendidos por este estado de alma, que é estar lendo uma pagina de estylo maravilhoso e, de repente, sentir a imaginação se encher com a imagem de uma creatura amada?

Tem-se a impressão de que sobre o azul do nosso extase passou a brancura immaterial de uma nuvem... Parece que sobre a face morta de um lago uma rosa da Persia se desfolhou... Ou então que um luar de outubro, sensitivo como uma reticencia, surgiu do fundo escuro do céo...

Sim, uma belleza attrae outra belleza. De um lado, fica a harmonia das palavras, com as suas suggestões de sonho e maravilha; do outro, é a belleza que se impõe, com o seu perfil de mulher — a mulher que nos magôa e sublima a vida...

Ah, meus senhores! Na minha alma ha subtilezas de pelucia, sensibilidades de velludo e de gaze.

Mlle. Luiza S. Lacerda Coutinho, soprano primeiro premio (medalha de ouro) do Instituto Nacional de Musica, é um verdadeiro temperamento de artista. Conquistando esse alto premio, mlle. Luiza Coutinho confirmou as suas virtuosidades no dominio da grande arte do canto.

Quando eu leio um livro, como é este "La Sultane de l'amour", de Franz Toussaint, ou ouço um trecho de Liszt ou de Mozart, cerro os olhos e confundo a belleza dessas creações de arte pura com a belleza pura de outra creação: a creação da minha alma, que é a imagem do meu amor...

Eu nasci sob o signo triste dos poetas. Que fatalidade! Por que é que hei de soffrer pelo amor de uma mulher que já não quereria amar, e pela belleza das coisas de arte pura, feitas com os deslumbramentos do espirito e as meias tintas do sonho?

Ah, como são felizes os burguezes! Como são felizes as creaturas vulgares!

Coração de homem

— Afinal, você rompeu com a Zélia?

— Sim. Nem podia deixar de romper.

Luciano sentou-se. Sentei-me tambem ao seu lado.

Luciano olhou a paizagem, que as primeiras sombras do crepusculo avelludavam. Depois, disse com uma voz amargurada:

— Rompi com Zélia, meu caro Y..., e estou certo de que você tambem teria a mesma attitude.

— Commetteu alguma falta grave?

— Gravissima.

— Que fez ella?

— Traiu-me.

— Traiu-te?

— Com o meu melhor amigo.

Houve um silencio.

Fui quem o interrompeu:

— Si ella te traiu com um homem que se dizia o teu melhor amigo é prova de que elle não era teu amigo.

— Devo dizer que uma traição é coisa muito grave. Ella não me traiu. Ella zombou apenas do meu affecto, porque flirtou com um meu amigo. Para um grande affecto, uma attitude desattenta, uma leviandade e uma traição devem ser consideradas coisas identicas.

Concordei com o meu amigo. Luciano continuou:

— Ora, seria facil perdoar essa leviandade numa joven de vinte e dois annos. Falta de juizo. Coisas da mocidade. Simples brincadeira. Emfim, havia mil maneiras de esquecer uma falta pequena. Mas um grande affecto não perdôa. Um grande affecto é feito de virtudes e peccados. Mas só é integral com essas virtudes e esses mesmos peccados. E' como um castello de cartas. Desde que se lhe retire uma dessas cartas, elle tende a desabar. E quando não desabe, já não será um castello completo.

— Mas um gesto de perdão não altera a essencia nem a estructura de um affecto.

— Sim, mas o magôa, mas o fere, o arruina. E eu não concebo os affectos enfermos. Elle deve ser são, bello e radioso para que não inspire piedade.

E Luciano ajuntou:

— A piedade é um insulto enternecido com que os fortes diminuem os fracos.

Calei-me. Mas, no intimo, considerei que o amor não se define. Ou por outra, a sua melhor definição, está nestas palavras de Henry Bataille: "L'amour! Pour les uns, c'est l'effusion toute pure de la lumiére. Pour les autres, la mansuétude obscure de l'ombre..."

Girandola

Zim Bárrios

FOLIA, FOLIA...

Girandola de tres dias,
Carnaval!
Disfarces e fantasias,
danças, batuques, orgias,
audacias, piratarias,
bacchanal...
E, depois desses tres dias
e tres noites corredias,
a historia das cinzas frias,
e olhos baixos no missal!...

— Tres dias, hom'essa! Tres dias... só si o resto vae na reticencia... Porque, em verdade, o "triduo maluco" dura, pelo menos, tres mezes. Vae de São Sylvestre ao 1.º da Quadragesima: começa a 31 de dezembro, na vitrina-monstro da Avenida Rio-Branco, queima e sópra em escaramuças parciaes pelos arrabaldes e, mantida ou renovada com os folles e abanos de enthusiasmos impenitentes, a fogueira crepitará, arderá, fuzilará até as seis da manhã do dia cinco de março proximo entrante.

O prazo é deveras pequeno para o alegre tresloucamento, tão aprazivel ao gosto da nossa cidade invicta, que faz questão de ser a mais bella, a mais bem illuminada e a mais carnavalesca, isto é, a mais maluca deste mundo e dos outros...

31 de dezembro — 5 de março! Os redivivos não se enterram. E o carnaval é o redivivo de todos os annos. Si valesse a pena de enterral-o, toda quarta-feira de cinzas, seria caso de cavar-lhe á lapide, com o asterisco do nascimento e a cruz do obito, aquella ephemeride preciosa. "Nasce a 31 de dezembro, na Avenida Rio Branco e morre a 5 de março, nas missas de arrependimento" (uai!), ou nos divans macios das pensões escabrosas...

Você, leitorinha, isto é, leitorazinha (*leitorinha parece diminuitivo de leitôa*), você, leitorazinha encantadora, ha de estar pensando que o seu amiguinho Zim Bárrios é um casmurrão de tres costados, não é?

Pois não é. Pois não sou... Hoje é dia quinze. Não faltam nem outros quinze. Só doze ou treze. Está certo. Olhe... Na hora exacta, "*pódem*" contar commigo... Porque...

— Girandola de tres dias
e tres noites, ardentias
de alto-mar das "fantasias",
no qual as "piratarias"
têm plena sanção legal,
girandola sem polias,
autogiro de alegrias,
danças, batuques, orgias,
Carnaval!
Si eu fosse governo, havias
de girar todos os dias,
sol de perpetuas folias,
girandola universal.

O dr. Augusto de Macedo Costallat, nomeado para substituir o saudoso dr. Adalberto Ferreira na direcção da Assistencia Publica Municipal, tomou posse de seu cargo na tarde de quarta-feira passada. O acto, que decorreu solemne, teve a presença de todos os medicos daquelle departamento, amigos e collegas do dr. Augusto Costallat, que foi saudado pelos drs. Roberto Freire e Nicolino Farani, tendo agradecido em expressivo discurso.

...uizos...

— Sabe qual é a percentagem dos maridos enganados?

— Pelas amantes?

— Perdão, pelas mulheres. Noventa [illegible] por cento.

— Só?

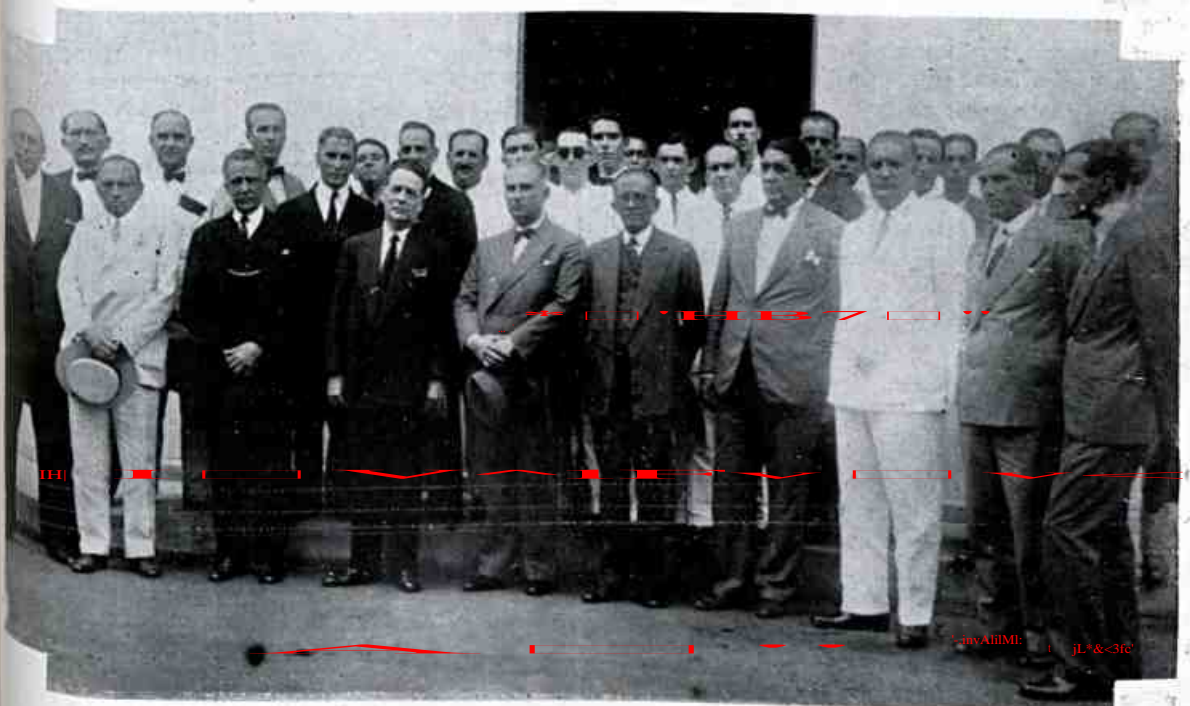
— E ha maridos tão profundamente infelizes, que até são enganados pelos maridos que elles enganam. De modo que é uma confusão.

....

Pelos modos, parece que os senhores pensam que este dialogo se passou no Rio, e foi registado alli, na calçada da Avenida.

Pois estão redondamente enganados.

A conversa é attribuida a D. Luiz de Lencastre e um certo Lampucci, isto em Lisbôa, no anno da graça de 1848, segundo Julio Dantas, em *Um serão nas Laranjeiras*.

Registe-se, e não sejam más linguas...

O dr. Augusto de Macedo Costallat com os medicos e funccionarios da Assistencia Publica Municipal, logo após a solennidade de sua posse no cargo de director daquella instituição.

NÃO se resiste a uma sympathia. Ha muito eu não encontrava o Bonifacio. Mas, forçado por uma saudade veliz, fui vel-o hontem.

Bonifacio está esplendido.

Mais gordo, com um arzinho de felicidade concentrada, o meu amigo me deixou uma optima impressão.

A sua mania literaria tambem está prospera. Bonifacio anda a trabalhar porfiadamente num romance moralista, e, aproveitando o nosso encontro, puxou todas as tiras volumosas da sua composição para deleitar-me com a leitura da obra formidavel.

A inspiração do Bonifacio é um manancial. Ás vezes, o assumpto estirado em dez ou vinte paginas gira em volta do mesmo pensamento, mas isto não prejudica a belleza dos conceitos, porque o Bonifacio é senhor de uma imaginação poderosa.

Devo-lhe a deferencia de uma confiança commovedora: Bonifacio não escreve nenhum trabalho sem me offerecer a leitura das suas elocubrações.

E, francamente, não tenho palavras que possam significar a minha admiração pelo composto psychico desse homem predestinado.

Nascido mediocremente por descuido da natureza.

Com um nariz que é um estorvo a todas as suas aspirações amorosas, Bonifacio tem vivido preso a um destino singular.

Amanuense, burguez recatado, viajo, provinciano jogado nas avenidas cariocas por força do seu horror ás cidades pequenas, o literato, o estheta, o fogoso critico

tem a virtude de uma persistencia inelutavel.

A divisa optimista — querer é poder tem sido a alavanca do Bonifacio.

Um dia, elle scismou em ser romancista. E eil-o rodeado de livros a produzir livros.

Machado de Assis, Aluizio de Azevedo e Camillo são os seus mestres.

Bonifacio não gosta da literatura estrangeira, excepto da portugueza.

Elle me explicou, certa vez, o trabalho que lhe custa estar ás voltas com diccionarios a tirar significados.

Mas, em se tratando de literatura portugueza ou brasileira, temos a eloquencia do Bonifacio vibrando em cascatas de commentarios, de citações, de verbosidade implacavel.

Bonifacio é um literato puramente regional.

Não o seduzem as civilizações intensas dos paizes longinquos.

O seu livro de estréa, um livro que concorrerá ao premio da Academia Brasileira de Letras, será a revelação do seu espirito.

Um romance moralista é um successo nestes tempos precarios.

Bonifacio possue um aspecto moral inatacavel.

Ha, porém, quem procure ensombrar a sua aureola de virtuoso convencido, contando passagens meio escabrosas da sua vida.

Entretanto, eu sempre o conheci muito aprumado. E' certo que, ha muitos annos, já, sobre uma historia, contada acerca de uns processos que lhe instauraram nas costas...

Casos... Casos de amôr que o amôr define, e a justiça, essa decrepita que não sabe mais como vive, toma á sua conta para perturbar a paz dos sonhadores amorosos.

O que eu sei, effectivamente, de Bonifacio, é que a sua persistencia vale todos os elogios e todos os applausos.

Mesmo forçando periodos de livros alheios, e marcando phrases communs a todas as humanas impressões, o romance do Bonifacio terá a consagração esperada.

De mim, modestamente, com a pobreza da minha admiração, eu já o consagrei.

Não se poderá imaginar um compendio mais completo de logares communs, de situações triviaes, de desgoverno mental. Um prodigio!

Bonifacio é um homem predestinado. Tem merecido todas as homenagens dos deuses.

E, se lhe não concederem o premio ao seu livro, certamente haverá nesse desacerto uma injustiça imperdoavel.

Sylvia Bacon

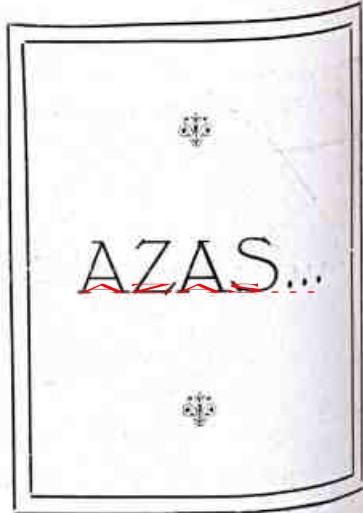
FILIGRANAS

Deante de ti, immenso, azul, crespo, ó mar! eu lembro os versos das *Flôres do Mal*:

Vous êtes tous les deux ténébreux
[et discrets:
Homme, nul n'a sondé le fond de
[tes abimes,
O mer, nul ne connait tes richesses
[intimes,
Tant vous êtes jaloux de gardes
[vos secrets!

Deante de ti, immenso, azul, crespo, ó mar! eu penso que sou um mysterio tão grande quanto és, que desconheço o fundo do meu espirito como desconheço a profundez das tuas aguas...

A memoria de Oswaldo Cruz foi reverenciada por occasião da passagem do 13.º anniversario da morte desse grande brasileiro a 11 do corrente. A Fundação Oswaldo Cruz promoveu, nesse dia, uma romaria de saudade ao tumulo do eminente hygienista, a quem o Rio de Janeiro e o Brasil devem todas as homenagens de gratidão. Junto ao mausoléo onde repousam os restos mortaes de Oswaldo Cruz, varios oradores glorificaram o saber e relembraram a obra do saudoso medico patricio.

NOTAS LITERARIAS

Senhora Suzanna de Campos, filha do illustre politico paulista Sylvio de Campos, e notavel poetisa. Seu livro, recentemente publicado, «A voz do meu coração», tem uma profunda e dolente sensibilidade que empolga e commove. O coração da artista sente a belleza fonte da natureza e palpita pela forte belleza do amor. Alma vibratil e communicativa, deixa nos leitores de seus lindos versos duradoura e profunda emoção. E' um espirito para quem a Arte não tem segredos.

MINHA CIGARRA...

No verão da minha vida tu eras a cigarra que cantava, cantava, emquanto o inverno não chegava. E enchias de fanfarras e de clarins as tardes illuminadas e quentes, a estridular a canção jazbandeante de tua alma bohemia, de tua alma volatil, de mulher...

Sol em festa. Tardes em festa. Almas em festa. E, tu, a guizarreares, a guizarreares a alegria de saber viver a vida brejeira, vadia e descuidada...

Cigarra do meu verão, Colombina do carnaval de toda a vida, um dia, porém, te foste e, nunca mais, tua canção de alegria, festiva e estridula como um crystal que estalasse ao sol, em espasmos de volupia,... nunca mais encheu de fanfarras e de clarins o ambiente de exaltação e de febre do meu amor.

Cigarra, Colombina do coração das arvores, Colombina, cigarra do coração de todos os homens, o carnaval ahi vem, o verão ahi está, e minha alma, inquieta, anseia por tua pequenina alma jazbandeante...

UMA MASCARA...

Como aquelle peregrino de que fala Nietzsche, que, na sua afflicção, buscava uma nova mascara com que pudesse disfarçar a angustia da sua vida, tambem eu procuro uma mascara, outra mascara...

Quem é que poderá viver, arrostar-se pelo mundo, pela sociedade, sem uma mascara? E as minhas — todas as que me fizeram usar — já estão tão gastas, tão velhas, tão fóra do gosto e do espirito modernos!

Os homens e as mulheres não se comprehendem sem estar mascarados, bem mascarados, e, por isso, talvez, é que elles não me entendem, nem percebem a minha afflicção...

Uma mascara, uma nova mascara, onde encontrar?

Meu amor, queres ser a mascara de meu rosto, tu, que talvez já sejas a de meu coração?

Porque tu és o mais lindo disfarce, o mais encantador tra[illegible] de mulher que já encontrei até hoje.

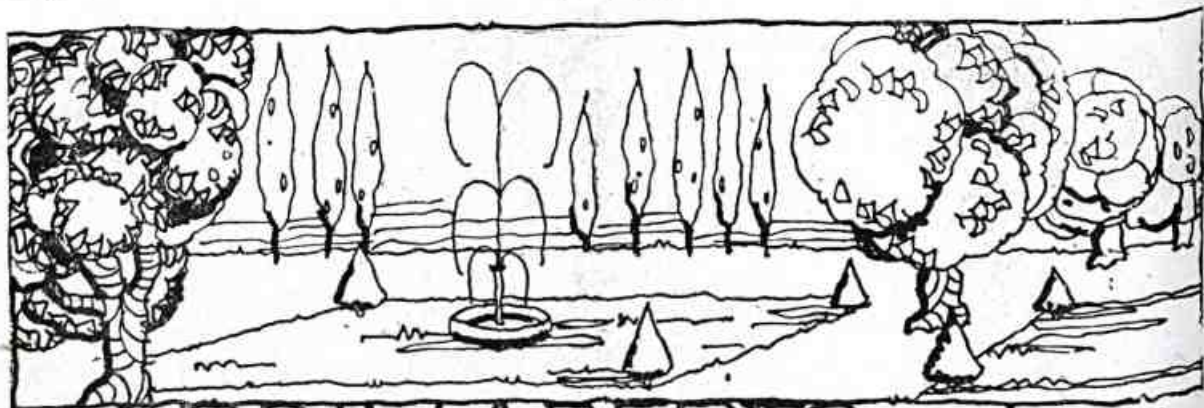
A vida é uma continuada mystificação. Tudo embuste. Tudo mentira. Mascarada. Carnaval. E eu já não estou vivendo, sinto que já estou vivendo e gozando a vida, já falta de uma nova mascara, de um novo disfarce, de uma nova mentira.

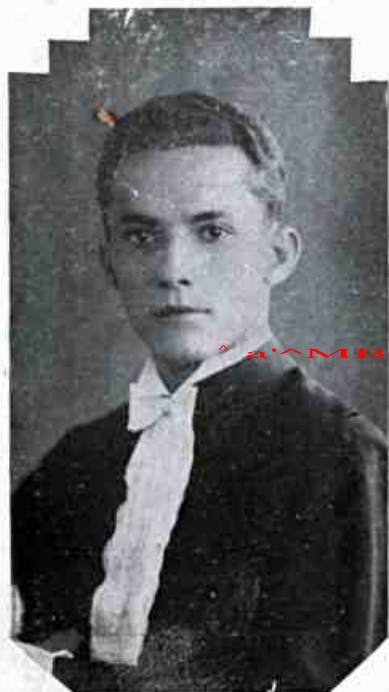
Meu amor, as mulheres são, e sempre foram, e sempre hão de ser, as mais lindas mentiras, as mais adoraveis e tambem as mais perigosas mystificações da vida, porque só ellas têm o dom de enganar e illudir sinceramente, a valer, bastante...

Meu amor, enquanto tu fores a minha illusão, a minha mentira, eu mesmo sem mascara, irei supportando o carnaval da vida, porque os teus pequeninos dedos de fada caem sobre as minhas palpebras, cerrando-as, vendando-me os olhos.

Meu amor, faze com que nunca mais eu venha a descerrar os olhos para a revelação de outro mundo que não seja o de mentira e sortilegio em que me vens fazendo viver.

Iesso.

Essas silhuetas, na diversidade das suas attitudes, não são apenas motivos ornamentaes desta pagina. São figurinos carnavalescos. São seis: o «Limpador de Chaminés», o «Clown», o «Leque», o «Caçador», a «Sueca» e o «Pompon». Agora, que as foliãs façam a melhor escolha.

JARDIM ABERTO — D. Jayme

A CANÇÃO DA NOITE ESCURA

O dr. Herminio Conde é o joven autor de um trabalho historico de grande merito — «Cochrane, falso libertador do Norte», — ha pouco publicado. E' uma contribuição valiosissima, interessante e documentada, a que traz o distincto e talentoso patricio para fazer luz sobre o movimento da Independencia do Norte, levado a effeito por nortistas, quando, falsa e erroneamente, se attribuem a Lord Cochrane todas as glorias da memoravel campanha libertadora.

Noite escura.

No silencio, a vida espera que desabroche a aurora.

E nos véos transparentes, quasi invisiveis, das nevoas que se esgarçam pelos flancos negros da montanha parece-me que erra o teu vulto, meu amor!

Versos de Musset borbulham nos meus labios:

Pourquoi mon cœur bat-il si vite?
Qu'ai-je donc en moi qui s'agite
Dont je me sens épouvanté?

Noite escura.

No silencio, a vida espera que desabroche a aurora.

E nas estrellas azuladas que mal tremeluzem perdidas na escuridão do espaço parece-me que brilham as tuas pupillas de oiro, meu amor!

Outros versos abrolham nos meus labios:

Ne frappe-t-on pas à ma porte?
Pourquoi ma lampe à demi morte
M'eblouit-elle de clarté.

Noite escura.

No silencio, a vida espera que desabroche a aurora.

E quando o menor ruido corta, rapido, a vasta tranquillidade negra, parece-me que ouvi, ao longe, o dôce rumor da tua voz, meu amor!

Ainda os versos do poeta brotam de meus labios:

Dieu puissant! tout mon corps
[frissonne.
Qui vient? qui m'appelle? — Per-
[sonne.

Noite escura.

No silencio, a vida espera que desabroche a aurora.

E, si teu vulto deslisa, teus olhos sorriem e tua voz resôa na tranquillidade e na treva que implacavelmente me rodêam, tu estás longe e só a tua saudade mora commigo, meu amor!

Então, de meus labios somente estes versos podem sahir:

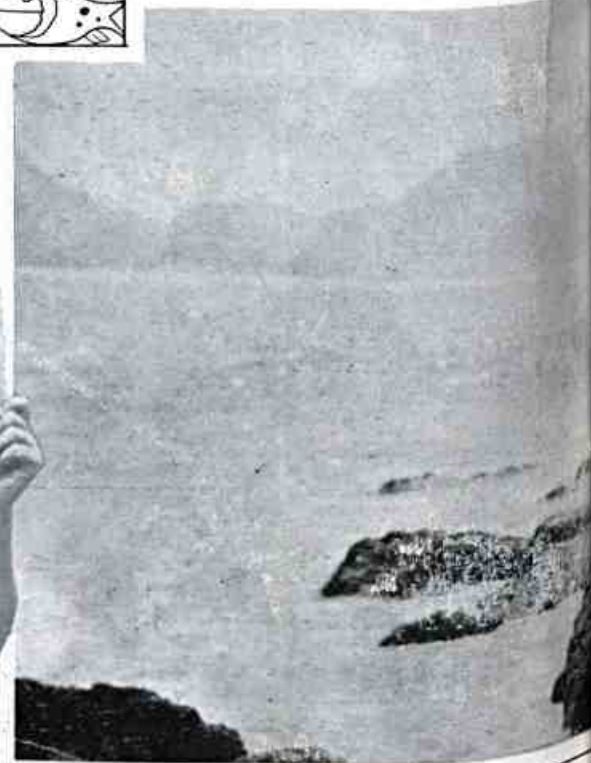
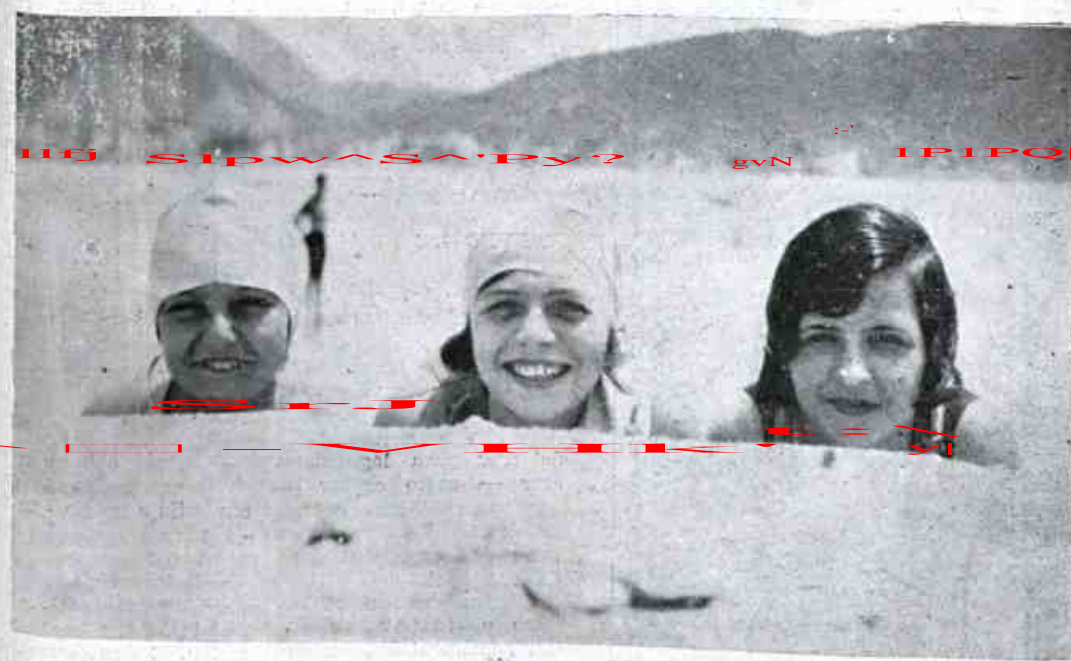
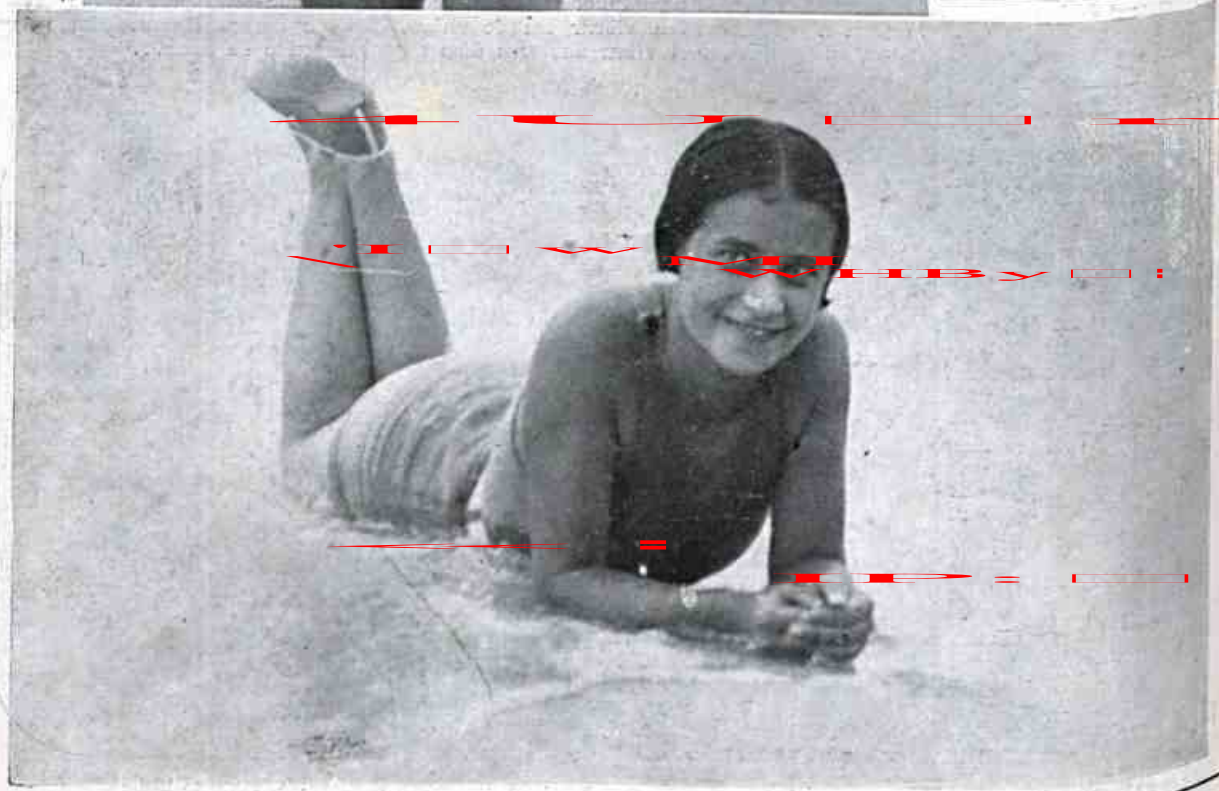
Je suis seul; c'est l'heure qui
[sonne;
O solitude! ô pauvreté!

O dr. Ruben Moitinho, professor, jornalista e engenheiro fiscal das forças hydraulicas e electricas, no Estado do Rio de Janeiro, é o representante do Club de Engenharia na Segunda Conferencia Mundial de Força, que se realizará em Berlim, no proximo mez de Junho. A designação do dr. Ruben Moitinho para essa importante missão foi recebida com agrado nos circulos da engenharia nacional, onde aquelle professor goza de grande conceito.

O casal João Nicolussi-Francisca Nicolussi, residente em Victoria, capital do Espirito Santo, de cuja alta sociedade é nobre ornamento, festejou nesta capital, entre as suas mais distinctas amizades, a passagem do 25.º anniversario do seu casamento. A photographia presente regista uma reunião de elegancia inconfundivel, que o casal Nicolussi proporcionou ao circulo de suas relações, segunda-feira ultima, com a presença das senhoritas Haydée e Cecy Nicolussi, suas filhas, e dois bellos temperamentos artisticos.

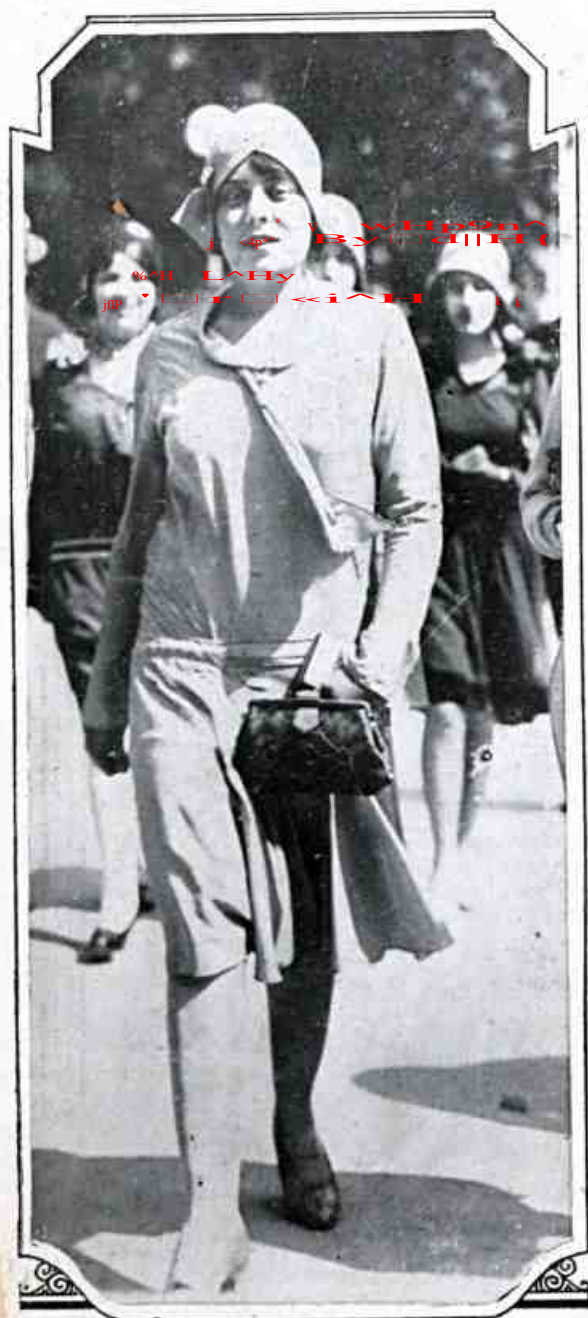
O CARNAVAL

As crises continuadas em que de uns oito annos a esta parte temos vivido muito contribuiram para a decadencia do carnaval carioca, outrora o mais animado e caracteristico do mundo. Da rua retirou-se a bôa sociedade e ficou nella somente o povinho. A Avenida, que começava a vibrar em dezembro, agora mal vibra nos tres dias da loucura. O espectaculo dos prestitos cansou os espiritos. E a falta de dinheiro matou as casas provisorias de lança-perfumes e artefactos carnavalescos. Momo está morrendo de fome...

Num dos grandes salões do Club Germania, á praia do Flamengo, realizou-se, sabbado ultimo, o almoço que a Casa Bayer offereceu aos droguistas do Rio de Janeiro, tendo no mesmo tomado parte as figuras mais representativas da numerosa classe.

Balcão Florido

ROSAS DE TODO O ANNO

Um "amor" de filha, a que, neste momento, se reflecte na minha retina entristecida, distendida, na immensa projecção da saudade que a maréja, para a terra distante, lá, longe, onde, um dia, eu a deixei...

Superioridade...

Minha filha... uma garotinha meiga, de grandes olhos serenos e negros, que se fez moça e se fez mulher, tão longe do meu carinho!...

. . . .

"Meu papaezinho querido — Li, no *Fon-Fon* de 28 de dezembro, uma chronica que escreveste para mim. Chorei muito, meu papesinho, e como desejei ser ainda a tua filha pequenina para te ver feliz, muito feliz!

Mas, escuta, paesinho, o que tua filha vae dizer-te de todo coração: já tenho dezoito annos e estou casada. D'aqui a um anno — como tu proprio dizes — talvez já seja mãe. Apesar disso, porem, paesinho, continuarei a ser para ti aquella mesma filhinha, pequenina e tolinha, que muito te amava e que ainda mais te ama, hoje, porque sente que não és feliz."

Um "amor" de filha, essa que deixei, um dia, menina e moça ainda, lá, na minha terra distante, e que sinto, agora, tão pertinho de mim, no afago morno e solicito da saudade com que a envolvo e acarinho de encontro a meu coração...

REPUXO DE PETALAS

Alegria de viver! *Joie de vivre!* Quem m'a dará?...

Coração — meu pobre coração cansado de amar, de querer bem, de illudir-se e desilludir-se, de crer para logo descrer — como conter a tua ansia de amor e de felicidade, os rythmos quentes do teu desejo e da tua exaltação?

A amphora do vinho loiro e generoso da tua sentimentalidade, da tua affectividade, ainda não a esgotaram os desenganos e as desillusões e as decepções que tens colhido pela vida afóra...

O teu vinho, o vinho bom e puro que estillas nos vasos sagrados da tua idealidade, é o vinho eucharistico do teu soffrimento e da tua inquietação.

Dál-o a uns lábios puros, que tambem tenham sêde de alegria e de felicidade; dál-o, munificente e prodigamente a uma bocca de mulher que saiba transformal-o em beijos e em carinho; dál-o, dál-o... para que possas dansar, para que possas viver, para que possas sonhar, sonhar sempre, sempre illudindo-te...

MAL-ME-QUER, BEM-ME-QUER...

Mal-me-quer, bem-me-quer...
Bem-me-quer, bem-me-quer...

E ficas scismarenta e triste, a esmagar, entre teus dedos trêmulos, nervosos, a pobre flor que te disse que eu não te queria, que te enganou, que te mentiu.

Depois, a esse chrysanthemo vermelho falta uma petala...

— Falta uma petala?... Como? Como poderás sabel-o?

— Facilmente. Ficaste em... mal-me-quer, não foi?

— Sim.

— Agora será bem-me-quer, não é?

— E... di...

— Deixas que eu o diga por ti, indicando com um beijo a petala que falta, para que saibas que te quero?

— Deixo...

— Bem-me-quer...

E beijei tua bocca vermelha. E ficaste tambem toda vermelha, mas tão alegre e tão tranquilla!

VICTORIA-RÉGIA

...mbrei-me de ti hoje. recordei. E evoquei. ...ultuoso, o rio Ama... ...as de minha saudade ...ria, corria para ti na ...ia louca e vã de aca... ...ar com o beijo sof... ...o de suas aguas ...cas teu lindo corpo ...pitante e quente, a ...tar-se no casto leito ...al da Victoria-Régia minha Illusão e do ...u amor...

...or mais, porem, que evocasse e chamasse; mais que o calor tro... ...al da minha exaltação désse a impressão do ...le virias, de que ouvi... ...s o meu clamor e cor... ...rias para mim, não ...este e eu, desilludido e ...ste, já não te espero e ...ica mais te esperarei...

...HAS VIOLETAS...

...eiga e casta violeta minha terra, como tu ...fumas, ainda, o ambi... ...e da minha vida! ...eu ser pequenino e ...arro vive ainda dentro mim, no suave per... ...e envolvente da mi... ...a melancolia e da mi... ...a recordação.

...antos annos, já, que ...saram! E tenho ante olhos, ajoelhada na ...ellinha branca, de ...verdes, branca como ...a noiva mystica, teu ...to moreno, cheirando castidade e a pureza...

...a tantos annos, já! E não te esqueci, e não Aquecerei nunca, mei... e casta violeta da mi... ...a terra natal...

PIEDADE

...estas — Está desper...ndo o maior interes... nos circulos ele...ntes do *grand mond* ...rioca, o baile á fanta... Que o Fluminense F. vae offerecer a seus ...sociados, commemo...ando o Carnaval, e que realizará a 3 de março ...roximo, no sumptuoso ...ão do Gymnasio.

O tradicional baile do ...uminense tem seu exi... assegurado desde já, constituirá, como sem... acontece, uma nota alta distincção, de ...nesse, de elegancia, de ...ria e de originali...de.

— Antes, porem, de seu grande baile tradicional, o Fluminense F. C. realizará, no dia 23 do corrente, um banho á fantasia, na sua piscina, com um programma em que, alem de outras surprezas, figura tambem a distribuição de varios brindes que serão conferidos ás fantasias mais originaes.

— Tambem, entre os distinctos elementos do Club de Regatas Botafogo, reina a maior animação para o baile á fantasia que se realizará no proximo dia 25, e cujo brilhantismo será inexcedivel.

O salão do Botafogo vae receber a mais fina e rica decoração, em estylo oriental, da qual ficou incumbido o conhecido artista que é Angelo Lazary.

— O grande baile de carnaval do Tijuca Tennis Club realizar-se-á no proximo sabbado, nos salões do Hotel Gloria.

Nos nossos circulos sociaes aguarda-se ansiosamente o acontecimento elegante que vae ser a festa carnavalesca do Tijuca Tennis Club.

SOCIEDADE FLUMINENSE

Mme. Hilda Moraes Xavier, elemento de destaque da sociedade fluminense e esposa do dr. Adino Maciel Xavier.

Noivados — O nosso distincto collega de imprensa, dr. Jorge de Godoy, digno inspector da Agencia Americana, contractou casamento com a prendada e gentil senhorita Helena Gomes, da alta sociedade carioca.

Com a senhorita Gyredila Maurity de Souza, filha do capitão de fragata Marcolino Alves da Silva, contractou casamento o capitão-tenente Francisco Castello Branco.

PAPOULA & GYRASOL

Papoula — Os homens são sempre assim, voluveis e falsos...

Gyrasol — Quem dá o que tem...

Papoula — Escuta: estou cansada de ti, de tuas ironias, de teus sarcasmos mordentes...

Gyrasol — Então, adeus...

Papoula — Adeus...

Gyrasol — Outros olhos encontrarei em torno dos quaes ha de gyrar, sempre gyrar, meu coração...

Papoula — Gyrasol, meu amor, não! não! Vem cá. Meus labios, os labios rubros da tua Papoula...

Gyrasol — Dize...

Papoula — Sempre foram teus, e sempre estarão abertos para receber, sorridentes, a volupia quente do teu beijo...

— *Gyrasol* — Meu amor...

As sombras da noite, cheias de recolhimento, desceram sobre o jardim, velando a castidade cheirosa das flores...

JARDIM ALHEIO

Oh, Tu, que me arrancaste a la torre más fuerte,
que alzaste suavemente la sombra como un velo,
que me lograste rosas en la nieve del alma,
que me lograste llamas en el mármol del cuerpo,
que hiciste todo un lago con cisnes de mi llanto...
Tu, que en mi todo puedes,
en mi debes ser Dios!

DELMIRA AGUSTINI

Rodenbach, meu bom poeta e meu querido amigo,
Como os teus versos dão-me um bálsamo á minha
[alma!
Sinto-me bem, a sós, a conversar comtigo,
Passa-me a inquietação, vêm-me a doçura e a
[calma.

Como tu, no passado é que eu me refugio,
Evocando as imagens já semi-apagadas
Que surgem neste meu crepusculo de estio
Com o encanto virginal das tenues alvoradas.

Poeta amigo! Traduzes sempre no que dizes
As suaves emoções dos meus tempos de criança.
Eu vivi, como tu, lindos dias felizes
Que me não sahirão, nunca mais, da lembrança.

Eu tive, como tu, a embalançar-me o berço,
Uma criatura excelsa, a quem, porém, não pude
Exaltar, como tu, a ternura num verso,
Como tu celebrar num poema a virtude!

Por isso, quando, á tarde, as tuas paginas leio,
Tenho a impressão de que, outra vez casto e puro,
No innocente agasalho e no materno seio
As minhas orações de outro tempo murmuro...

Sinto-me bem revendo a effigie de candura
D'Aquella que já alçou da terra o grande vôo,
E o pensamento meu novos rumos procura
Onde bençãos espalho e aggravos maus perdôo...

Da "*Tardia Colheita*".

VEIGA MIRANDA

O professor dr. Arthur de Carvalho Azevedo, chefe da 24.ª enfermaria da Santa Casa da Misericordia, recebeu, por occasião da passagem de seu anniversario natalicio, a 2 do corrente, expressiva homenagem de seus collegas e auxiliares, que quizeram por essa fórma festejar aquelle mestre da medicina brasileira. As nossas gravuras fixam dois detalhes dessa manifestação, vendo-se ahi o professor Arthur de Carvalho Azevedo em companhia do dr. Arthur Rocha, director do Hospital da Santa Casa; das irmãs Rosa (superiora) e Joanna (da 24.ª enfermaria); dos drs. Teixeira de Godoy, Miguel Feitosa, Oscar Alves, Pedro Magalhães e Rocha Lagôa, e dos internos da 24.ª enfermaria.

FILIGRANAS

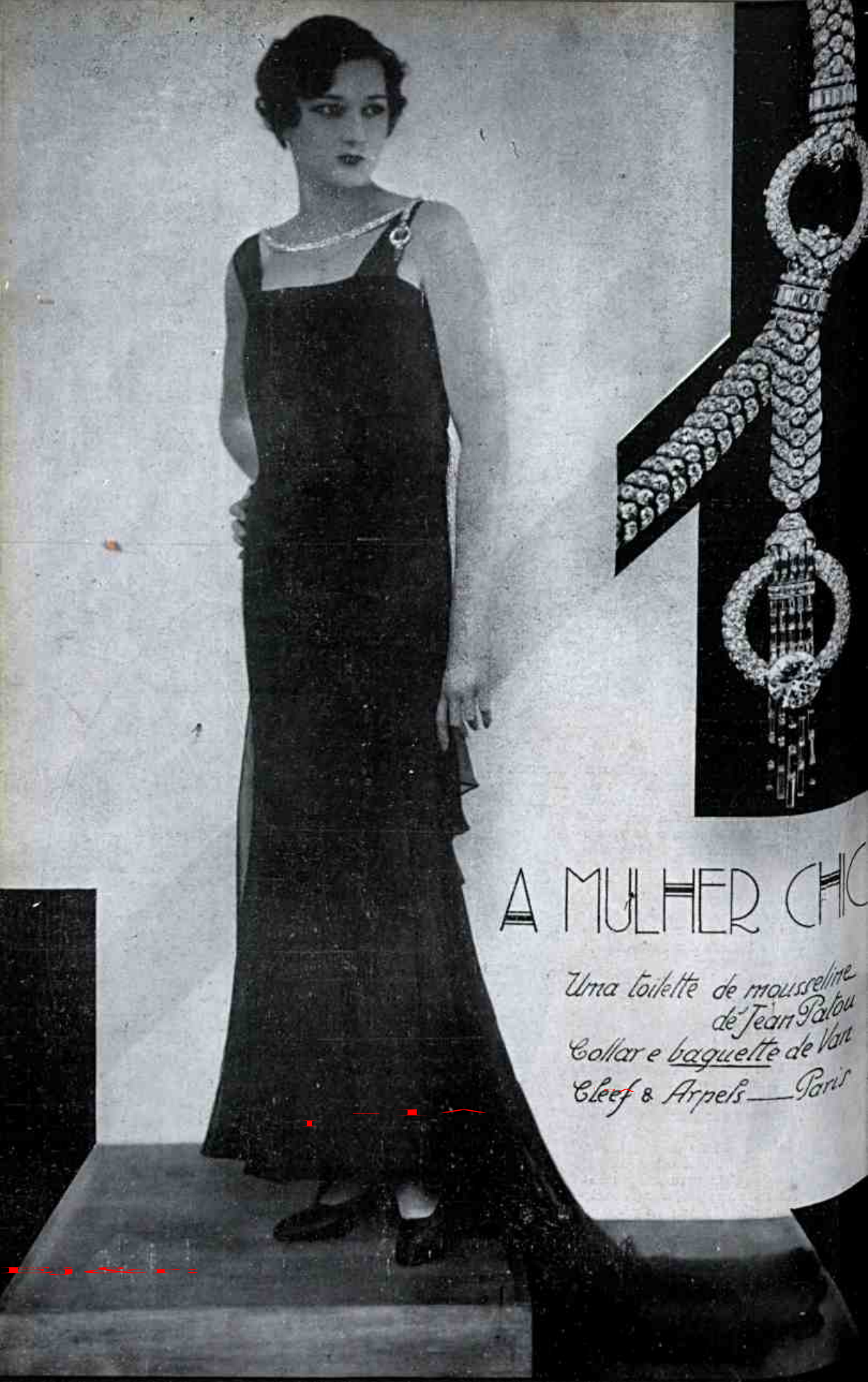
Penso em ti e um desejo ardente como o vento dos desertos sobe do meu coração e me faz estremecer todo. Vejo-te... sinto-te como nos dias de paixão e gozo, e os versos de Fabié bailam na minha memoria:

Les lionnes aux yeux ardents
rugissantes et provocantes,
dont les baisers montrent les dents
comme les baisers des bacchantes...

E o vento do desejo vergasta-me sem piedade...

FILIGRANAS

A sombra das quaresmas floridas alongava-se sobre a herva muito verde. O sol ia morrer. E o ultimo chilrear dos pardaes vibrava na espessura dos arvoredos.

Na minha solidão magoada, pensava em ti. Si estivesses commigo, eu te pediria para falares baixinho e para me beijares silenciosamente, afim de que os passaros não se espantassem e sua orchestra suave envolvesse de sons o mysterio adoravel do nosso amor...

A MULHER CHIC
Uma toilette de mousseline de Jean Patou
Collar e baguette de Van Cleef & Arpels — Paris

Vestido de georgette negro de Jean Patou.
Broche de pedras preciosas de Van Cleef & Arpels, Paris

alto fallante

AUTORES

O sr. Paula Achilles, conhecido professor e pedagogo, além de se consagrar ás coisas do ensino, cultiva, tambem, as musas, com segurança e brilho de rythmos e intensa emotividade. «Luz Tropical» é o titulo do volume em que Paula Achilles acaba de enfeixar, e dar á publicidade, seus ultimos sonetos e poemas.

A mulher, em geral, é um animalzinho que a gente vive a dizer que é leve como... uma penninha, por excesso de galanteria ou perda, momentanea, do uso da razão. Porque todo homem deante de uma mulher — bonita, já se vê, e tambem nova — nunca está na posse perfeita, pacifica e plena de suas faculdades mentaes.

O homem en état d'amour é quasi sempre um louco pacifico, quando não dá para furioso. E o amor é mesmo um impulso da loucura instinctiva que d o r m i t a em cada descendente de Adão.

* * *

AGORA, noto, depois de ler, ajuizadamente, o que escrevi acima, que não estou lá muito seguro de mim proprio. Mulheres... Um peso, sim, porque ellas são "pesadas", á bessa, q u a n d o tomam conta de um filho de Deus nesta terra de peccado...

* * *

EU marchava tranquillo, tranquillo e descuidado, pela Avenida quando, entre surpreso e satisfeito, dou com dois olhinhos negros rasgados em amêndoa, e brejeiros como o sorriso que se desfolhava na bocca de sua dona, assistados sobre mim. Um calor, um formigamento, uma quentura boa, uma emoção ardente correu-me pelo corpo, agitando-me o sangue, accelerando-me o rythmo do coração, perturbando-me a cabeça, os sentidos.

Era o coup de foudre do amor, em plena rua!...

* * *

SEGUI-A, em alvoroço, tremulo de emoção, chispando coisas nos olhos, cheios "della".

Parou: Stop. Tambem parei.

Auto-omnibus do Leblon. Directo: 1$400. Ella sobe, e eu — zás! — tambem enfio pelo omnibus a dentro. Sentou-se. Com um sorriso, nervoso, commovido, approximo-me:

— Com licença! E tomo logar a seu lado.

Os poucos passageiros, que parecem haver comprehendido o jôgo, olham-nos; o motorista vira a cabeça para traz, de quando em quando, e até os bancos vazios parecem sorrir maliciosamente...

Como puxar conversa?

Abro a cigarreira, tiro um cigarro e, de novo:

— Dá licença, se o fumo não a incommoda?

— A' vontade. Tambem fumo...

— Obrigado!

Tambem... fumava, aquella garota, uma garotinha de 16, 17 annos!

Fiquei *"fumando"*: era a primeira decepção.

— Sabe que é linda! Acho-a encantadora...

— Muitos já me teem dito a mesma cousa...

— Não, talvez, com a sinceridade com que lh'o digo...

— Sinceros, os homens!

— Sim, por que não! Então já não crê nos homens!...

— Não. Tolero-os, apenas, porque preciso... fazer a vida...

* * *

CALEI-ME. Um enorme, indefinivel mal-estar descera sobre minha alma, affligindo-me horrivelmente...

— Ficou zangado com o que lhe disse?

— Não, minha filha; fiquei... triste. Tão nova...

— Que quer: a vida... Perdôe-me, não posso dizer-lhe nada, agora. Sinto que é bom. Um dia, em outro dia, venha ver-me... Sim? Faz-me esse favor?

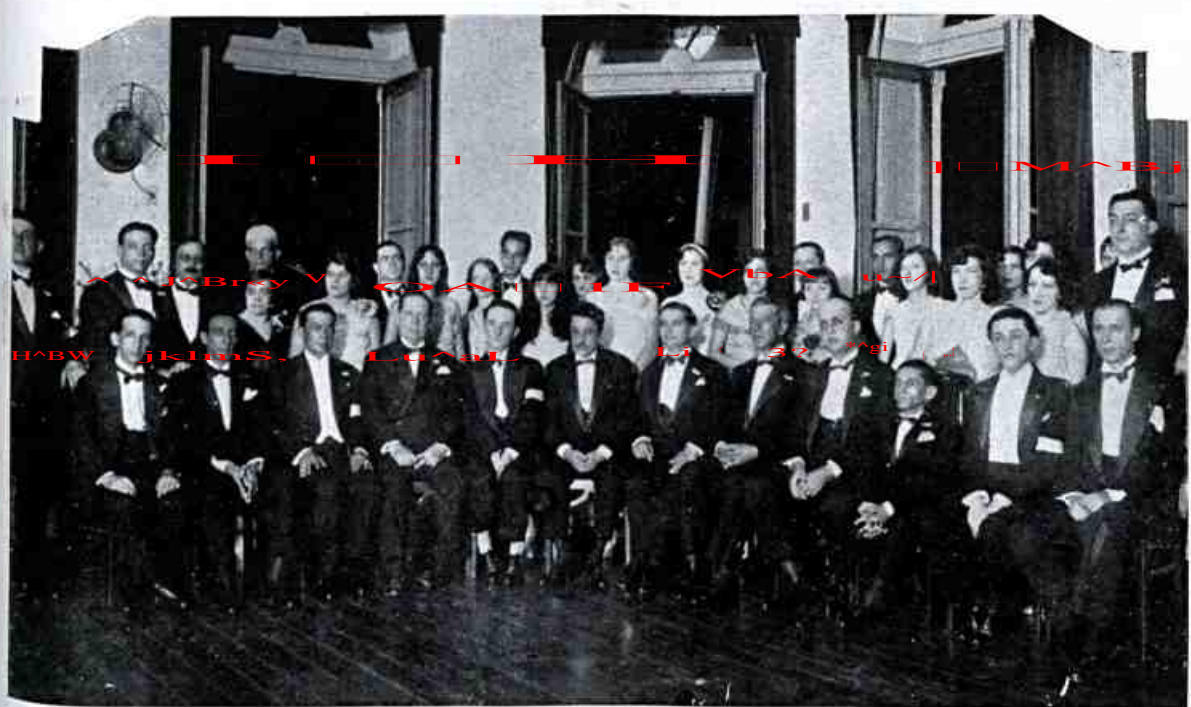
— Sim, Irei... Adeus.

Ella saltou. Não a segui mais. Acompanhei, por um momento, aquella silhueta esbelta, tão simples, tão vaporosa. Uma figurinha de creança, com alma de mulher já desilludida, já descrente do amor e da vida...

Voltei á razão deante daquella pequenina e desconhecida "desencantada"...

A vida... Mulheres... Um "peso"... E ahi está como se escreve uma chronica... maluca...

MAX LINDER.

Durval Passos de Mello, o poeta de «Chuva de Estrellas», que acaba de se apresentar á critica com os versos modernos e emotivos de seu livro de estréa.

O Centro de Chronistas Carnavalescos realizou, sabbado, a sua festa em homenagem ao ministro da Justiça, que compareceu pessoalmente, e a quem foi offerecido artistico bronze. As directorias dos clubs dos Democraticos, Fenianos e Tenentes do Diabo associaram-se a essa homenagem que os nossos chronistas carnavalescos prestaram ao dr. Vianna do Castello.

...vizos...

Insensivelmente, vamos caminhando para o assassinio politico, ultima degradação de um povo que perde o governo de si mesmo.

A maxima antiga que aconselha a fazer o bem aos amigos e o mal aos inimigos só póde guiar os espiritos tacanhos, estreitos, espiritos ainda não tocados pelas doçuras da civilização.

Os espiritos illuminados sabem que é necessario praticar o bem, sem re, pois só a bondade convence.

Os governos que adoptam o systema de eliminar os seus adversarios offerecem aos governados as provas da sua fraqueza, provas de um lamentavel estado de decomposição.

A força dos governos reside justamente no prestigio que lhes fornece a collectividade.

Os que usam do recurso de mandar matar os adversarios das suas idéas mostram que já não podem tambem viver, livremente.

Socrates deixou para os homens, ensinamentos que não devem ser esquecidos.

Elle disse que as coisas estão organizadas de modo a fazer sahir a punição da propria falta.

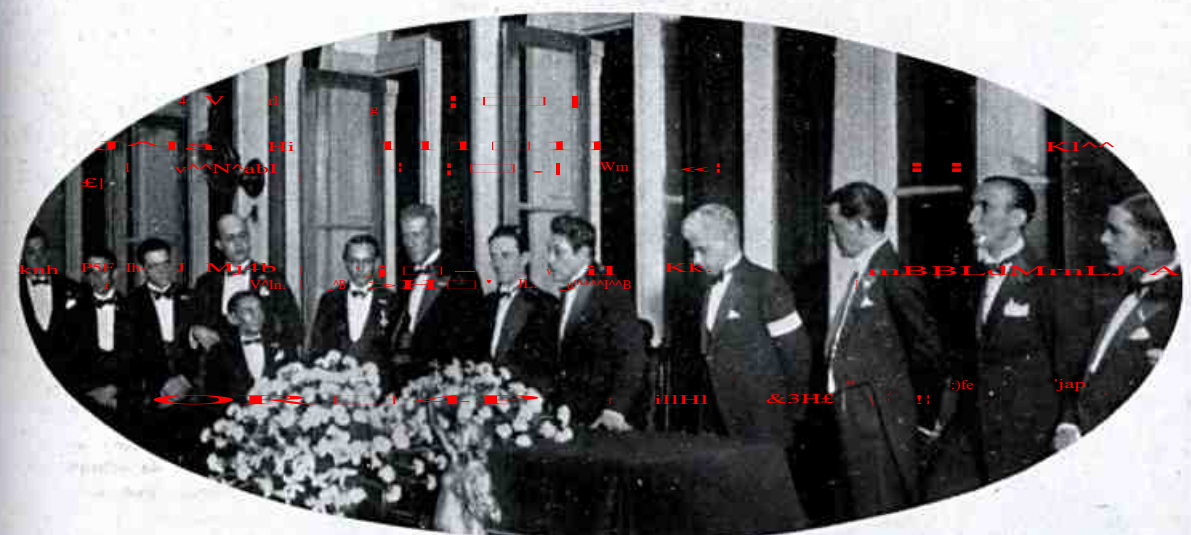
A lei é o bem; a transgressão da lei é o mal; cedo ou tarde o mal produzirá o mal, pela força das coisas ou antes, pela força de Deus.

Eis tudo.

O homem que pensa tudo poder, não póde nada.

Seria pueril suppôr, por exemplo, que um homem eventualmente dirigindo uma collectividade, tem a faculdade de eliminar um dos seus membros, porque todos devem pensar do mesmo modo.

Basta de miserias!

Os homens não podem matar, porque este direito pertence a Deus.

O ministro Vianna do Castello agradecendo a homenagem dos chronistas carnavalescos e o bronze offerecido a s. ex.

ELEGIA

(De ALBERT SAMAIN)

Quando, sem ar e luz, a tarde desfalleça,
sobre meu peito nú pousa tua cabeça.

Deixa que teu olhar embriague meu juizo,
que teus dentes de luz floresçam num sorriso.

Como um tigre segura a caça palpitante,
cingir-te-ei, cruel, nos meus braços de amante.

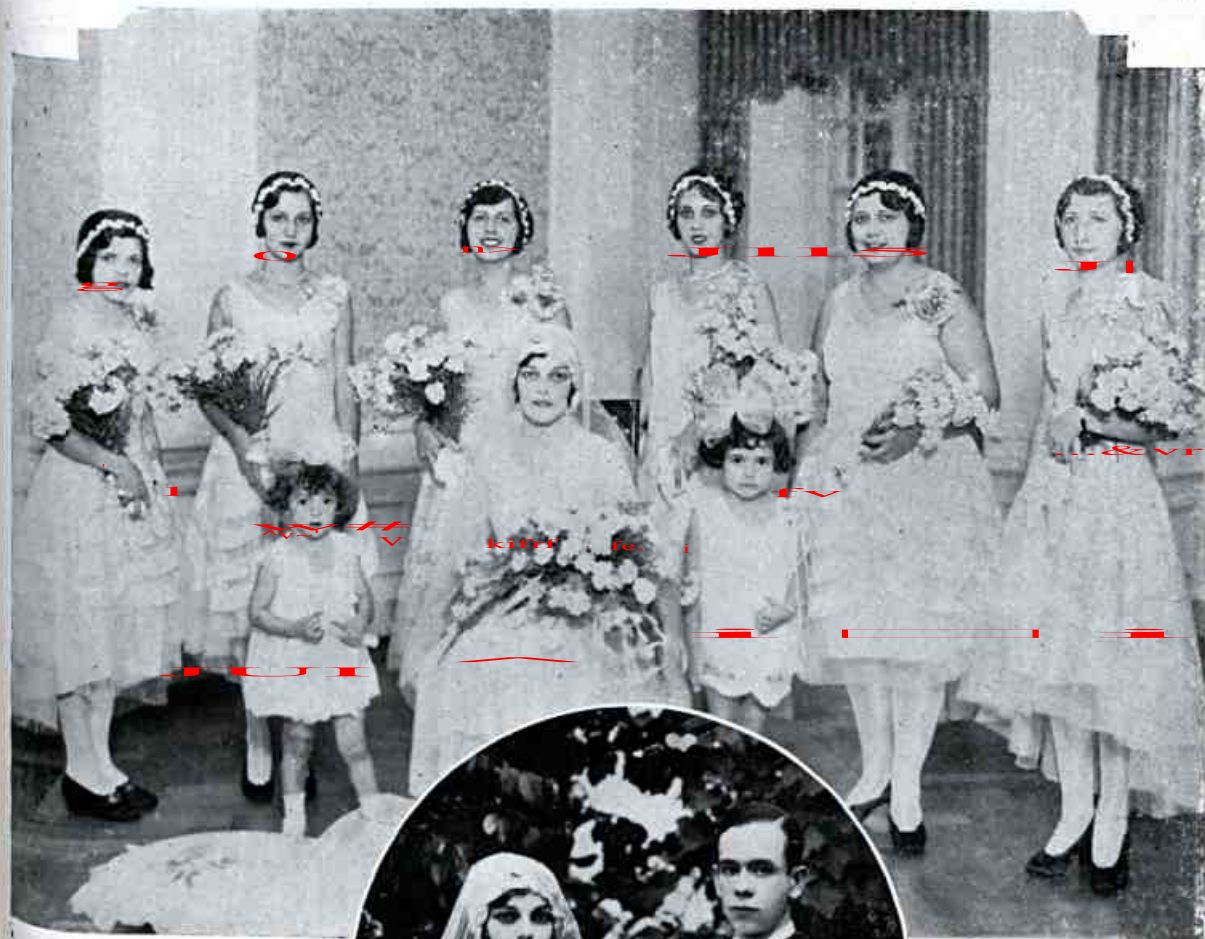
O' loucura sem dó de te sentir e vêr
despenhada sem voz no abysmo do prazer!

E te dominará o meu desejo forte
de te levar no Amor para os braços da Morte!

Cravando em teu olhar minha pupila calma,
descerei devagar ao fundo de tua alma.

Pelos amplos rasgões de tua blusa rosa,
verei surgir, então, tua carne cheirosa.

O seu dôce perfume ardente e sensual,
rara essencia subtil do mundo oriental,

entontece de amor e cega de desejo
para o goso sem par da colheita do beijo...

A Senhorita Cladyr Alves de Moraes, filha do dr. José Aristides de Moraes, no dia do seu casamento com o sr. Octacilio de Souza Braga, realizado recentemente nesta capital.

FILIGRANAS

Da janella, olho a noite clara. O luar prateia os montes azúes. Silencio profundo. De vez em quando, para torna-lo ainda maior depois, corta-o um cicio longo de insecto. O perfume do matto humido boia no ar. E uma doçura me invade o corpo e a alma.

A minha eterna saudade esmaece e é como si, vinda com o perfume e com o luar, tu estivesses bem juntinho de mim...

UM SONHO FELIZ

Elle contou-lhe que tivera um sonho... E ella ficou sorrindo, satisfeita, contente, julgando que fôra o objecto do sonho... E ficou a pensar em um mundo da cousas maravilhosas, de palacios encantados, de fadas, de idyllios romanticos á beira de lagos crystallinos e mansos como o em que se banhou Narciso... Devia ser assim o sonho delle, um sonho grego... E elle, cortando todos esses magnificos devaneios, continuou: "Tive um sonho feliz... Sonhei com o elephante... Ganhei na dezena..."

R. M.

GUIZOS...

Os primeiros guizos do Carnaval que se approximam. Ahi estão elles despertando a população para a festa da cidade.

E a cidade, ao ouvil-os, abre os braços voluptuosos, para o Vicio.

Com os guizos, as grandes peccadoras descerão á rua cantando aos nossos ruvidos a ária da seducção e do prazer.

Envolvidos na onda de perfumes da carne dos corpinhos tenros, luzes, côres, será facil gozarmos todos os instantes da hora do Peccado.

Guizos, pandeiros, rufos e clarins...

Dias estonteantes, dias de Carnaval, nos quaes a humanidade se mostra tal qual ella é, espelhando-se num largo sorriso de impudor!...

Senhoritas Marina Lima e Naná Fonseca, duas galantes leitoras do FON-FON, residentes na cidade fluminense de Valença.

TREPAÇÕES

Izabelita Ruiz é, com os seus olhos melancolicos e a sua attitude sonhadora, uma artista que fascina pelo encanto da sua harmoniosa figura. Izabelita Ruiz não é brasileira, mas conta innumeros admiradores nesta terra que a festeja.

O mundo está cheio de casos engraçados.

Jovens, deixaram-se levar por uma paixão violenta, que teve natural epilogo perante a egreja e a pretoria.

Mas a chamma da paixão abrandou mais depressa do que era de se esperar.

Appareceram os primeiros caprichos, as vaidades tolas, tão proprias de crianças, e nenhuma das partes sabia ceder.

Resultou dessa desintelligencia uma situação toda especial, para ambos, situação desagradavel, intoleravel.

E, num dia de grande agitação nervosa, ella resolveu regressar ao seio da familia, e elle tomou rumo diverso, affastando-se, fugindo para longe, suppondo que para o seu mal não havia cura.

Mas, ninguem sabe as voltas que o mundo dá...

Uma vez separados, os jovens sentiram a extensão do isolamento a que se haviam entregue, pela força de caprichos sem nenhuma significação.

Ella sentiu que o carinho da familia não lhe bastava para viver, e elle experimentou a desolação dos quartos de hoteis, concluindo que não devia morrer entre quatro paredes núas, sem o carinho de uma bocca que sabia beijar como nenhuma outra...

Quando assim pensavam ambos, o acaso os collocou um deante do outro, numa tarde de verão, á hora em que o sol desmaiava e Copacabana era uma loucura de belleza.

Desde esse dia iniciaram novo namoro, que tomou aspecto verdadeiramente singular, namoro entre casados, nas vesperas de um novo casamento...

Parece absurdo, mas dentro em pouco elle quebrará o seu isolamento, ella deixará a casa dos paes, e quem sabe si, esquecidos os caprichos, passarão a viver dentro de um lindo sonho de felicidade...

O omnibus rodava, célere, em direcção a Copacabana.

Num banco á nossa frente, uma linda boneca se fazia acompanhar da mamãe.

No banco lateral, o aspirante queimado pelo sol, á paisana, de preto, parecia despreoccupado, como quem vae naturalmente para casa descansar das fadigas de um dia de trabalho.

Em certa altura de certa rua de Botafogo, ambas fizeram o omnibus parar.

A interessante boneca, que estava na extremidade do banco, levantou-se, recuou e fez a mamãe passar á frente, gesto que nós interpretámos como gentileza de uma filhinha bem educada...

Mas, a coisa era outra...

A mamãe caminhou á frente e a filha, sorrateira e brejeiramente, extendeu o braço para o lado onde estava o rapaz, com ares despreoccupados...

E as mãos cruzaram-se numa despedida affectuosa...

Já do lado de fóra, a pequena ainda deitou um olhar maroto, e elle sorriu, feliz...

Nós, espectadores, gozámos um pedaço o golpe dos namorados...

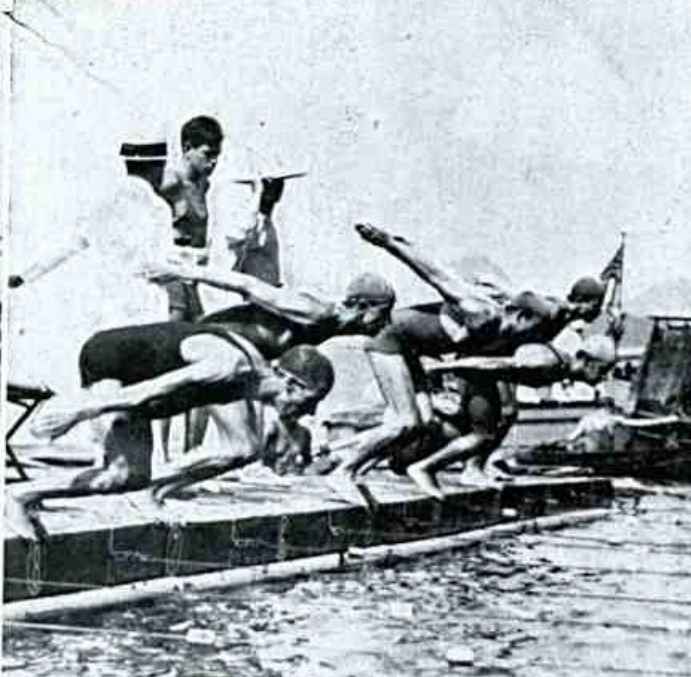
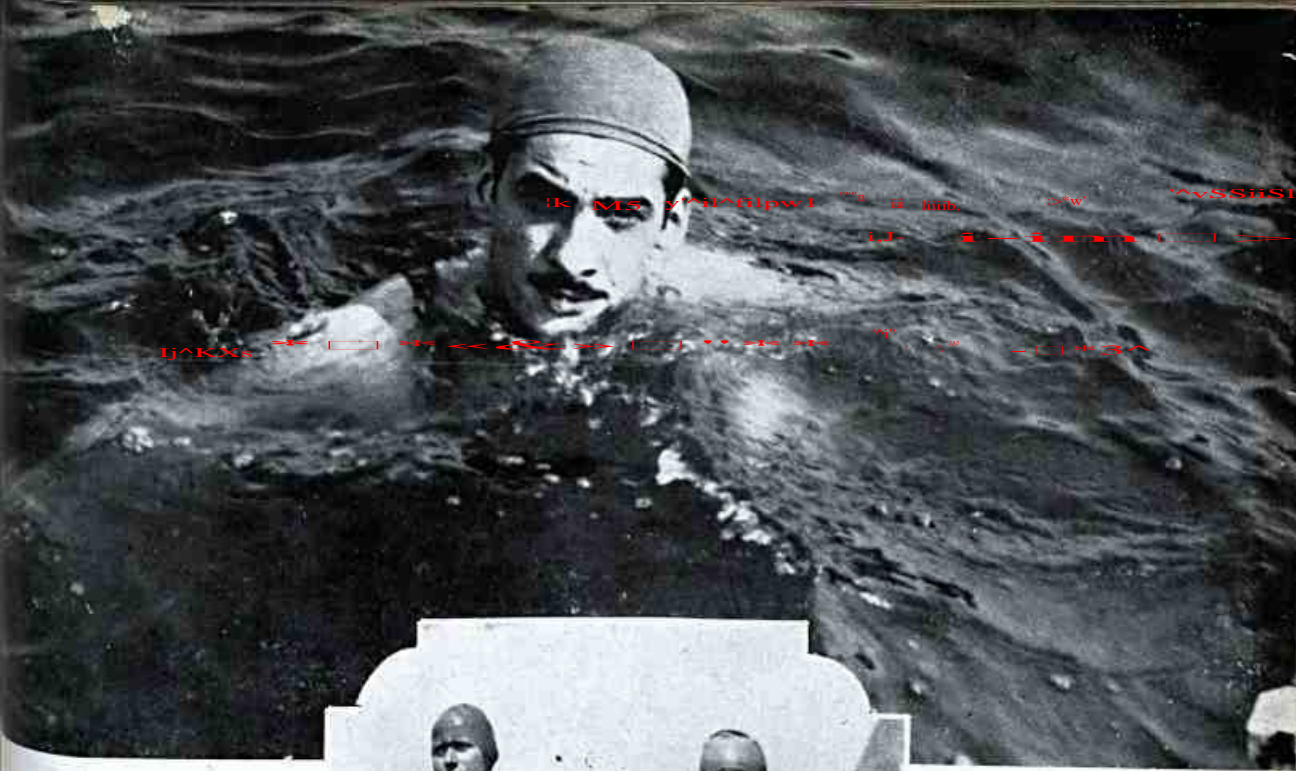
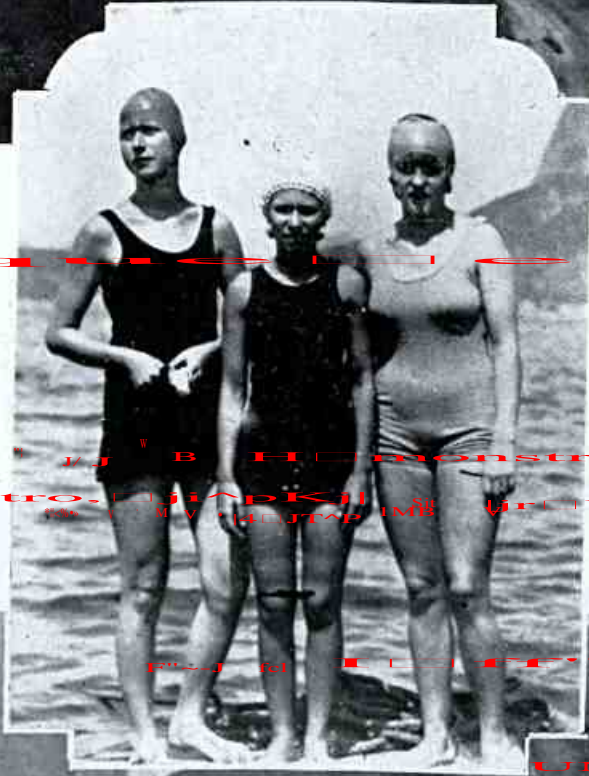
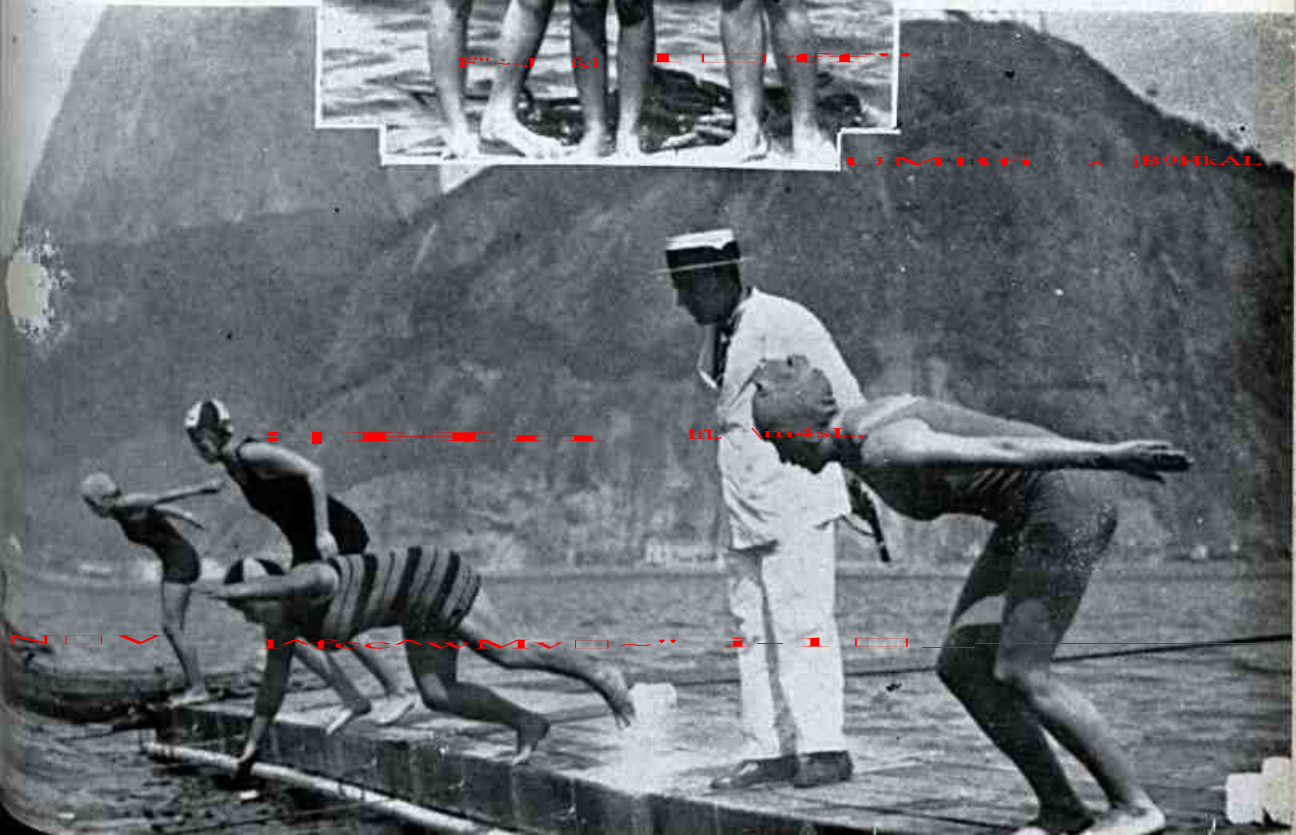
A mamãe comeu mosca...

O menino Oscar, filho do industrial sr. Oscar Moreira da Rocha e de d. Julia Maria Moreira da Rocha.

O Centro de Propaganda do Maranhão promoveu, quinta-feira penultima, na séde da Academia de Commercio do Rio de Janeiro, uma solennidade em homenagem ao dr. José Pires Sexto, presidente eleito daquelle Estado, que teve occasião de conhecer vários membros da colonia maranhense desta capital. Diversos oradores se fizeram ouvir saudando o futuro chefe do governo do Maranhão, que agradeceu a homenagem carinhosa dos seus conterrâneos no Rio, a quem apresentou, então, as suas despedidas.

O dr. José Pires Sexto, antes de deixar esta capital, com destino ao Maranhão, afim de assumir o governo do Estado, recebeu expressiva homenagem dos seus collegas que com s. ex. deixaram a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1915. Essa homenagem consistiu num almoço, que se realizou domingo passado, na Urca.

FILIGRANAS

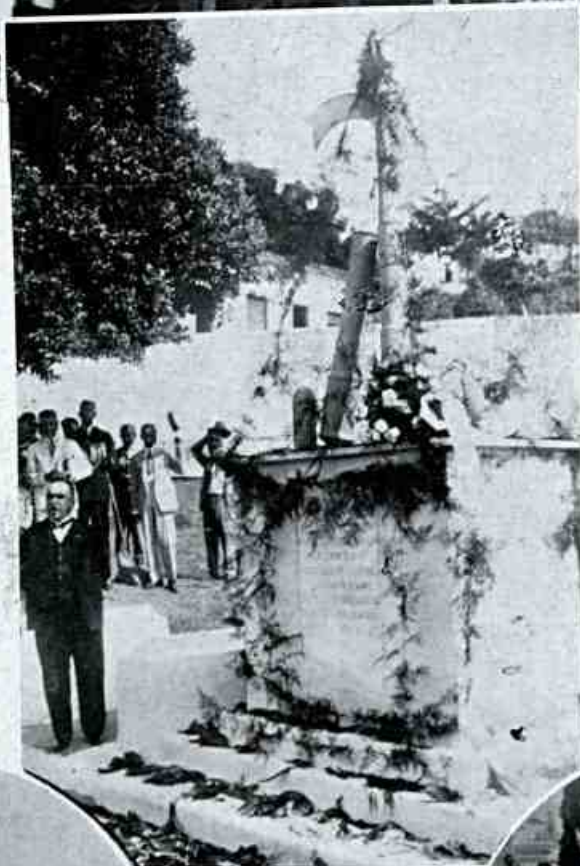
Por que sou triste? perguntaes todos. E eu sorrio. Que vos hei de responder? Si não vêdes da minha vida sinão a apparencia enganosa, si vos é impossível penetrar no fundo da minha alma, como podereis avaliar o que motiva a minha melancolia? Basta que vos diga que eu sou um jardim que a ventania devastou e cujo jardineiro perdeu o animo de plantar novos canteiros de flores...

O Club de Regatas Guanabara promoveu, domingo passado, nas aguas da enseada de Botafogo, um concurso aquatico official, que decorreu brilhante sob as galas da tarde de sol. O programma constava de vinte e tantas provas, que foram disputadas por nadadores de varios clubs, porém, na sua maioria, pertencentes ao quadro do C. R. Guanabara. As photographias desta pagina representam um aspecto das provas do concurso de natação e varios concorrentes vencedores do certamen.

O concurso de natação que se realizou domingo passado, na enseada de Botafogo, sob os auspicios do Club de Regatas Guanabara, teve a nota original de um pareo exclusivamente dedicado á mulher, e ao qual concorreram as nadadoras que apparecem na photographia do centro, e que são, da esquerda para a direita: Maria Sophia Urban (do C. R. Icarahy), Lás Salette de Oliveira (do C. R. S. Christovão) e Hetta Weiland (do Guanabara). Esta ultima foi a vencedora, tendo demonstrado um estylo impeccavel no nado «á la brasse».

A CIDADE DO BARULHO

Uma lei recente prohibiu o funccionamento de victrolas e rádios nas casas commerciaes.

Muita gente pensou que os legisladores municipaes, manipuladores de tantas medidas desnecessárias e idiotas, tinham, desta vez, lavrado um tento.

O Rio é a cidade mais barulhenta do mundo, onde não se respeita, em absoluto, o socego publico.

Os bondes da Ligth, verdadeiros tanques, arrastam os ferros, roncam, trovejam, não deixando dormir os moradores das ruas por onde trafegam.

Qualquer individuo julga-se com o direito de ter matilhas de cães, em casa, cães que latem, uivam toda a noite, e os vizinhos que tapem os ouvidos, porque na terra da liberdade é assim.

Os ranchos carnavalescos trombeteiam, rufam, semanas a fio, entram pela madrugada no sarau, ao som das danças, as cozinheiras, no dia seguinte, queimam a comida, cabeceando sobre as panellas, e não ha para quem appellar...

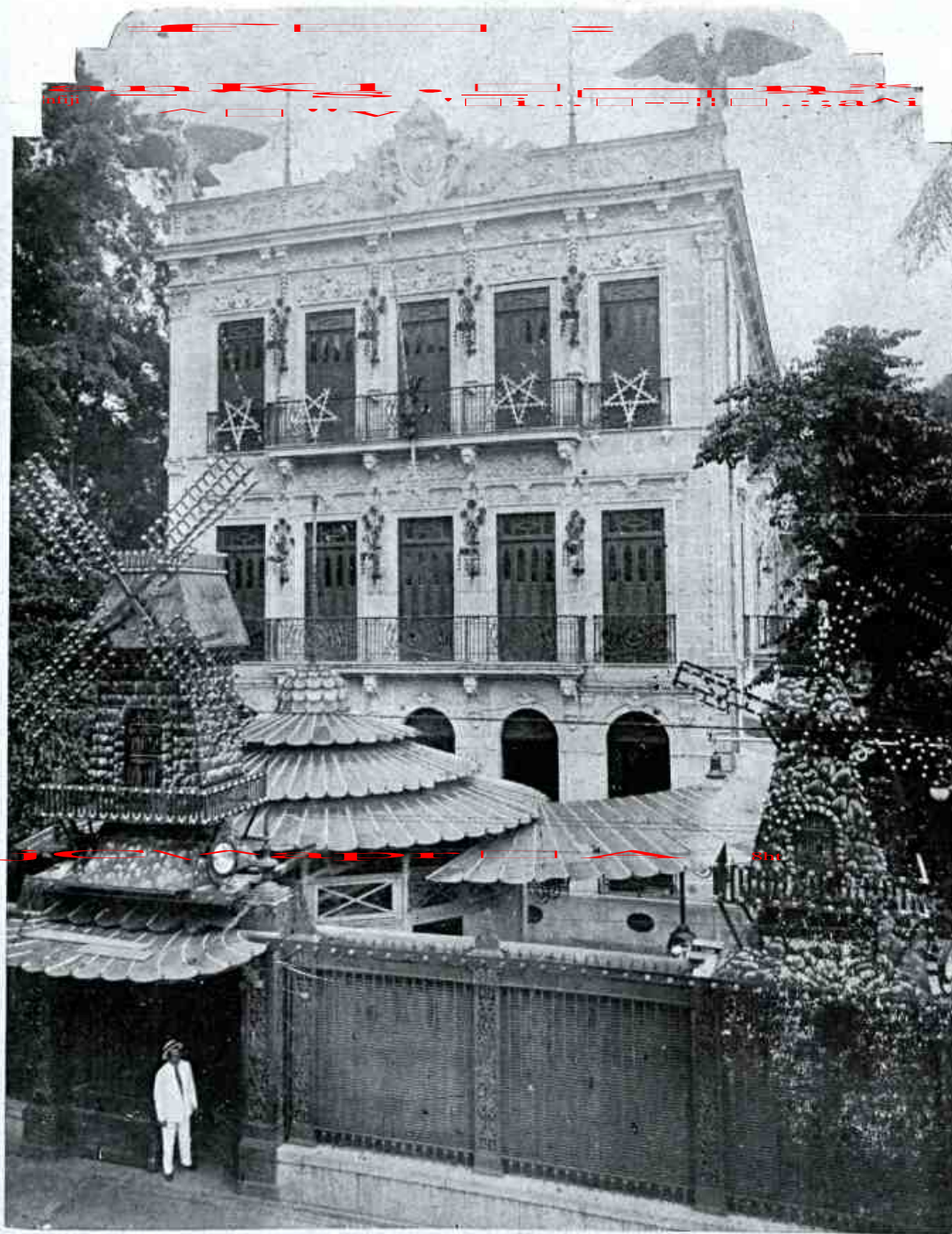
As victrolas, as victrolas enlouquecem, gritando, mas é moda.

Muita gente respirou desta vez, pensando que os legisladores municipaes tinham descoberto a polvora.

Porém, as victrolas continuam a sua fama ensurdecedora.

Continuam, porque a lei existe, mas se esqueceram das penalidades aos infractores.

O conscienciosos e intelligentes legisladores!...

Sob os auspicios do Grêmio Floriano Peixoto foi commemorado, domingo passado, no cemiterio de Maruhy, em Nictheroy, o 36.º anniversario do combate da Armação. Junto ao maucoléo dos patriotas que tombaram naquella sangrenta luta, realizou-se uma tocante cerimonia civica, falando, então, o dr. Bricio Filho, o general Moreira Guimarães e o prefeito de Nictheroy, dr. Castro Guimarães.

A sumptuosa séde do «High-Life Club», á rua Santo Amaro.

O "High-Life Club" e seus grandiosos "bals-masqués"

COMO todos os annos, mantendo suas brilhantes tradições, o High-Life Club realizará no Carnaval pomposos "bals-masqués", que constituem os acontecimentos maximos de alegria e elegancia nessa época querida do carioca.

A nossa élite frequenta-o de preferencia, passando alli horas inesqueciveis, nos amplos salões lindamente ornamentados e nos jardins amenos de um parque incomparavel, unico na America do Sul.

O High-Life Club torna-se cada anno mais attrahente, devido ao capricho de sua directoria, que não mede esforços para tornal-o sempre o centro de preferencia do mundanismo carioca. Os bailes de sabbado, domingo, segunda e terça-feira de Carnaval, animados por duas jazz-bands, constituirão o "clou" da época de Momo.

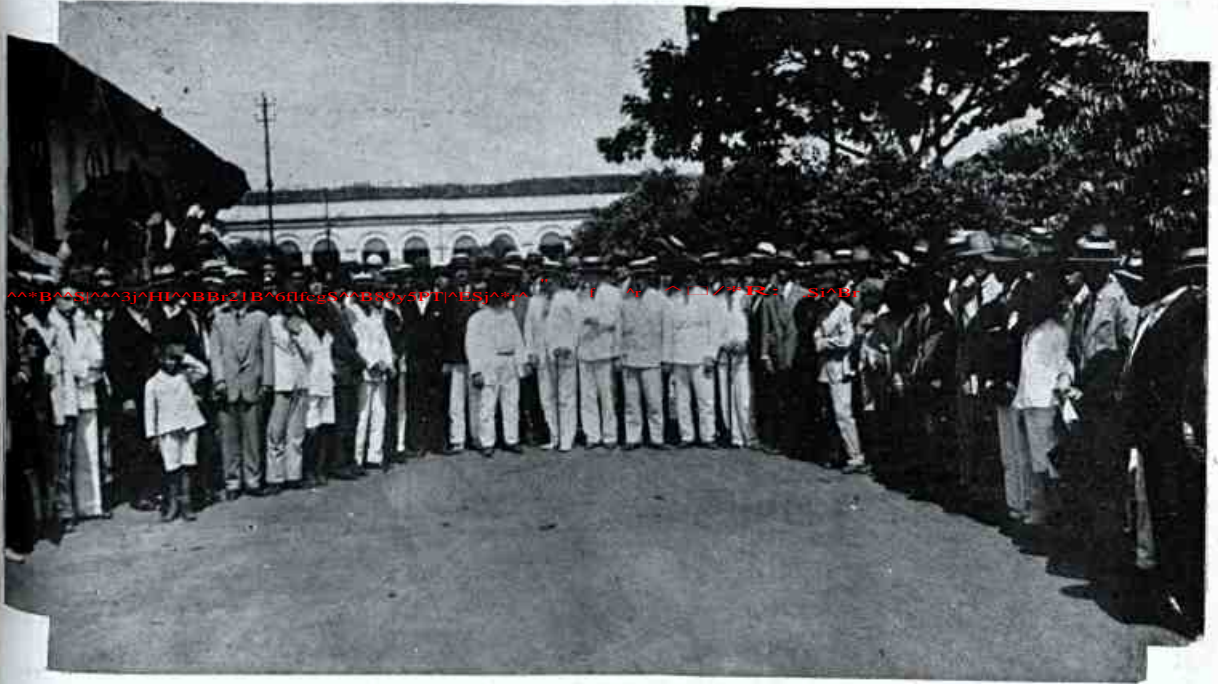
As caravanas do Partido Republicano Fluminense, em propaganda da chapa nacional Julio Prestes-Vital Soares

Chegada da Caravana á Parahyba do Sul, onde foi enthusiasticamente recebida pela população, vendo-se os deputados Miranda Rosa, Oscar Fontenelle e Eduardo Cotrim cercados dos vultos de maior prestigio da politica local.

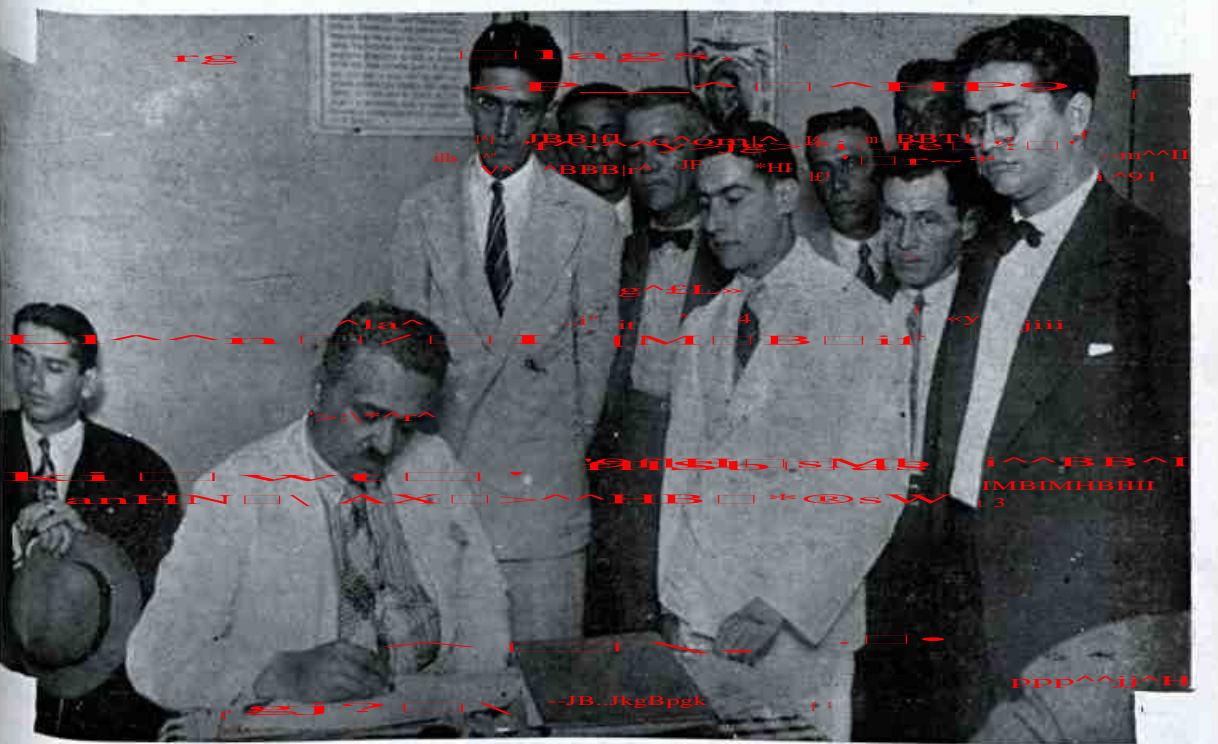
PROSEGUINDO a campanha politica em pról das candidaturas Julio Prestes-Vital Soares, as caravanas do P. R. F., prestigiadas pela figura inconfundivel do seu grande chefe o presidente Manuel Duarte, têm visitado os principaes municipios do Estado, realizando comicios assistidos sempre com o mais vivo enthusiasmo popular.

A caravana chefiada pelo *leader* Miranda Rosa e deputados Oscar

Aspecto do salão da Camara da cidade de Parahyba do Sul, tomado no momento em que o deputado Miranda Rosa realizava brilhante conferencia em pról das candidaturas Julio Prestes-Vital Soares.

As caravanas do Partido Republicano Fluminense, em propaganda da chapa nacional Julio Prestes-Vital Soares

Aspecto do comicio realizado pela caravana do P. R. Fluminense, em Entre Rios, onde a população dispensou carinhosa recepção aos visitantes, fazendo-se ouvir varios politicos de prestigio do municipio.

Fontenelle e Eduardo Cotrim teve opportunidade de realizar, em Entre Rios e Parahyba do Sul, conferencias e comicios publicos, fallando um selecto numero de oradores num ambiente de grande enthusiasmo.

Focalizamos aqui aspectos da excursão que mais uma vez poz em evidencia o prestigio de que desfructa o P. R. Fluminense, no vizinho Estado.

A caravana do P. R. Fluminense, na séde do Bloco Ferroviario de Entre Rios, vendo-se o «leader» Miranda Rosa cercado pela directoria do Bloco.

«Mephistopheles», «Chinez», «Filha do Sheik», «Arabe», «Chineza», «Vendedor de Tapetes» e «Japoneza» são os nomes dos sete figurinos carnavalescos desta pagina, que offerecemos ás nossas leitoras foliãs.

UM NOVO SYSTEMA DE VENDER BARATO

A fabrica da firma GROSMANN & CIA. e o seu deposito da Rua Uruguayana, n. 50

A fabrica de artigos de malha, notadamente roupas de banhos de mar, que a firma Grosmann & Cia. tem á Rua do Mattoso, n. 175, acaba de installar á Rua Uruguayana, n. 50, um deposito para venda desses artigos a preços de reclame.

"Casa René" foi o nome que os Srs. Grosmann & Cia. deram ao novo estabelecimento, cuja inauguração se realizou na penultima quarta-feira, resultando num acontecimento commercial de grande repercussão em nosso meio.

A "Casa René", que dispõe de optimas installações e de pessoal escolhido para o seu movimento diario, surge com a finalidade de offerecer directamente ao freguez os artigos da sua especialidade ao preço por que os vende aos revendedores, o que constitue uma vantagem notavel para os consumidores. E' um systema novo de vender barato. Systema novo e imposto pelas difficuldades da hora presente.

ARIA DO AMOR E DA SAUDADE

De Antonio Maldonado

Cae a chuva lá fóra. Tarde mansa.
E eu, vendo a chuva triste e a tarde triste,
sinto doridamente na lembrança
a hora dolorosa em que partiste.

Foi numa tarde assim, úmida e chuvosa,
cheia de sombras e melancolias...
Chegaste pallida e nervosa,
estendeste-me a mão branca e saudosa
e disseste chorando que partias...

E partiste.
Partiste tremula e fria
enquanto eu fiquei só — alma viuva —
olhando a tua sombra fugidia
que lentamente desapparecia
molhada pelas lagrimas da chuva...

O Meu Melhor Poema

DANÇAVAMOS. O Poeta e eu. E elle me dizia: — Tem escripto, Mlle.? Olhe, tenho saudades dos seus versos... Diga-me, na surdina de sua voz sulista, que encanta tanto, "A letra de meu destino"... que lindo soneto!...

— "A letra de meu destino?" Como era mesmo o seu entrecho?... — A infancia, a alegria... a adolescencia, o amor... a ausencia — a dôr... a volta — a alleluia dos meus sonhos... a inicial toda a gloria de uma noite de estrellas, eternizada!... Depois... depois o final — aquelle... gravado na historia da amargura!... Só assim, Poeta, não sei mais construir o soneto que o senhor gostava tanto!...

— Oh! Mademoiselle, um poema, então! Parece-me impossivel que pudesse esquecer todos os seus versos!... Diga-me, por exemplo, a pagina toda lyrismo e ternura do encantado "O Romeiro do sonho"... — "O Romeiro do sonho!" Ah! o "Romeiro"... Mas, Poeta, isso foi ha tanto tempo!... nem me lembro mais!...

— Lamento, mademoiselle! Amnesia? Má vontade, isso sim!... Tinha tanto talento, inspiração... Por que não proseguiu?

Pois não sabe? Os seus versos commoviam! ... tanta gente chorar!...

— Essa gente fui eu, tão sómente, Poeta! Não creio que os outros talvez o fizessem... E foi só por isso que hoje escrevo para mim...

— Egoismo seu... nada!...

— Bondade sua, é... tre!... Mas como é mim descendente para dir-lhe: Se eu pudesse, di... a minha "Canção das primas"... Não para commover, comprehende, ... nista?!!! Se houvesse alguem que pudesse sentir o que escrevo!... Ah! como seria bom! Minha poesia enterneceu alguem, dia? Penso que não! Sabe porque? Teriam, entre os outros, mais sentimento, mais alma que calor. Perdão, Poeta! Que hein?

Por LYS D'ORLÈANS

— Parece-lhe? A mim, não... Quero apenas que continúe... Estava gostando!...

— Eu dizia... que mesmo? Que o mundo, o meu mundo, não me comprehendeu, não? Pois foi!... Que fazer? E' por isso que hoje só canto quando faz luar... e as rosas do meu jardim me escutam... e as estrellas me vêm espreitar... Numa noite assim, Poeta, na noite mais triste do meu sonho, escrevi um poema incomparavel!... Perdôe-me a modestia! Mas, como elle, não houve outro no mundo! Nem os de Lamartine, nem os de Lord Byron... O poema que extravasou a ternura de minh'alma era lindo... lindo... lindo!...

— Por que era e não o é?

— Diga-o, Mlle., exijo-o... Melhor, que as estrophes de saudade e dôr de uma pagina de "Gabriella" ou a amargura dolorosa de "Fare thee well"!!!... — disse-me o vate com ironia...

— Impossivel, poeta!... Chame-me mentirosa, vaidosa, presumida, o que quizer!... porque não comprehenderá nunca, apezar de poeta, a dôr de um coração de mulher! A "Canção das lagrimas"... nem dizel-a, nem escrevel-a posso... que as cousas d'alma não se podem traduzir! O meu melhor poema foi escripto com a tinta de ouro do meu sentimento eterno no pergaminho rubro de meu coração!... Synthetizando, direi, foram as lagrimas da grande saudade de um sonho suave e incomprehendido!... Uma noite de lua — da lua encantada de Maio... — Menina loura e meiga... um moço moreno e

. . . .

Então, sem querer, o Poeta ouviu, no soluço que me embargou a vóz ou leu nos meus olhos orvalhados, as rimas originaes que eu compuz, numa noite fria, em que a lua, como uma grande opala, illuminava o mundo, á musica do meu pranto no album de ternura e sonho de meu coração!

A QUE FICARÁ NA MEMORIA...

Quanta tristeza pela tarde fria!

Abre os olhos, em torno, scismarenta,
minha pallida saudade nevoenta...

E o olhar sem luz alonga na distancia...

Passou, riscando o céo, uma andorinha...

— Meu amor, meu amor, nunca mais serás minha!

No emtanto, has de ficar, dentro da minha vida,
como uma linda historia,
uma historia de amor das que o destino tece...

Serás talvez uma lembrança estranha,
uma lembrança,
que a gente quer esquecer, mas não esquece!

AMERICO DE OLIVEIRA

VIDA DOS CAMPOS

NOTICIAS DE TODA A PARTE

INFORMAÇÕES FORNECIDAS PELO DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE DA SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA

DOENÇAS DOS PORCOS

Symptomas e preventivos

Commumente, nas criações de porcos, quer para mercado, quer nas caseiras, têm-se prejuizos consideraveis, provenientes de doenças que apparecem subitamente, não permittindo ao criador formular uma consulta para seu tratamento no tempo devido. Umas, por serem de rapida acção mortifera e propagadora, outras por falta de esclarecimentos e conhecimentos para formular uma consulta sufficientemente clara.

Procurando ir ao encontro dos criadores de suinos, vamos enumerar algumas doenças porcinas mais communs, mencionando os principaes symptomas e indicando, ainda, um tratamento preventivo, dentro do possivel.

A nossa enumeração não pretende ser completa; entretanto, tudo faremos para que o seja quanto possivel e, assim, hoje e nas publicações subsequentes, vamos referir-nos ao assumpto.

Os criadores previdentes guardarão com cuidado estes informes, pois certos estejam que ha de lhes apparecer opportunidade para applical-os.

Molestia e causas

ABORTO — O nascimento prematuro do feto, devido a resfriamento ou alimentação fermentada ou putrida, pancadas, germens infecciosos, etc.

Symptomas

Tumefacção dos labios vulvares, expulsão de materia viscosa, muco sanguinolento, restos de membranas.

Tratamento preventivo

Evitar o resfriamento excessivo da porca; cuidar de sua alimentação, evitar pancadas; isolamento e vaccinação contra o aborto epizootico.

* * *

BRONCHITE — Inflammação dos bronchios, devida ao pó, germens ou lombrigas. Outras causas são a humidade excessiva, chiqueiros sujos e camas molhadas.

Symptomas

Tosse persistente, falta de apetite e leve febre, expellição de muco nasal, respiração ruidosa.

Tratamento preventivo

Ministrar tratamento hygienico.

Os leitões devem ser alimentados com leite. Ministrar-lhes vermifugos com o devido cuidado e por pessoas praticas especialmente, effectuar inhalações com substancias que facilitem a expectoração.

Laranjas paulistas, promptas para embarque. Vêem-se tambem algumas caixas de tangerinas. A producção de frutas no Estado de São Paulo tem augmentado extraordinariamente. Ainda este anno será inaugurado o «Packing-House» de Limeira para beneficiamento das frutas para exportação.

PORCAS QUE COMEM AS CRIAS

Molestia e causas

Um mão habito das porcas de cria ou falta de elementos necessarios na alimentação.

Symptomas

Porcas que comem as crias immediatamente depois de nascidas.

Tratamento preventivo

Alimentar as porcas com materias animaes, taes como farinha de carne, osso moido ou sôro de leite. E' conveniente eliminar do criadeiro toda porca que tenha esse habito.

CHOLERA — Esta molestia é summamente contagiosa e causada por um microbio tão diminuto que não é possivel vel-o, nem com auxilio de um microscopo de grande poder. (*Virus filtrabile*).

Symptoma

Falta de apetite, febre, accessos de tosse, rigidez dos musculos, pigmentação vermelha da pelle, supuração purulenta dos olhos, constipação seguida de diarrhéa. Geralmente morrem em poucos dias.

Tratamento preventivo

Chamar immediatamente um veterinario para ter um diagnostico seguro e proceder a applicação de sôro especifico, que é a unica medida curativa que se conhece para tratar a cholera dos porcos, e proceder a sôro - vaccinação preventiva.

DIARRHÉA — Isto póde occorrer por estar a porca muito gorda ao ammamentar os leitões, ou por haver-se-lhe variado muito bruscamente a alimentação e que seja esta muito rica em proteina. Comedouros sujos e chiqueiros humidos e contaminados são tambem causas da diarrhéa porcina.

Symptomas

As evacuações intestinaes são pouco abundantes, aquosas e muito frequentes. Os leitões são tambem debeis.

Tratamento preventivo

A agua de cal é um excellente correctivo, porém

a enfermidade deve ser controlada, extirpando-se as causas.

* * *

NECROBIOSE — Uma molestia microbiana, que estraga os tecidos intestinaes.

Symptomas

São parecidos aos da cholera. Ataca quasi ex-

Summo de limão com agua pura, constitue excellente dentifricio.

* * *

Uma colher de acido borico clareia a roupa encardida, lavando-a com agua quente.

* * *

Nunca se emprega soda caustica para lavar alu-

O problema da alimentação na Europa está se tornando, dia a dia, mais serio. E os paizes do Velho Mundo voltam os seus olhos para nós. O Brasil, com os seus 8 milhões e tanto de kilometros quadrados, é um emporio inegualavel. Preparemo-nos, pois, para attender aos pedidos que nos irão fazer, abastecendo-nos.

clusivamente os leitões. Observa-se diarrhéa, falta de apetitte, falta de vigor. A pelle apparece secca e casposa.

Tratamento preventivo

Separar os doentes dos sãos e ministrar alimentos liquidos. Para combater estas infecções utiliza-se uma vaccina bacteriana mixta, que previne em todos os casos desta molestia.

* * *

ENVENENAMENTO — devido á ingestação de chumbo, arsenico, alimentos putrefactos ou em más condições, sal comum, etc.

Symptomas

Dôres no ventre e morte rapida, ou enfermidade lenta com diarrhéa, e os symptomas mais communs.

Tratamento preventivo

Mudar completamente a alimentação, purgal-os com uma colher de sal de magnesia por cada 45 kilos de peso vivo. Si o veneno é conhecido, applicar o antidoto apropriado.

* * *

COUSAS QUE CONVEM SABER.

Não se devem lavar mesas ou assoalhos com soda, porque deixa máo cheiro nas taboas.

minio, porque preteja o metal.

* * *

O melhor para limpar teclas de piano é o alcool methylico. Molha-se um panno e frota-se cada tecla separadamente.

* * *

O LEITE E A ESTATURA

Segundo uma revista norte-americana, está definitivamente p r o v a d o que o leite é um factor de capital importancia no desenvolvimento da estatura dos habitantes de um povo.

Aquelles que usam o leite, formando parte de sua alimentação diaria, alcançam uma estatura elevada, emquanto que os que não o usam não chegam a ter grande estatura, fortaleza, resistencia e longevidade.

Os habitantes do Sul da China, que não tomam leite, são pequenos e entre elles a percentagem de mortalidade infantil é grande, emquanto os do Norte, que possuem manadas de vaccas, de cujo leite se alimentam, são de tamanho muito maior e mais sãos.

O consumo de leite "per capita" na Suecia é quasi o dobro dos Estados Unidos, e os "danezes", magnificos exemplares de uma raça de gente forte e saudavel, são grandes consumidores de leite e seus productos derivados.

Infinidade de casos poderiam citar-se para deixar provada a relação directa que existe entre o leite e a estatura dos individuos de um povo.

E', portanto, innegavel que as boas raças de gado são um factor importantissimo para o desenvolvimento e fortaleza e robustez de um povo.

* * *

CONSELHOS

Ama as arvores como se fossem o symbolo da esperança da tua patria e, como se cada uma dellas representasse um coração edificador do bem...

* * *

Bemdiz a cada arvore que te dá lenha, fructo, medicina, s o m b r a , alegria, riqueza e ensino.

* * *

Chocante, vulgar e prejudicial é ferir as arvores com canivetes, thesouras e outras ferramentas. Não deformemos a obra de Deus. Aperfeiçoemos a obra do homem.

* * *

Faze o possivel para persuadir a teus vizinhos e amigos a que respeitem as arvores. Ensina-lhes que toda pessôa deve plantar ao menos uma arvore no caminho da vida.

* * *

Manifesta a todo instante teu enthusiasmo e tua fé nos resultados positivos do amor ás arvores.

* * *

Tem por certo que não convencerás a ninguem si não estiveres convencido.

* * *

Obra sempre com respeito ás arvores como se fosses um encarregado de confiança da patria para velar pelos seus interesses e ajuda-la na edificação do futuro.

* * *

Procura fazer com que teus exemplos e os de todos os homens de bôa vontade sejam conhecidos, e acima de tudo, imitados. Porém, na tua propaganda, não te esqueças que tua bagagem deve estar constituida de livros e ferramentas.

* * *

Quem defende a arvore do fogo, do machado, do animal damninho e da mão criminosa, é um digno cidadão!

* * *

Quem multiplica as arvores e as defende da incuria e do esquecimento é um apostolo abnegado e valente.

FAZENDEIRO!

Um paiz sem trigo é um paiz pobre. Ha para cima de 33 especies de trigo. Uma dellas fatalmente vingará na sua propriedade. Por que não experimentar a sua cultura? O brasileiro é menos forte porque come pouco pão. Sejamos patriotas plantando trigo.

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

NEGOCIOS DA CHINA

DA METRO

Cinema ELDORADO — Ha muito tempo que não appareciam nas telas cariocas estes dois cavalheiros, que são dois admiraveis beneficios para os figados doentes. Karl Dane e George Arthur completam-se, no physico como no humor. Como nos seus anteriores trabalhos, este filme vive das situações em que tomam parte os dois comicos. O enredo, no seu desenvolvimento é interessante e variado. Não ha a monotonia da acção, como em geral acontece a trabalhos d'esta especie. Josephine Dunn empresta a graça da sua linda figura ás scenas d'aquelles dois bons artistas. A technica, que nos filmes comicos não sahe da vulgaridade, pois que toda a attenção se concentra no trabalho dos artistas, é n'esta pellicula d'uma grande honestidade e dispõe o publico para o agrado completo.

Cotação — BOM

ARRUFOS DE ADÃO E EVA

Cinema IMPERIO — Harry Holm é uma das artistas germanicas de maior vivacidade. A sua figura illumina a tela de um clarão de alegria. Gosta ainda, e muito, de filmes em que, brilhe a sua plastica. Este não é o primeiro da serie com semelhante qualidade. Para estes tempos de canicula não é má de todo tal frescura. O filme do Imperio não é bom apenas pela sensaboria do argumento, que lembra uma d'essas estupidas e sempre eguaes comedias allemães que costumam ir nos nossos theatros. Mas a realização é boa, como direcção, como interpretação e como technica. Karl Leiter é um dos bons directores

NOS CINEMAS DA AVENIDA (*Continuação*)

europeus; Harry Halm, Iris Arlan e Mary Kid, tres artistas admiraveis de graciosidade, que é afinal o que o filme exige.

Cotação — BOM

NAS AZAS DO DESTINO

DA COLUMBIA

Cinema PATHE' PALACE — Um filme de lances grandiosos, obedecendo a um argumento interessante e provocador de emoção, em que se photographam os dias do nosso tempo, com a vertigem da vida e os grandes lances patheticos. Se a Columbia tivesse entregue a interpretação deste argumento a dois ou tres grandes nomes da cinematographia norte-americana, teriamos aqui uma authentica *super*. Não é que a interpretação seja má; é evidentemente inferior ao valor do thema e á sua realização. A direcção é boa, e excellente os processos technicos, que nos dão illusões, admiraveis. Finalmente, é um filme que, sem sêr um drama pesado, nos emociona pelos sentimentos que põe em conflicto e pela maneira como desenvolve o thema da abnegação fraterna.

Cotação — BOM

A RUA DA ILLUSÃO

DA COLUMBIA

Cinema RIALTO — Um tremendo dramalhão para plateias populares, com um argumento que anda estafado no palco e na tela. Um homem que mata em scena o seu rival, utilisando-se da situação da peça que ambos representam. Em todo o caso temos na tela uma Virginia Valli, figura de excepcional relevo; um trabalho technico de boa marca, nomeadamente o da ficção da Broadway — a rua da illusão —. E por ahi ficamos, pois que o filme é demasiadamente pesado para conquistar o agrado do publico. Isto não quer dizer que não hajam plateias capazes de apreciar estes destiladores artisticos de lagrimas pungentes. Mas não são as do Rio, na Avenida Central.

Cotação — SOFFRIVEL

envelhecem a pelle.

O uso diario do

CREME HINDS

A rejuvenesce.

TABACIL

cura o vicio de fumar

Fumar é perder saude, tempo e dinheiro

ARAUJO PENNA & C.

Rua da Quitanda, 57 — Rio de Janeiro

OLHAR QUE FASCINA!

Os olhos de certas mulheres teem um encanto verdadeiramente magnetico!... O olhar d'essas mulheres tem um brilho, que perturba, attrahe e fascina irresistivelmente!!! Esse mysterio, esse enorme poder de seducção, póde ser obtido immediatamente pelo emprego do *Onlulador Rodal das Pestanas* e dos *Productos Rodal, Yildizienne* e *Mirabilto*, de fama mundial, da ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA, premiados com o Grand Prix na Exposição do Centenario e noutras a que tem concorrido. Use diariamente em Massagem e na toilette *Cremes, Agua, Rouge de Vis* e *Pó d'Arroz* da grande Marca *Rainha da Hungria*. Escreva hoje mesmo á ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA Av. Rio Branco 134 e Rua 7 de Setembro 166, Rio. Peça Catalogo gratis.

Comer pouco e alimentar-se bem deve ser um cuidado durante o verão. Carnes e conservas são perigos com 38 gráos de calor. As Massas AYMORÉ impõem-se como alimento adequado porque são de facil digestão, saborosas e nutritivas... Peça ao seu Armazem:

MASSAS ALIMENTICIAS

FRANCISCO CARDOSO FILHO (Rio G. do Sul) — Os seus versos não podem ser publicados.

GALBA MATTOS ALÉM (São Paulo) — O seu soneto não serve para "Fon-Fon"... justamente por que elle não é seu.

NIHIL (Minas) — Queira dirigir-se a um graphologo. Não entendo de graphologia.

F. (Capital) — Graphologia? Ahi está um pedido que me não agrada. Em todo caso publico a sua carta para que se veja o interesse com que me faz o seu pedido:

"Sr. Yves. Apreciadora de sua maneira franca de fazer estudos de letra, não resisti ao grande desejo de lhe pedir a minha graphologia.

Num dos ultimos numeros do "Fon-Fon", vi que o sr. negava-se a fazer um estudo por não poder dizer bem da consulente; peço-lhe que me responda mesmo que seja para dizer *cousas ruins*; é certo que, obrigadinha, lhe ficarei, em qualquer hypothese.

Ha tempos, já me disseram que minha letra era... interessante. Que significará este interessante?

Espero que não veja abuso na minha insistencia mas sim uma grande dose de curioisdade.

Muito grata lhe fica, F. Queira publicar apenas a minha ultima inicial (F. — Rio)."

A' luz da graphologia a sua letra indica um temperamento agitado, vibrante, irrequieto, com uma feição muito masculina. V. Ex. é uma desordenada que luta com os proprios sentimentos. Não sabe o que deseja. E' autoritaria, violenta e decidida. O seu espirito, que é deductivo, é de uma penetração longa, perfurante. Apparentemente simples, é capaz de attitudes extremistas: ama ou odeia. Irritasse facilmente e é inclinada a litigios de que sae vencedora. Munificente, não sabe fazer mesquinharias, apezar de ser um pouco egoista. Aspera, por vezes, procura immediatamente corrigir esse defeito, dando uma bôa impressão de bondade e delicadeza. As suas idéas são claras. A sua vontade é firme e continuada.

Impressionavel, fantasista e emotiva.

Eis o que a sua letra me revela.

JOSÉ MARIA MORGADE MIRANDA (Espirito Santo) — Como o sr. é um poeta illustre e as minhas consulentes são todas moças de bom gosto, não quero privai-as de ficarem conhecendo um cinzelador de rimas como o sr.

O seu soneto (?) vae aqui — com todo o fulgor do seu estylo,

com toda a perfeição da sua fórma e a grandeza das suas idéas.

Lá vae o colosso:

ESTA VIDA...

Esta vida nostalgica, invejavel,
Repleta de chimera e phantazia,
E' para uns odio e tedio intole-
[ravel,
E' para outros amar bem, alegria.
Traiçoeira, risonha, insuperavel,

A vida, nos vai dando dia a dia
A esperança da morte lastimavel,
Horrivel, triste, dolorida, fria.

Esta vida em bem pouco se re-
[sume,
E embora que assassina é inco-
[lume,
Perante a mão de Deus que tudo
[faz.

Esta vida é tristeza e encanta-
[mento,
E' alegria fatal, é soffrimento,
Esta vida é angustia e nada mais

JOSÉ MARIA MORGADE MIRANDA.

Está satisfeito, seu Morgadinho?

LAGRIMA (Capital) — Agradeço-lhe, commovido, os termos de sua missiva lyrica e cheia de amabilidades captivantes.

Faço votos ardentes para que se restabeleça o mais depressa possivel.

Quanto ás perguntas que me faz, devo responder:

1º — O meu conto *O ladrão* é creação minha, é verdade, mas inspirado num episodio real, mais ou menos identico. Sei de um caso occorrido num dos nossos bairros elegantes que pouco differe de meu trabalho. Geralmente, tomo por thema do que escrevo os factos da vida quotidiana. E a vida é a unica obra de arte que ainda vale a pena imitar. Dahi o motivo porque o que sae da minha penna tem sempre um fundo flagrante de verdade que impressiona e commove. Haverá cabotinismo nessa apreciação? Que me atire a primeira pedra o escriptor que assim não pensar de si mesmo — quanto aos meus processos literarios.

2º — A producção minha que mais me agrada é geralmente aquella que está sendo elaborada, ainda a se desenhar nas meias tintas da imaginação.

3º — O meu romance "Uma garçonne carioca" deverá apperecer depois do carnaval. Durante essa epoca delirante não se pensa em literatura. Excepto os plumitivos.

4º — Não creio que a sua doença a impeça de cumprir a sua promessa.

5º — Penso, a respeito das aspirações femininas... Que é que penso mesmo? Penso que a mulher brasileira só deve aspirar a viver feliz no seu lar afim de que seja bôa mãe de familia e possa cooperar com o homem na obra de alevantamento dos caracteres e da grandeza do paiz. Feminismo, numa patria, onde a mulher vive endeusada pelo homem é um absurdo tão grande, como si para melhorar a installação dos santos se destruissem os altares e se destelhassem as egrejas. Que mais quer a mulher brasileira? Arrancar-nos a camisa e os olhos?

ROSARIO (Pará) — Grato estou eu a V. Ex. e ao sr. Waldemar, o fino artista que teve a gentileza de musicar os meus versos desinteressantes. Elle lhes deu um grande brilho com a sua musica suave e de sentimento lyrico.

Crê V. Ex., D. Rosario, que entre pessôas do sexo differente haja algum aperto de mão desinteressado e muito amigo? E' possivel que ainda haja alguns milligrammos de candura, esparsos sobre a terra. Mas não creio que elles cheguem para o coração dos homens. Pelo menos o meu não morreria envenenado — si candura fosse veneno...

SEVY (S. Paulo) — Uma paulista? Ora essa! V. Ex. manda nesta casa. Que deseja? Uma carta? Vamos lel-a. Dois pontos:

"Yves. — Boa tarde. Desejo que esta te vá encontrar de muito bom humor, porque senão... Adeus! cestinho carta, lá vae para a... Esta não é a primeira vez que te escrevo, e porisso tenho ou penso ter, o direito de te pedir duas cousas: (não se assuste) Primeiro queria que respondesses este questionario, é possivel? Depois... queria o seu autographo para o meu album, pode sêr? Ficarei gratissima. Sim?

Posso mandar o album? Não?

E peço-te mais uma vez, se não te aborrece... responder no "Saibam todos" o questionario que envio. Obrigada Yves. Admiradora. Aqui fica, muito grata Sevy."

Com muito prazer lhe enviarei o autographo que me pede. Pode mandar o album.

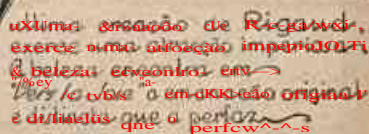
Quanto á sua *enquête* ella aqui vae com as respectivas respostas:

Qual o traço que o caracteriza?

"Vers la Joie"
parfum de grand luxe

última creação de Rigaud, exerce uma attracção imperiosa. A belleza encontra em "Vers la Joie" a emoção original e distincta que a perfaz.

RIGAUD
16 rue de la Paix
paris

QUEM TIVER O SANGUE IMPURO

Obterá resultados positivos se recorrer ao notavel depurativo-tonico

LUESOL

de Souza Soares

Cuja sua acção é certa, garantida, não falha nunca!! E tão seguros estamos disto que nos propomos a devolver o dinheiro a quem provar o contrario. O LUESOL é um medicamento garantido e de reputação firmada.

Á VENDA EM TODA A PARTE

— Ás vezes, a franqueza; outras, a hypocrisia.

Onde desejaria ter nascido? — Onde nasci: no Espinheiro (arrabalde de Recife).

Em que epocha? — Neste seculo de melindrosas e de "jazz"... Oh! os foxs!

Que mais admira? — Uma mulher mentirosa!

Que mais detesta? — Uma mulher sincera!

Que desejaria ser? — Um cherubim.

Que mais lhe irrita os nervos? — Um mau poeta fazendo versos e uma *bas bleu*.

Qual o seu esporte predilecto? — Estudar a alma humana.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Qual o seu poeta favorito? — Todos os que me sabem commover.

Qual o musico? — Idem.

Que mais agrada o seu paladar? — O azinhavre... do "cobre"...

Que côr prefere? — A das "notas"...

Que perfume lhe agrada mais? — O "di femmina"...

Que animal prefere? — O papagaio.

Porque? — Porque, ás vezes, fala melhor que o homem...

Qual a sua maior ambição? — Ter muito dinheiro!

Que genero de divertimento prefere? — Dizer mal das mulheres...

Se fosse millionario que faria? — Compraria um bonde cheio... de melindrosas...

Como desejaria morrer? — Nos braços daquella a quem amo...

Onde? — Onde estivessemos.

Que é que mais o diverte ahi no Rio? Responder a questionarios.

J. VIEIRA (S. Paulo) — Antes de tudo, leiamos a sua carta, onde vem a desculpa, adrede preparada, para justificar a sua má poesia. Eis a carta:

"Yves, saudações. Com a presente tomo a liberdade de enviar-lhe umas quadras, pedindo para as mesmas sua valiosa attenção. Não quero me intitular de poeta, porém amo a arte dos "versos"; pouco importa se a decepção me espera... mesmo assim, não desanimarei. Se por acaso, e com as devidas rectificações, forem esses pobres versos publicados, jamais terei tamanha satisfação. O meu desejo, como nortista emigrado, é somente prendar o ser que mais prezo nesta vida e a quem devo tudo quanto sou; não o podendo fazer d'outra fórma desejava fazer desta.

Agradecido desde já, firmo-me seu Cro. Admor. J. Vieira."

Em seguida, testemunhando um delicado amor filial, o sr. perpetrou estas quadrinhas (?) domesticas — do mesmo modo que se fazem pasteis de camarão com azeitonas, bolo de fôrno (pão de Ló) e macarronada á italiana...

A MINHA MÃI

Mãi... ser bemdicto, idolatrado
Frondosa sombra d'arvore amiga,
Que me acolhes no teu seio amado
Quando chego cançado de fadiga.

Mãi... sacrario ante mim aberto,
Santa por quem vivo, meu enlevo;
Nesta vida a ti, tudo offerto,
Por que na vida á ti tudo eu devo...

Hoje distante de ti ó mãi querida
Não te esqueço siquer um só ins-
[*tante...*

Quer viva, alegre ou triste, nesta
[*vida*
Não me sae da mente teu sem-
[*blante.*

Por essa estrada de torturas que
[*palmilho*
Sinto-me ainda disposto a soffrer
[*mais.*
Por que mais soffreste por teu
[*filho*
Tendo prantos, soluços, tendo
[*ais!...*

Ouça agora a resposta:

A) — Poesia é objecto de luxo. Ou é bôa ou a gente passa sem ella.

B) — Para fazer a bôa poesia é indispensavel saber escrever e conhecer no minimo algo de literatura e arte poetica. A technica também é imprescindivel, meu caro. A não ser assim, o sr. não passará de um poeta de meia tigela, e de versos de pés quebrados.

C) — O sr. tem o direito de ser bom filho, e isso é uma bella coisa. Mas ser bom filho e estropiar um poema para render homenagem de seus progenitores é um crime de lesa-arte, que merece uma severa punição.

D) — O peor dos seus crimes, poeta, é eleger o Fon-Fon para vehiculo de publicidade das suas rabuzeiras literarias. E a minha paciencia? Não vale alguma coisa?

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

Graphologia. — Condições indispensaveis para se obter o estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição natural, e com a graphia habitual; 3º — A assignatura deve ser authentica, affim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido:

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone 2-4136

FON-FON — 8-2-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

Telephone Norte 4424

AVENIDA PASSOS, 120 - RIO

32$ Fina pellica envernizada, preta, com fivella de metal. Salto Luiz XV, cubano médio.

42$ Em fina camurça preta.

Pellica envernizada preta, com naco cinza ou beije, salto baixo:

De ns. 23 a 32 .... 26$000
De ns. 33 a 40 .... 28$000

Todo preto, menos 1$000.
Porte, 1$600 em par.

32$ Fina pellica envernizada, todo preto, ou combinação de naco Rosa ou Cinza, Luiz XV, cubano médio.

Porte, 2$500 em par.

Superiores alpercatas de pellica envernizada, preta, typo meia pulseira, com florão na gaspea:

De ns. 17 a 26 .... 8$000
De ns. 27 a 32 .... 10$000
De ns. 33 a 40 .... 12$000

Em naco beije, mais 2$000.
Porte, 1$600 em par.

Catalogos gratis, pedidos a
JULIO DE SOUZA

Leiam todas as quartas-feiras

NOSTRADAMUS

Romance historico de Michel Zevaco

A' venda em todos os pontos de jornaes

Um amor de homem

NA grande Republica da America do Norte, tudo se resolve pelos tribunaes e tudo se funde em dollars. Quer a importancia de uma casa queimada ou o desengano causado por um amor que fóge, tudo é summariamente reduzido a dollars, que serão entregues como reparação dos prejuizos.

A prova do que affirmamos é o processo escandaloso ha pouco movido por Mme. Linda Mull Zeiss, filha de J. H. Mull, presidente da "Cramp Shipbuilding" Companhia, contra a riquissima viuva Wiggins, allegando que a viuva usára de todos os meios para seduzir seu marido, o alegre e bemquisto Mr. Frank W. Zeiss Junior, membro da "Second City Troop", da "Union League" e de outras organizações de Philadelphia.

Zeis era amigo do fallecido marido de Mrs. Wiggins, e, a pretexto de consultas sobre negocios, a viuva chamava-o constantemente á sua casa. Dahi nasceu a perigosa intimidade que acabou tão mal. Mme. Zeiss, porém, que é casada apenas ha quatro annos, não se resignou facilmente a perder o coração do esposo, apesar de ser um paiz onde os esposos e os corações podem ser facilmente substituidos... Fez barulho, foi aos tribunaes e moveu uma acção de perdas e damnos contra a viuva sapéca, avaliando o prejuizo da perda do amor daquelle marido ingrato em $250.000.

Antes de intentar processo, Mme. Zeiss telephonou á rival dizendo que ella estava seduzindo Mr. Zeiss.

A outra respondeu mal e a prejudicada foi pessoalmente á casa da viuva para melhor defender a sua causa. Ali chegando, Mrs. Wiggins não negou o facto e disse, apenas, que chamava o marido della a pretexto de tratar de negocios, isso sem desmentir o *flirt* escandaloso que existia.

O escandalo estalou. Os jornaes falaram e Mrs. Zeiss disse, entre outras coisas feias, que

por $ 250.000!...

Mrs. Wiggins era uma Circe. A viuva, que havia supportado todas as accusações, impassivelmente, pulou quando se viu comparada á vampira grega, á seductora de Ulysses! Isso era demasiado duro! Ella uma Circe segunda! Homero havia desmoralizado bastante a filha de Perse e Helios para que uma comparação com ella não fosse considerada uma injuria seria! Ella, a viuva de um homem importante, igualada á encantadora perversa que tinha por habito attrahir á sua ilha os pobres navegantes que passavam, e subjugal-os pelos seus encantos, e quando isso não era possivel, como no caso do valoroso Ulysses (que só escapou porque comeu uma herva que o immunizava dos venenosos olhos da feiticeira) ficava tão enraivecida que castigava a todos que lhe estavam proximos, transformando até algumas victimas em porcos feios e immundos! Ora, Mrs. Wiggins que não se importava de passar por seductora do marido alheio, subiu a serra quando se viu tão mal comparada, e nem a belleza deslumbrante de Circe attenuou a magoa que isso lhe causou.

A questão foi para a Camara Commum N.º 4.

— Pensa em divorciar-se? — perguntaram a Mme. Zeiss.

— Não. Não ha motivo bastante forte para firmar o pedido, mas, como em consequencia do choque soffrido, fiquei muito doente, e depois dessa desillusão a felicidade não me será possivel, acho que posso accionar a culpada por perdas e damnos avaliados em $ 250.000. Hei de ganhar a questão, estou certa disso, *pois é muito justo o que peço.*"

Não será um conto do vigario passado á viuva pelos dois aguias?...

E ahi têm os leitores como se funde um coração em dollars...

(*Adaptação de uma noticia de jornal americano*).

A ADULTERA...

DE IZABEL SANDY

UMA alma simples. Seus paes haviam-na educado á camponeza, exigindo della um trabalho constante, continuado, ás vezes acima de suas forças, mas considerando-a a rainha de seu lar. O que havia de melhor na mesa frugal, era para ella e, aos domingos o pae não esqueceria nunca o saquinho de bonbons, já meio derretidos, que, alegre e cheio de orgulho lhe trazia da cidade.

Voltava sempre tarde, com o passo cansado e pouco seguro, porque esse bebedor d'agua, grande amador das fontes geladas que desciam pelos rochedos, deixava um pouco de sua razão no litro de bom vinho com que reconfortava o estomago, ao sahir da missa, numa casa de pasto onde habitualmente, naquelle dia, fazia o seu almoço. E, a cada retorno á casa, depois da offerta dos bonbons á "pequena", não faltava, tambem, uma "scena" a proposito de nada: a humilde escrava não tinha soltado o gado bastante cedo, ou cedo de mais tel-o-ia deixado sahir rumo ás escarpas banhadas de sol... O punho do homem enervado, brutalisado, erguia-se e descia, então, sobre a pequena, que se encolhia, medrosa. E ella gritava, por habito, no intimo pouco surprehendida com aquelles gestos de brutalidade, praticados de muito tempo, na familia. O avô, um ancião venerando, muito alvo e muito cabelludo, batia sua boa avó; as tias eram rudemente espancadas pelos tios, e quando, casada, ella foi, por sua vez, estupidamente surrada, com menos de oito dias depois de suas nupcias, ella julgou o facto como não tendo a menor importancia e acceitou, resignada, o seu destino.

Levantando-se pela madrugada, deitando-se depois de todos — sempre a ultima —, trabalhava durante todos os dias do anno, sem um repouso, sem um domingo, não raro grosseiramente censurada pelo "mestre" por causa de suas idas quotidianas á cidade, quando havia leite a vender.

Jacota descia, de um folego, cinco a sete kilometros de um caminho que as proprias mulas venceriam com difficuldade, levando sobre a cabeça, protegida por uma "rodilha", uma grande cesta cheia de vasos contendo leite. Ella marchava, marchava, com o pescoço estufado, a cabeça immovel, petrificada e rapida, para realizar uma venda de que resultava, a essa epoca, uma quantia insignificante.

Mas era preciso retomar, de galope, a "vereda das cabras" e, mal chegava em casa, com quatorze kilometros nas pernas, sem se sentar um segundo, ia logo activar o fogo, preparar a sôpa, servil-a, emquanto vae comendo em pé, para, depois, correr os campos até á noite. "Moleirona!" — ralhava o homem.

Aconteceu, porem, um dia, Jacota não entrar á hora habitual. Furioso, a principio, depois inquieto, o homem subiu o rochedo, de onde dominava o magnifico desdobramento da grimpa calva, recortada de veredas brancas ou amarellentas, onde nada passava...

Cauteloso e prevenido, porque não lhe convinha mostrar a menor solicitude pela sua eterna escrava, elle se dissimulava em pura perda por traz de uma arvore mirrada. Que fazia Jacota? Victima de um accidente? Mas o caminho era tão seguro! Teria encontrado algum galanteador? Era, na sua idade, já perto dos quarenta!...

O camponio contou pelos dedos, juntou sete annos mais á sua idade e concluiu que Jacota attingia a seus 36 annos de edade...

Coçou a barba, accendeu um cigarro e, pela primeira vez na sua vida, observou a cidade que, já em baixo, mostrava a agglutinação de seus tectos azues, ao longo do rio serpenteante. A cidade... estrangeiros ignorantes das coisas da terra, que alli nascem e morrer sem que o rincão montesino conheça um só de seus pensamentos. É para alguns delles que Jacota leva seu leite fresco... Ella entra na casa delles, toda manhã, tagarella um pouco, ás vezes, acceita um copinho de vinho... ella propria lh'o dissera...

— E que tem isso?... Uma velha! — murmurou raivosamente, o "mestre". Quem a quereria?

Elle aspira o ar, apura o ouvido e crê escutar um eco longinquo de marcha militar, que se passara em baixo?

Poucos momentos depois, alguem delle se approxima. E' um pastor da visinhança, malicioso, esperto, mettido a sabichão, e que lê o jornal.

— Estás ouvindo? E' a inauguração da estrada de ferro de Hespanha! Ha uma festa na cidade. Vieram dois ministros, ha discursos, bandas de musica, e muita coisa mais!

— Hoje?... repete o marido de Jacota, que não quer crêr no que está ouvindo. Então... era isso que estava retardando Jacota, que estava fazendo da escrava uma revoltada, uma mulher que esquecia o trabalho de todo dia...

Não! não! Isso não é possivel! Jacota não o ousaria nunca. Ha qualquer outra cousa. Depois, ella não é tão velha assim... E elle, agora, lembrava-se de que um dia, quando passavam juntos, dois transeuntes que cruzavam, ao vêl-a, murmuram: "Que bello typo de mulher!"

Essa reflexão despertou seu furor e reanimou o seu desejo...

Jacota tem um namorado: ella ha de confessar, e, elle, o "mestre", lhe infligirá o castigo que ella merecer, como o que se applica a uma besta de carga que se affasta de seu caminho. Que elle tivesse arrastado algumas camponezas para o fundo dos bosques, ou, no inverno nas granjas discretas, não tinha que dar satisfação a ninguem. Jacota, porem, culpada, seria castigada impiedosamente.

O homem, apparentemente calmo com esse pensamento, deixou seu posto de observação e resignou-se em servir a si proprio a sôpa quente. Os rumores da festa já não chegavam a seus ouvidos. Somente os ruidos familiares cortavam o silencio: o cacarejar de uma gallinha, o berrar das cabras impacientes.

O tempo passa. O sol penetra por baixo da porta.

— E se ella não voltasse mais! — murmura o "mestre" que, a esse pensamento, sente o mundo gyrar em derredor delle...

Pela primeira vez na sua vida elle comprehende o valor dessa mulher desprezada, espancada, mais maltratada do que as bestas de carga. Ella era a

(Continúa na pagina 50)

A ADULTERA...

(CONCLUSÃO)

bloco daquella casa, sobre que elle se erguia, invulneravel! Que seria delle, agora?

Ella entrou com o passo seguro, poz seu cesto sobre a mesa, e, sem dizer uma palavra, retirou o panno que lhe cobria a cabeça. Seus bellos traços de longe dava-lhe um encanto especial. Estava bella mesmo, apezar de sua fadiga e, com gestos lentos, olhos semi-cerrados, enxugou o suor que lhe corria do rosto. Um ar de satisfação não habitual filtrava-se através de seus olhos, nos cantos de sua bocca. Onde estavam, pois, a pressa de hontem e o receio de desagradar o "mestre"?

Elle, de um salto, approximou-se della e, sacudiu-do-a pelos hombros, gritou-lhe:

— Jacota, onde estavas?

— Na cidade — respondeu ella sem se perturbar.

— E que estiveste a fazer durante tanto tempo?

— Vendi o leite e comprei algumas provisões...

— E foi nisso, somente, que gastastes uma hora e meia mais do que nos outros dias? Hein? Não respondes? Que? Tu dás de hombros, fazes pouco de mim?

Batia-lhe, agora, como um louco furioso sem que ella se queixasse, ou se dignasse responder-lhe.

— Com quem estiveste? o seu nome?... E' o creado do Biêmblanc, hein? Pensas que não notei que elle te fallava sempre que podia?... Um canalha, como aquelle! E' elle? Mas responde! responde! Se não eu te estrangulo!

— Não, não é elle — disse ella, calmamente.

— Então, quem? quem? — berrou o "mestre", possesso.

Desprendeu-se delle sem dizer uma palavra, porque seu silencio lhe proporcionava um duplo prazer: o de excitar o ciume do bruto e o de guardar intacta, para ella só, a visão inesquecivel que ella vinha de contemplar, durante uma grande hora, em pé, sem se lembrar de seus pés doloridos...

A cidade em festa. Um longo cortejo official e, sobretudo, este milagre: tambores cheios de barulho e clarins, brilhando ao sol, em estridulos de harmonia, a fazerem subir para o céo seus rythmos febricitantes... Nunca, nunca a filha das montanhas, embalada pela voz das torrentes, imaginava houvesse uma tão bella musica na terra! Novos horizontes abriam-se para ella e a libertavam. O homem, que a observava, encontrava-a com outro aspecto, com outro olhar...

Então, quasi meigo, dominado emfim, pelo eterno mysterio feminino, disse á "adultera":

— Agora, quando estiveres cançada, eu é que irei pastorear. Trabalhas muito...

A RAÇA

Na estrada poeirenta do progresso,
A cem kilometros por hora,
Nosso automovel, ultimo typo,
Vae correndo,
Engulindo

Pontes...

Morros...

Ladeiras...

Um sol brasileiro, ardente, tropical,
Sobre os cafezaes, sobre as montanhas,
Como um carrasco, espalha o seu calor
E, derramando sua luz, é um perdulario!

Nesse dia indolente,
Os coqueiros magestosos e erectos,
E as nossas verdes bananeiras,
Não tinham, para abanar suas folhas,
Leques que lhes deu a Natureza,
Nem uma aragemzinha suave e gostosa.

Aquelles homens, que estão cavando a terra,
São caboclos fortes que vieram lá do Norte,
Bandeirantes sublimes do trabalho,
Que, com as suas sandalias,

Passo

A

Passo,

Procuraram o mar verde do café!
São estrangeiros e seus filhos brasileiros...

Por causa daquelle calorão,
Os papagaios, os sabiás e as arapongas
Estão recolhidos a seus ninhos.

.. ..

Parou quasi toda a Natureza
Por causa daquelle calorão!

.. ..

E aquelles homens suarentos,
Caboclos que vieram lá do Norte,
Estrangeiros e seus filhos brasileiros,
Estão fecundando o ventre desta terra,
Estão construindo a raça brasileira!

.. ..

E nosso automovel ultimo typo
Vae correndo a cem kilometros por hora.

.. ..

Aquelles homens...

Moraes e Silva

A unica maneira segura e inoffensiva de modificar o leite de vacca e os alimentos artificiaes, para evitar as *colicas, os vomitos, a prisão de ventre*, etc. nas creanças, é accrescentar á mammadeira una colhersinha de

"LEITE DE MAGNESIA de PHILLIPS",

o anti-acido por excellencia, de fama universal. **Empregado pelas mães e receitado pelos medicos, ha mais de cincoenta annos.**

Indispensavel no lar, por *ser tambem o remedio o mais brando e o mais efficaz, contra a* **indigestão, os estados biliosos, a azia, e a acidez do estomago.**

Si não é "Phillips", não é Leite de Magnesia!

Exijam Philips com rotulo em Portuguez
Paul J. Christoph Company
OUVIDOR 98 [illegible] S. BENTO 35 S. PAULO